

LUCAS ANTOSZCZYSZYN

**ASSOCIATIVISMO FEMININO, BAILES DE DEBUTANTES E MEMÓRIAS:
HISTÓRIA DAS MULHERES E O GRÊMIO FLORES DA PRIMAVERA EM
IRATI-PR (1954-1978)**

**IRATI, PARANÁ
2022**

LUCAS ANTOSZCZYSZYN

**ASSOCIATIVISMO FEMININO, BAILES DE DEBUTANTES E MEMÓRIAS:
HISTÓRIA DAS MULHERES E O GRÊMIO FLORES DA PRIMAVERA EM
IRATI-PR (1954-1978)**

Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em História, Curso de Pós-Graduação em História, Área de Concentração “História e Regiões”, da Universidade Estadual do Centro-Oeste – UNICENTRO-PR.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Alexandra Lourenço.
Linha de Pesquisa: Espaços Simbólicos, Ambiente e Corporeidades

**IRATI, PARANÁ
2022**

Catálogo na Publicação
Rede de Bibliotecas da UNICENTRO

A635a Antoszczyszyn, Lucas
Associativismo feminino, bailes de debutantes e memórias: história das mulheres e o Grêmio Flores da Primavera em Irati-PR (1954-1978) / Lucas Antoszczyszyn. -- Irati, 2022.
xiv, 160 f. : il. ; 28 cm

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual do Centro-Oeste, Programa de Pós-Graduação em História, área de concentração em História e Regiões, 2022.

Orientadora: Alexandra Lourenço
Banca examinadora: Claudia Priori, Nadia Maria Guariza, Alexandra Lourenço
Bibliografia

1. Mulher – elite. 2. Debutante - baile. I. Título. II. Programa de Pós-Graduação em História.

CDD 981



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CENTRO-OESTE/UNICENTRO
Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação - PROPESP
Programa de Pós-Graduação em História – PPGH
Área de Concentração – História e Regiões

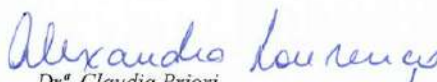


TERMO DE APROVAÇÃO

Lucas Antoszczyszyn

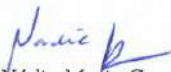
ASSOCIATIVISMO FEMININO, BAILES DE DEBUTANTES E MEMÓRIAS: HISTÓRIA DAS MULHERES E O GRÊMIO FLORES DA PRIMAVERA EM IRATI/PR (1954-1978)

Dissertação aprovada em 29/07/2022, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre, no Programa de Pós-Graduação em História, área de concentração em História e Regiões, da Universidade Estadual do Centro-Oeste, pela seguinte Banca Examinadora:



Dr.^a Claudia Priori

Universidade Estadual do Paraná
Titular



Dr.^a Nádia Maria Guariza

Universidade Estadual do Centro-Oeste
Titular



Dr.^a Alexandra Lourenço

Universidade Estadual do Centro-Oeste
Orientadora e Presidente da Banca Examinadora

Irati – PR
2022

*Escrito em meio a uma pandemia, dedico-o para todos/as aqueles/as
que ousam escolher o árduo e desvalorizado percurso da ciência, da
universidade e dos estudos, como caminho de suas vidas, em um país
como o nosso.*

AGRADECIMENTOS

Eis o último tópico a ser escrito, em uma tarde chuvosa, na qual também me despeço do ofício de compor essa dissertação. Dois anos concluídos em um piscar de olhos! Certamente, o/a leitor/a não poderia imaginar o filme que passa na minha mente. Afinal, esse trabalho é fruto da colaboração e das contribuições de muita gente! Me acompanhe no desafio de lembrar de todos/as.

Para Rosani, Albino e Amanda, minha querida e trabalhadora família, o meu maior agradecimento. Essas três pessoas me acompanham com amor, cumplicidade, compreensão e fôlego desde o início dos meus dias, são elementos fundamentais da minha razão de ser. Desde cedo, me mostraram que os estudos seriam a única fonte de luz diante das armadilhas que o mundo prepara. Se me tornaram bom, é porque são excelentes. Não seria possível escrever sequer uma linha sem o estímulo diário de vocês.

À incrível, atenciosa, criativa, paciente e sábia professora Alexandra Lourenço, que é minha parceira nessa jornada de conhecimento há pelo menos 5 anos. Agradeço pela parceria, mas principalmente pela confiança em meio a um contexto de pesquisa tão perturbador. Estudar sobre as sociabilidades desenvolvidas em clubes sociais e agremiações foi, lá em 2017, ideia dela. Me apaixonei pela proposta e esse trabalho reflete algum desse esforço até então.

Às professoras Nadia Maria Guariza (Unicentro) e Claudia Priori (Unespar), que compuseram a banca de qualificação e posteriormente de defesa, meus agradecimentos pelos apontamentos, sugestões, críticas construtivas, pela humildade e generosidade que possibilitaram uma virada de chave nesse estudo.

Ao colegiado do Programa de Pós-Graduação em História, do qual fui representante discente, agradeço pelo aprendizado. Do corpo docente, Rosemeri Moreira, Ana Maria Rufino Gillies e Danilo Fonseca, agradeço por conduzirem com muito vigor um conjunto de disciplinas essencialmente importantes para o desenvolvimento do estudo em questão. Do PPGA da Universidade Positivo, agradeço Fabio e Luiz Gustavo, que me acolheram durante uma disciplina enriquecedora. Aos professores e professoras do curso de Licenciatura em História, também da Unicentro, que me acompanharam durante a jornada, em especial à estimada professora Vânia Vaz, que me recebeu em seu ambiente de ensino e oportunizou minha experiência de estágio.

Ao PPGH, na figura de Cibele Zwar, atenciosa secretária, e das estagiárias Amanda Berger, Amanda A. e Daiane Arruda. Essas pessoas sanaram dúvidas quanto às tramitações, procedimentos e acompanharam minha jornada com muita empatia.

À equipe do Centro de Documentação e Memória da Unicentro *campus* Irati, bem como da Biblioteca Municipal de Irati, por terem fornecido fontes históricas e materiais bibliográficos. À Universidade Estadual do Centro-Oeste, “pública, gratuita e de qualidade”, na figura dos/as servidores/as, que me possibilitaram um dia a dia usufruindo desse espaço, como estagiários/as da biblioteca, vigilantes, pessoal da manutenção, copeiras, jardineiros/as (que me possibilitaram, além de tudo, uma bela vista).

Às mulheres que contribuíram imensamente na etapa de pesquisa de campo. Cibeli Grochoski, uma excelente pesquisadora, colega de profissão, que conhecia as mulheres do Grêmio Flores da Primavera. Luiza Filus, estimada professora, escritora e empresária que me acolheu e conduziu meu caminho na procura por fontes orais. Mana Menon, uma senhora muito simpática, que cedeu o álbum de debutante da sua filha Edilian (anexo a essa dissertação). Também agradeço a Vergílio por disponibilizar uma parte do acervo do Grêmio Flores da Primavera, disposta no Centro Cultural Clube do Comércio.

Às entrevistadas, responsáveis por tantos e tantos relatos sobre o Grêmio Flores da Primavera, sobre os bailes de debutantes e suas trajetórias de vida. Agradeço pela disposição, pelo aceite em

integrar essa pesquisa e pelas longas interlocuções que me possibilitaram densos panoramas a respeito das suas atuações na sociedade iratiense ao longo do tempo.

Aos colegas de mestrado, Cleyton e Vaniele, pelos momentos de cumplicidade durante a jornada, e pelo intercâmbio de ideias. À Loiana, parceira de estudos desde os anos de graduação, com quem criei uma rede de compartilhamento diário de angústias, boas notícias, carinho, crises de riso, memes e dificuldades. Eu enlouqueceria -ainda mais- se não tivesse um porto seguro, que sentisse exatamente como eu, nessa etapa da minha vida. Fico feliz que tenha sido você!

Aos amigos, que pacientemente entenderam minha ausência e exaustão, e que algumas vezes chegaram a ouvir (principalmente o Tiago, o mais próximo e de longe o mais paciente) meus intermináveis monólogos sobre a história de Irati, das debutantes, do Grêmio Flores da Primavera, sobre relações de gênero, formas de distinção, inclusive dialogando comigo a respeito desses temas. Agradeço de coração!

Ao Coronel Antoszczyszyn, meu gato inesquecível, que faleceu recentemente por envenenamento. Obrigado por ter subido em meu colo durante as frias madrugadas e me esquentado, como um aquecedor móvel, quando tive que ser produtivo e te deixar de lado. Obrigado por ter me alegrado com seus trejeitos quando o mundo todo parecia hostil.

À querida professora Soely, por ter realizado a revisão ortográfico-gramatical dessa dissertação, com afinco e agilidade, do início ao fim.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, por ter me contemplado com uma bolsa de estudos, pois do contrário, não sei se teria condições de concluir a pesquisa.

Aos pesquisadores, pesquisadoras, trabalhadores e trabalhadoras do âmbito do Sistema Único de Saúde, não só por terem colocado a vacina contra Covid 19 no meu braço, ou protegido as pessoas que amo, mas por me fornecerem perspectiva de continuidade quando não havia.

Por fim, agradeço a Zeus, cara, Oxalá, energia, algo do tipo. Não sei dizer ao certo o nome do fenômeno que me acompanhou, porém reconheço o auxílio de alguma força descomunal advinda da natureza.

Se esqueci de alguém, me perdoe, é culpa da minha pressa. Para todos/as aqueles/as que de alguma forma me estenderam a mão durante esse período ímpar, muito obrigado.



*“Oh girl, wash your face 'fore you come to the table”
“Girl, know your place, be willing and able”
“Take it on the chin, let the best man win”
“Girl, shoulders back and stand up straight”
“Girl, watch your mouth and watch your weight”
“Mind your manners, smile for the camera”*

*And pose like a trophy on a shelf
Dream for everyone but not yourself
I've heard of God the Son and God the Father
I'm still looking for a God for the daughters*

LITTLE BIG TOWN. “THE DAUGHTERS”

RESUMO

Esta dissertação apresenta histórias e memórias de mulheres do e no Grêmio Flores da Primavera, em Irati-Paraná, a partir das perspectivas de Relações de Gênero e História das Mulheres. O recorte temporal é estabelecido, durante os anos de 1954-1978, por apresentar um recorte viável para compreender a sociedade, as mulheres e as relações de gênero em suas dimensões locais. Para tal, foi preciso refletir a respeito da sociedade iratiense, que passou por transformações advindas do processo de urbanização e industrialização entre os anos 1950 e 1960 (os “anos dourados” da produção cultural brasileira), o que possibilitou a ascensão de um grupo significativo à classe média, pelo aumento de poder aquisitivo, mas muito mais pela detenção de meios de produção, habilidades e organização. Deste modo, as pessoas passaram a constituir grupos seletivos e usufruir desses espaços formais de sociabilidade, como os clubes e agremiações de teor lúdico e recreativo, demarcando uma elite social, composta por cidadãos influentes na esfera da sociabilidade formal do meio urbano. Esse fenômeno é analisado pela compreensão dos esquemas simbólicos que delimitam as diferenças, os significados, conforme propõe Pierre Bourdieu (1998). Em Irati dos anos 1950, o Clube do Comércio poderia agregar homens dessa categoria, enquanto as mulheres, poderiam associar-se ao Grêmio Flores da Primavera. Identifica-se uma separação entre os clubes, voltados para a associação masculina, e os grêmios, para a associação feminina, por conta da presença de discursos que, a partir das diferenças biológicas, estabeleciam diferenças culturais, sociais e políticas entre os mesmos. Fundado em 1921, o Grêmio Flores da Primavera foi um dos espaços de sociabilidade formal frequentados pelas mulheres da elite social e dispunha de dispositivos que visavam a construção e a manutenção de feminilidades. A partir dos anos 1950 até os anos 1980, nesse grêmio, constrói-se uma tradição, a organização dos bailes de debutantes, eventos estes que são marcas do período de urbanização e refletem, em discursos conservadores, o papel das mulheres na sociedade. Depois dos anos 1980, os bailes de debutantes passam a ser cada vez menos frequentes, assim como a atividade do quadro social do Grêmio Flores da Primavera. Ao desfrutar de tais espaços masculinizados e feminilizados (o clube de homens e o grêmio de mulheres), a elite social produzia e era incorporada pelo capital simbólico, partia de estratégias forjadas para alcançar seus objetivos, pelo reconhecimento entre os pares interiores aos clubes (os sócios do clube e sócias do grêmio, o que inclui as suas respectivas diretorias), enquanto os “igualmente sociáveis”, eram reconhecidos ante a sociedade iratiense. No que diz respeito ao grêmio das mulheres, pôde-se concluir análises historiográficas de documentos deixados por essa organização, por suas participantes e pelas debutantes, que se constituem como fontes históricas. Analisaram-se diversos *corpus* documentais, como atas, ofícios, correspondências, colunas em periódicos, cartilhas de missa, *carnet* de baile, memórias obtidas pela oralidade. Assim, encontraram-se vestígios de como seria a atuação, a vivência e a organização dessas mulheres naquele âmbito da sociedade iratiense, permitindo uma compreensão sob o domínio dos esquemas simbólicos em que as agentes históricas estavam envoltas, reforçando, assim, as diferenças construídas entre os gêneros. Para embasar as discussões, tomamos como parâmetros as contribuições teórico-metodológicas de Joan Scott, Pierre Bourdieu, Michel Foucault, Michel de Certeau, Michelle Perrot, Roger Chartier, Maurice Halbwachs, Michael Pollak, dentre tantos outros pesquisadores e pesquisadoras das mais diversas áreas do conhecimento.

Palavras-Chave: História das Mulheres, Grêmio Flores da Primavera, Irati - PR.

ABSTRACT

This dissertation presents stories and memories of women from and in Grêmio Flores da Primavera, in Irati - Paraná, from the perspectives of Gender Relations and Women's History. The temporal cut is established during the years 1954 - 1978, as it presents itself as a viable cut to understand society, women and gender relations in their local dimensions. To this end, it was necessary to reflect on the Iratian society, which underwent transformations arising from the urbanization and industrialization process between the 1950s and 1960s (the "golden years" of Brazilian cultural production), which enabled the rise of a significant group to the middle class, due to the increase in purchasing power, but much more due to the possession of means of production, skills and organization. In this way, these people started to form selective groups and enjoy these formal spaces of sociability, such as clubs and associations with a ludic and recreational content, demarcating a social elite, composed of influential people in the sphere of formal sociability in the urban environment. This phenomenon is analyzed by understanding the symbolic schemes that delimit the differences, the meanings, as proposed by Pierre Bourdieu (1998). In Irati in the 1950s, the Clube do Comércio could add men from this category, while women could join the Grêmio Flores da Primavera. A separation was identified between the clubs, aimed at the male association, and the guilds, towards the female association, due to the presence of discourses that, based on biological differences, established cultural, social and political differences between them. Founded in 1921, Grêmio Flores da Primavera was one of the spaces of formal sociability frequented by women of the social elite and had devices aimed at the construction and maintenance of femininity. From the 1950s to the 1980s, in this guild, a tradition was built, the organization of debutante balls, events that are hallmarks of the urbanization period and that reflect in conservative discourses regarding the role of women in society. After the 1980s, debutante balls became less and less frequent, as was the activity of the Grêmio Flores da Primavera membership. By enjoying these masculinized and feminized spaces (the men's club and the women's guild), the social elite produced and was incorporated by symbolic capital, departing from forged strategies to achieve their goals, whether recognition among peers inside the clubs (the members of the club and members of the guild, which includes their respective directors) while the "equally sociable", were the recognition before the Iratiense society. With regard to the women's guild, it was possible to conclude historiographical analyzes of documents left by this organization, by its participants and by the debutantes, which constitute themselves as historical sources. Several documental corpus were analyzed, such as minutes, official letters, correspondence, columns in periodicals, mass booklets, dance carnets, memories obtained orally. Thus, traces of how these women's performance, experience and organization would be in that context of Iratian society, allowing an understanding under the domain of the symbolic schemes that such historical agents were involved, which reinforce the differences built between the genders. To support these discussions, we took as parameters the methodological theoretical contributions of Joan Scott, Pierre Bourdieu, Michel Foucault, Michel de Certeau, Michelle Perrot, Roger Chartier, Maurice Halbwachs, Michael Pollak, among many other researchers from the most diverse areas of knowledge.

Keywords: Women 's History, Grêmio Flores da Primavera, Irati - PR.

LISTAS

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 01	41
Vista externa do Centro Cultural Clube do Comércio (2022)	
FIGURA 02	55
Vista da Recepção do Centro Cultural Clube do Comércio (2022)	
FIGURA 03	66
Ofício de Olga G. Zeni ao Grêmio Flores da Primavera (1959)	
FIGURA 04	71
Contrato de serviços entre Orval e Sua Orquestra e o Grêmio Flores da Primavera	
FIGURA 05	93
Ata do Grêmio Flores da Primavera, 25/09/1982	
FIGURA 06	106
Brotinho Indócil. Jornal Correio do Sul, 03/07/1960	
FIGURA 07	110
Convite ao Baile da Primavera no Jornal Correio do Sul (1958)	
FIGURA 08	111
Fragmento da Coluna Social de ‘Correio do Sul’, outubro de 1961	
FIGURA 09	113
Páginas do carnet ‘Baile das Debutantes de 1972’	
FIGURA 10	115
Foto Mariano - Estúdio Fotográfico. Anos 1950	
FIGURA 11	119
Frente do folheto ‘Missa das Debutantes’, 1977	
FIGURA 12	128
Trecho da Coluna Social do JCS, 24/09/1961	
FIGURA 13	129
Apresentação da debutante Edilian Menon, 1975	

LISTA DE MAPAS

MAPA 01: Irati nos anos 1960	29
MAPA 02: Localização dos Clubes de Irati - PR (1954 - 1978)	40

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 01: A Prática do debutar em Irati ao longo dos anos (1954 - 1980)	135
--	-----

LISTA DE TABELAS

TABELA 01

Organizações civis em Irati - PR segundo o Catálogo “Livro do Cinquentenário do Município de Irati” (1957)	33
--	----

TABELA 02

Associações femininas do interior do Estado do Paraná	52
---	----

TABELA 03

Fundadoras do Grêmio Flores da Primavera (1921)	59
---	----

TABELA 04

Correspondências entre o corpo diretor das Soroptimistas (1965) e o Grêmio Flores da Primavera (1932 - 1979)	68
--	----

TABELA 05

Propostas ao Grêmio Flores da Primavera (1954 - 1960)	72
---	----

LISTA DE ABREVIATURAS

APAE - Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais de Irati

CC - Clube do Comércio

CEDOC/I - Centro de Documentação e Memória da Unicentro *campus* Irati

FBPF - Federação Brasileira pelo Progresso Feminino

GFP - Grêmio Flores da Primavera

JCS - Jornal ‘’Correio do Sul’’

PR - Paraná

SBCI - Sociedade Beneficente Cultural Iratiense

SUOBRI - Sociedade União Operária Beneficente e Recreativa de Irati

UNICENTRO - Universidade Estadual do Centro-Oeste

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
CAPÍTULO 1: Irati, elite social e mulheres de elite: histórias possíveis	26
1.1 “Terra da Batata” nos “anos dourados”: Como um catálogo comemorativo, narra Irati - PR.	26
1.2 Elite e seus espaços de sociabilidade formal	35
1.3 Sempre há uma narrativa nova: mulheres de elite e o pensamento historiográfico	45
1.4 Associativismo feminino e suas funções	49
CAPÍTULO 2: O Grêmio Flores da Primavera e suas atribuições	57
2.1 O Grêmio Flores da Primavera	57
2.2 Testemunhas oculares, mais que meros objetos: as memórias e a construção da fonte oral.	73
2.3 Memórias, vivências e sociabilidades: De que maneira o Grêmio sobrevive ao exercício das lembranças?	79
CAPÍTULO 3: “mais belas, as flores ou as debutantes?”: histórias do Debut	97
3.1 Ser debutante é “coisa de menina!”: As feminilidades	97
3.2 Símbolos das e para as debutantes	107
3.2.1 A mídia e a debutante	107
3.2.2 Carnet de baile e o “sorriso poema” da debutante	112
3.2.3 a missa da debutante	118
3.3 Os bastidores do meu baile de debutante	122
CONSIDERAÇÕES	139
REFERÊNCIAS	142
FONTES	151
ANEXOS	154

INTRODUÇÃO

De certo modo, a trajetória da pesquisa, aqui apresentada, vem sendo elaborada desde a graduação em História, sendo resultante de quatro pesquisas anteriores, tanto de Iniciação Científica quanto de Trabalho de Conclusão de Curso. De Iniciação Científica foram duas, ambas voluntárias, sendo a primeira intitulada “O Clube do Comércio e a sociedade iratiense no século XX: aspectos da identidade regional”, de 2017, quando se refletiu a respeito da constituição da identidade cultural entre os membros de um clube social, inserido na zona urbana de Irati - PR, o Clube do Comércio. Criado em 1924, esse clube atendia uma parcela da população iratiense na zona urbana, oferecendo aos seus sócios benefícios de cunho recreativo e de lazer.

A partir das descobertas proporcionadas, realizou-se a segunda IC, “Memórias do Clube do Comércio: identidades reveladas por meio das entrevistas”, de 2018. Aqui, o foco foi sobretudo a constituição das memórias de dois presidentes e uma participante do âmbito do clube. Constatou-se, durante a vivência dessa pesquisa, que o sentido de identidade ultrapassa o teor cultural do pertencimento a determinadas etnias ou classes sociais, ultrapassa até mesmo o teor econômico nas percepções dos sujeitos entrevistados. Havia ali, por mais que discretas, no princípio, (ou melhor, discretas para o pesquisador), as relações de gênero, que também originaram e originam percepções próprias sobre si e sobre os outros. Percebeu-se que na primeira IC, a atuação de mulheres no âmbito do clube foi, praticamente, ignorada e, quando se incorporou ou naturalizou-se uma sociedade composta apenas por homens, surgiu a questão vital: “e as mulheres? Onde estão as mulheres?”.

Na tentativa de corrigir essas ausências, e oportunizada pelos conhecimentos adquiridos na disciplina de Antropologia das Relações de Gênero, ofertada pela professora Alexandra (orientadora em todos esses trabalhos), apresentou-se a terceira pesquisa: o texto “Relações de Gênero em Irati/PR: os papéis socialmente construídos na esfera do Clube do Comércio”, em 2019, no II Colóquio de Gênero e Pesquisa Histórica, da Unicentro. Até então, o problema parecia estar resolvido, falamos das mulheres. Entretanto, pelas leituras posteriores, percebeu-se que era necessário delimitar “algo mais”. A ausência de profundidade incomodava.

Sintetizando os resultados das três pesquisas mencionadas e complementando com inquietações que surgiram durante a longa trajetória (principalmente sobre atribuição de

sentidos de identidade, relações sociais e de sociabilidade para frequentadores do clube), surgiu a quarta, o Trabalho de Conclusão de Curso intitulado “Sociabilidades, distinção social e identidades: o Clube do Comércio no cenário iratiense (1958-1965)”, também apresentado em 2019. Mesmo essa síntese não foi suficiente para responder à questão elaborada anteriormente: “e as mulheres?”, muito menos delimitar o “algo mais”.

Por mais que se tenha observado, na coleta de depoimentos de homens e mulheres, algumas diferenças na estrutura narrativa de pertencimento, que sempre apontava para um caminho, de pelo menos dois existentes e completamente distintos, continuava-se, de certo modo, negligenciando o segundo. O primeiro era o supracitado Clube do Comércio, “grupo dos homens”. O outro, o Grêmio Flores da Primavera, o “subgrupo das mulheres”.

Pois bem. Após todo esse trajeto, chegou a hora de falar com mais propriedade acerca das mulheres. Elas não estavam guardando, de propósito, segredo de suas atuações. Atentou-se que, desde o princípio, mulheres foram, propositalmente, ocultadas e apagadas pela história e este seria mais um trabalho que não as perceberia. O Clube, dirigido por homens, dispunha de uma sede, de uma ampla cadeia de associados e oferecia atividades variadas como as culturais e desportivas, não era o suficiente. Era aliado ao Grêmio, que contava com a direção de mulheres, as quais usufruíam de um quadro social mais modesto, em números, oferecendo uma menor variedade de atividades direcionadas ao público feminino.

Criado em 1921, O Grêmio Flores da Primavera foi uma instituição comandada do início ao fim por mulheres, em Irati - PR, sob o domínio da recreação e do lazer. Promovia eventos sociais como bailes de debutantes, concursos de beleza, desfiles de moda, dentre outras atividades.

Pelas narrativas proporcionadas, nas pesquisas anteriores, presentes em depoimentos, percebeu-se que o Grêmio Flores da Primavera e o Clube do Comércio possuíam estreitas relações de cooperação. Entretanto, a esfera social do clube não deixava de agregar as mulheres, já que pelas condições de desfrute das atividades recreativas, sempre havia a presença destas. Cabe então um questionamento dos porquês da existência do grêmio, pois frequência era mista. Teríamos várias possibilidades para responder:

A primeira é a própria composição do quadro social do clube, formada por homens. Nos casos familiares, enquanto o filho conseguia se associar, havia uma limitação para a filha

e a esposa. Daí, pelas conclusões precipitadas das pesquisas anteriores, teria surgido a emergência de uma associação feminina, para acompanhar o ritmo e a lógica clubista masculina, porque os acordos de sociabilidade, ao passo que permitem interações, também ocasionam fragmentações.

Entretanto, quando se deteve uma mínima atenção à gênese desses dois espaços, percebeu-se que o Grêmio das mulheres iniciou suas atividades antes mesmo que o clube dos sócios homens. O Grêmio foi criado em 1921, e o Clube, pelo menos dois anos depois. Portanto, não caberia aqui a suposição de uma necessidade, uma emergência das mulheres para acompanhar os homens em suas atividades sociais, mas o contrário: os homens originaram seu clube a partir da necessidade de acompanhar as mulheres em suas empreitadas sociais.

Logo, pensar nas razões da existência desse Grêmio demandou em uma ótima oportunidade de continuidade da pesquisa. É neste trabalho que surgiram preocupações a respeito da composição simbólica, do seu histórico institucional, suas atividades, seu corpo diretor, as associadas e suas formas de vida, relações de cooperação, cotidiano e muito mais, problematizando estas preocupações pelas discussões a respeito de sociabilidades no âmbito regional e relações de gênero. Entram a dominação masculina e seus mecanismos como o controle do corpo nas reflexões a respeito da construção das feminilidades.

O início da década de 1950 e final da década de 1970 apresentaram-se um recorte viável para o desenvolvimento deste estudo, pelo contato com as fontes e pelas motivações do próprio. Ora, dos anos 1950, 1960 e 1970 vem a vasta produção cultural do grêmio, as narrativas em memórias, é do recorte que se faz uma peça extremamente relevante para compreender a sociedade, as mulheres e as relações de gênero em suas dimensões regionais.

Compreendendo a sociedade iratiense e seus nichos associativos, nessa delimitação temporal, surgem vários questionamentos para as antigas diretoras do Grêmio: a partir das vivências, o que significa o grêmio para as senhoras que faziam parte da composição? Quais suas importâncias e diferenciais para a sociedade iratiense ante a tantas outras associações? Naquele contexto, e hoje, qual a percepção a respeito da história e da tradição desse grêmio?

Perguntas como estas instigam a existência de elementos simbólicos na relação de cooperação entre as mulheres e das mulheres à sociedade. Identificar as percepções dessas agentes históricas, a respeito de suas próprias trajetórias, é um passo interessante. E como

veremos, trouxe resultados frutíferos e motivou a ampliação do enfoque da pesquisa. Era preciso atentar-se ao que esse Grêmio demandava. E a sua principal atividade, com efeito, era o baile de debutantes. Por que não dedicar atenção também às mulheres que foram debutantes, igualmente importantes para a pesquisa historiográfica e, assim como as diretoras, ocultadas anteriormente? O que significa e significava para elas terem sido debutantes? Essa vivência proporcionou percepções próprias a respeito do universo das relações de gênero? Como elas constroem a narrativa do debutar em suas próprias vidas? Assim, esta pesquisa objetiva uma nuance diversificada de percepções, proporcionada por conceitos históricos e sociológicos.

Para Maurice Halbwachs, clássico teórico das Ciências Sociais, a memória é um fenômeno coletivo, produzida essencialmente pela interação indivíduo – grupo. Por mais que apareça enquanto diversa, individual, o autor explica que isto se deve ao caráter específico (ou então ‘quadro social’) criado pela união do que seriam ‘correntes do pensamento coletivo’. Fábio Rios (2013) sintetiza o pensamento do sociólogo ao balizar um percurso sobre as teorias acerca do papel dos indivíduos na memória: A memória individual está contida no conjunto maior da memória coletiva, sendo apenas um fragmento ou uma visão parcial dos fatos vivenciados pelo grupo. Ela é mais densa, porém, menos abrangente do que a memória social. De modo geral, o indivíduo apenas materializa a ação de forças sociais que o ultrapassam.

Maurice Halbwachs (2013) acrescenta que o sentimento de liberdade e singularidade do indivíduo não passa de uma ilusão: a diversidade de comportamentos individuais pode ser entendida como o resultado das diferentes combinações de forças sociais sobre cada sujeito.

Ou seja, cada indivíduo é como uma configuração específica criada pelo cruzamento de diferentes forças sociais concomitantes. O sujeito sofre, ao mesmo tempo, a influência de diversas correntes de pensamento coletivo, mas por não poder atribuir seu comportamento a nenhuma delas exclusivamente, passa a creditar a si mesmo a responsabilidade por seus atos, acreditando na possibilidade de agir de modo totalmente autônomo. (RIOS, 2013, p.5).

No que se refere à preocupação historiográfica que funda este trabalho, vem ao encontro das produções semelhantes que contemplam pelo menos dois eixos: a história das mulheres e a história local. Da primeira, vem o reconhecimento das importâncias de se compreender e identificar agentes históricas outrora excluídas ou silenciadas nas relações simbólicas da sociedade. Vem da preocupação de historiadoras, como Natalie Zemon Davis e Arlette Farge (1990), de compreender e identificar os "excluídos" e as relações de poder na

sociedade que os excluem: “tomar a mulher a sério é reconstruir a sua atividade no campo das relações que se instituem entre ela e o homem, é fazer da relação entre os sexos uma produção social, a partir da qual o historiador pode e deve fazer a história” (1990, p. 11).

Pelas abordagens de História das Mulheres, proporcionadas por Natalie Zemon Davis, Arlette Farge (1990) e Michelle Perrot por exemplo, é possível compreendê-las (as mulheres) enquanto agentes históricas erroneamente e constantemente tidas como ‘dóceis, submissas’, sob o véu de uma historiografia que as desconsidera ou silencia.

As mulheres não são passivas nem submissas. A miséria, a opressão, a dominação, por reais que sejam, não bastam para contar a sua história. Elas estão presentes aqui e além. Elas são diferentes. Elas se afirmam por outras palavras, outros gestos. Na cidade, na própria fábrica, elas têm outras práticas cotidianas, formas concretas de resistência – à hierarquia, à disciplina- que derrotam a racionalidade do poder, enxertadas sobre seu uso próprio do tempo e do espaço. Elas traçam um caminho que é preciso reencontrar. Uma história outra. Uma outra história. (PERROT, 2017, 212).

No que diz respeito à história das mulheres, a reação da maioria dos(as) historiadores(as) não feministas foi o reconhecimento da história das mulheres para depois descartá-la ou colocá-la em um domínio separado “as mulheres têm uma história separada da dos homens, portanto deixemos as feministas fazer a história das mulheres, que não nos concerne necessariamente” ou “a história das mulheres trata do sexo e da família e deveria ser feita separadamente da história política e econômica”. (SCOTT, 1995, p. 5).

Portanto, os estudos de historiadoras e historiadores devem contemplar as mais variadas perspectivas acerca de discursos de poder. Pensando que cada sociedade é dotada de valores morais, determinados por avaliações culturalmente estabelecidas e que ressignificam com o passar do tempo, coube à pesquisa um espaço para reflexão a respeito dessas avaliações. Fez-se uma oportunidade para aprofundar o estudo e as discussões sobre esta associação e as relações de gênero que apareciam, desde a graduação (e aparecem, se tomarmos a memória uma evidência histórica inacabada e em constante manutenção), e às próprias memórias (coletiva e individual) das mulheres que frequentavam tal espaço, pensando a respeito do âmbito feminino e do masculino e de como as associações que frequentavam são lugares de construção e refratários a essas noções.

Pensar categoricamente em mulheres do/no grêmio nesse sentido, contempla considerá-las enquanto frutos de seu tempo. Muitas percepções primeiras surgem no que diz respeito à própria composição dessas mulheres, tidas como ‘damas da sociedade’, as ‘flores

da primavera' em periódicos, catálogos e memórias. Não denunciam necessariamente às suas atuações, mas ao discurso e ao contexto. Portanto, o ideal é mantê-las sempre aliadas às questões socioculturais e os discursos aos quais estavam inseridas.

A preocupação sobre Irati e a história local vem nesse sentido, para embasar o surgimento de discursos acerca dessas mulheres pela sociedade iratiense e local, significações que instigam às possibilidades de semelhança e diferença que se faziam presentes. A região não é encarada enquanto um território físico proporcionado pelo recorte espacial, mas muito mais: como ele é construído, o que ele proporciona para análise e o que (e como) tem sido produzido em narrativa e operação historiográfica a respeito dessa delimitação. Pela abordagem de Michel de Certeau, é possível estabelecer uma discussão sobre o lugar, construído em domínio simbólico, e o que ele representava e representa na medida em que é alvo de estudo na História, seus métodos e análises.

De parte a parte, a história permanece configurada pelo sistema no qual se elabora. Hoje como ontem, é determinada por uma fabricação localizada em tal ou qual ponto deste sistema. Também a consideração deste lugar, no qual se produz, é a única que permite ao saber historiográfico escapar da inconsciência de uma classe que se desconheceria a si própria, como classe, nas relações de produção e, que, por isso, desconheceria a sociedade onde está inserida. A articulação da história com um lugar é a condição de uma análise da sociedade. Sabe-se, aliás, que tanto no marxismo quanto no freudianismo não existe análise que não seja integralmente dependente da situação criada por uma relação, social ou analítica. (CERTEAU, 1982, p. 76)

Outra motivação que pode ter origem em si mesma é a emergência de registro não apenas das memórias dessas mulheres, mas de sua existência enquanto núcleo próprio, uma categoria sociocultural perante a sociedade iratiense. Deste modo, a necessidade de registro acadêmico é relevante, diz respeito a uma série de preocupações referentes a sociedade, carregando até mesmo uma função política, pois pretendeu-se investigar o passado e o presente de um grupo que, como qualquer outro naquele período e espaço, ocupava certos lugares, fazendo-se parte de uma complexa teia de relacionamentos da esfera pública por meio de uma organização explícita e seus constructos simbólicos que originaram (e originam) significados.

Desta mesma preocupação vem a iniciativa de oportunizar um espaço de fala para as próprias agentes históricas daquele período e que vem construindo a cada dia uma memória subjetivamente significativa para compreender os processos de atuação do grêmio, por meio das suas narrativas próprias e estruturadas de maneiras originais. Cabe ainda ressaltar que existe uma grande lacuna na História das Mulheres, apontada por Perrot (2007), no que diz

respeito ao registro das atividades e das vidas de mulheres comuns. Importante seria então trazê-las para o conhecimento da sociedade por meio de suas próprias narrativas sobre si mesmas no contexto das sociabilidades que travavam. E aí vem o papel da memória e das fontes orais, ao passo que representam tais narrativas.

A análise de vestígios deixados por agentes históricos permite o contato com as construções coletivas de determinados períodos. Neves (1997, p 27) demonstra que as construções sociais contribuem na interpretação do passado ao possuírem lugar na história. “A identidade social, construída coletivamente, é pessoal e intransferível. É matéria-prima das ações com as quais os homens constroem e transformam a história: a sua própria, a do seu local, a do mundo e, enfim, a da humanidade”.

Muitos clubes sociais fundados no Brasil, do fim do século XIX ao início do XX, tinham como propósito a recreação em determinadas circunstâncias: esporte, lazer, fins de filantropia, exercício cultural e religioso, dentre várias outras. Como afirmam Camargo e Silva, por mais que essas associações tenham motivações diversificadas, habitualmente existem semelhanças pontuais no que se refere às suas estruturas administrativas, demandas culturais e a relação entre os associados e a instituição.

Os clubes sócio-recreativos no Brasil podem ser considerados, na sua forma de concepção, uma manifestação democrática de participação popular, pois, enquanto representatividade social é o resultado da vontade de grupos de interesses atendendo diferentes segmentos da sociedade, seja originária de grupos de imigrantes, de elites da sociedade, de classes trabalhadoras, iniciativa pública ou empreendimentos privados. Esse formato espacial de sociabilidade, característico da vida urbana, consegue atingir grande parcela da população brasileira em todo o território nacional. A estimativa da CBC- Confederação Brasileira de Clubes - é que estejam vinculadas a algum clube mais de 53 milhões de pessoas. Esse número parte da média de 1.000 associados titulares em cada um dos 13.826 clubes multiplicado pelo número médio de quatro pessoas por família. (CAMARGO; SILVA, 2008, p. 70)

O estudo dos clubes, grêmios, associações, muitas vezes é permeado pelos temas que contemplam histórias locais. Tal opção metodológica enriquece e inova a relação de conteúdos a serem abordados, além de promover a busca de produções historiográficas diversas. Desta forma, existe atualmente uma valorização da história local, “o respeito pelo patrimônio que testemunha o passado local; a função e o valor histórico-social das instituições incumbidas da conservação do patrimônio e do estudo do passado; a utilização e divulgação pública de narrativas históricas das histórias locais” (DCE’S, 2008, p. 71-72).

Cabe ressaltar uma dificuldade sob a qual se envolveu o principal pressuposto deste trabalho, a viabilidade de entrevistar mulheres que viviam em Irati/PR e que faziam parte do Grêmio na década de 1960 e 1970, bem como senhoras que debutaram e usufruíram das atividades dessa organização. Parecia ótimo e simples no início de 2020! Entretanto, podemos dizer que foi uma árdua tarefa, especialmente por conta do contexto histórico desta pesquisa. Cada dia a mais, o Brasil se deparava com mais e mais mortes, por Covid 19 e pela tão grave negligência da gestão pública, sobretudo no âmbito executivo. Não se passou um dia sem manchetes amedrontadoras, isolamentos em muitos âmbitos, incluindo o físico e o emocional, e junto a tudo isso, a falta de perspectiva: “de quanto tempo isolados estamos falando? O que poderemos fazer?” E no caso desta pesquisa, “Quando poderemos produzir nossas fontes orais com segurança biológica?”.

Tão caras a este trabalho justamente pelo ineditismo que as memórias de diretoras e debutantes teriam a acrescentar, seria impossível deixar de fora a realização das entrevistas. E finalmente aconteceram, depois de meses agonizantes de isolamento que tardavam a se findar, mas que eram necessários diante do cenário de pandemia. Esperou-se até o momento mais seguro para as entrevistas, e esperou-se por muito, muito tempo.

Tanto tempo, que como alternativa, optou-se pela coleta e análise de outras fontes históricas, tipologias que nem apareceriam originalmente, mas que puderam ser melhor adaptadas ao contexto de pandemia: os documentos escritos, que transitaram digitalmente, nas nuvens, *e-mails* e *Hard Drivers*. São estes: atas, ofícios, cartilhas, periódicos etc. catalogados pelo Centro de Documentação e Memória da Unicentro, todos integram o âmbito do Grêmio.

Deste modo, o presente trabalho é composto por fontes documentais, acima citadas, e fontes orais. As fontes orais constituem relatos, possibilitados pelas entrevistas com 10 mulheres que participavam no contexto do Grêmio Flores da Primavera, dentre as quais 7 foram apresentadas como debutantes nos bailes dessa instituição.

A utilização da memória como fonte foi abordada por Jacques Le Goff, que considera que a mesma é a propriedade de conservar certas informações, é como se o passado estivesse ali presente, a lembrança do indivíduo inserido no contexto social que o clube proporciona constituindo uma identidade. Ao almejar-se a utilização de vestígios pela história oral por meio das memórias (não necessariamente coletivas, mas segmentos distintos dentro de um

mesmo grupo), nos deparamos com níveis variados de subjetividade, que demonstram o caráter constitucional da memória, uma construção histórica. Portelli baliza:

A memória é um processo individual, que ocorre em um meio social dinâmico, valendo-se de instrumentos socialmente criados e compartilhados. Em vista disso, as recordações podem ser semelhantes, contraditórias ou sobrepostas. Porém, em hipótese alguma, as lembranças de duas pessoas são –assim como as impressões digitais, ou, a bem da verdade, como as vozes- exatamente iguais. (1997, 16).

Pollak discorre sobre a organização dessa memória em função das preocupações do presente, sejam elas pessoais ou políticas. Por isso ela (a memória) é uma construção, no sentido consciente ou inconsciente, à medida que “grava, recalca, exclui, relembra, é evidentemente o resultado de um verdadeiro trabalho de organização”. (POLLAK, 1992, 204).

A metodologia do trabalho, portanto, fundamenta-se na investigação e no levantamento de informações sobre determinados aspectos, utilizando fontes orais (entrevistas), aplicadas ao estudo da memória ‘individual’ de mulheres relacionadas ao Grêmio, enquanto associação coletiva. A aplicação dessa metodologia de pesquisa não nos assegura, em nada, quanto a uma só verdade, bem como nenhuma garantia, mas nos possibilita o contato com vivências, diferentes ‘lentes’ perspectivas, que, ao serem mentalizadas ou verbalizadas, tornam-se sociais e proporcionam análises. ‘Se considerarmos a memória um processo, e não um depósito de dados, poderemos constatar que, à semelhança da linguagem, a memória é social’, salienta Portelli (1997, 16).

Além da história local, da história das mulheres e ainda uma junção dessas duas vertentes em trabalhos locais, que contemplam as mulheres enquanto foco, este estudo também se insere no recorte de classe em alguma medida, ao reconhecermos que contempla uma localizada elite social. No Paraná, cada vez mais frequentes são os trabalhos históricos que contemplam objetos similares, as instituições femininas com fins recreativos. Em 1998, OLIVEIRA, R.; FERREIRA, L. de F. e COMARELLA, M. analisaram uma documentação presente na Sociedade Clube Rio Branco, instituição cultural cujo público frequentador constituía-se de negros guarapuavanos, escravizados ou não, e seus descendentes.

O historiador Sandro Luis Fernandes (2015) contribui ao reconhecer uma divergência relevante em uma de suas notas de rodapé introdutórias ao Clube Rio Branco: havia, nos depoimentos de um ex presidente, a informação de que tal clube havia sido originado de uma associação feminina de lavadoras, o Grêmio Violeta. Na pesquisa dos autores acima,

Fernandes percebe que ambas as associações seriam fundadas na mesma data. A própria divergência percebida nas formas de narrar o grêmio diz respeito à memória e seus elementos que gravam, esquecem, recalcam.

Também a respeito do associativismo feminino negro, atribuído às formas de (re)existência das mulheres negras, está a dissertação da historiadora Fernanda Lucas Santiago (2019), cujo recorte contempla o Grêmio Flor de Maio e o Grêmio Princesa Isabel, associados ao tradicional Clube 13 de maio em Curitiba-PR. Em Irati -PR, a historiadora Amanda Lamara Demétrio (2020) escreveu uma dissertação a respeito de uma associação feminina da elite, cujos fins eram filantrópicos e surgiram da emergência em acompanhar o Rotary Club regional, composto por homens. Esse segmento permanece ativo sob a denominação de Casa da Amizade.

No capítulo que inaugura esta dissertação, o propósito é a contextualização do objeto de estudo e reflexões acerca dos usos das representações que diziam respeito ao local em que o Grêmio Flores da Primavera esteve inserido. A princípio, analisar uma organização do município de Irati dos anos 1950 até meados dos anos 1970 implicou em questões historiográficas e análises qualitativas de fontes históricas para uma melhor visualização do panorama em que o Grêmio Flores da Primavera se insere. É nesse sentido que entram as representações como iniciativas discursivas, intencionais, que objetivam a alteridade e proporcionam diversas formas de interpretação da realidade. Empenhou-se também na identificação de uma elite urbana, a partir de seus aspectos socioculturais e seu poder simbólico, dada a construção de uma região simbólica que implicava na diferenciação com as demais camadas da sociedade iratiense. Foi necessário refletir a respeito dos lugares das mulheres na historiografia, pois, por tanto tempo (e, por que não, até hoje?) tiveram seus lugares e participações políticas e sociais menosprezadas, tema do tópico 1.3; introduzimos as bases teóricas, as categorias históricas que regem este trabalho, sobretudo a respeito da História das Mulheres. Posteriormente, enquanto parte da análise bibliográfica, levantaram-se trajetórias a respeito do associativismo feminino no Brasil, ao longo do tempo.

No segundo capítulo, pretendeu-se evidenciar a respeito das construções no entorno do Grêmio Flores da Primavera. Assume-se que esta organização interagiu com o seu meio de modo a influenciar e ser influenciada, de acordo com seus *habitus* e seu *campo*, a constituir ideais de feminilidade, tanto para as diretoras e associadas quanto para as debutantes que participavam de seus bailes. Assim, o tópico 2.1 trata do GFP em si, enquanto instituição, e

sua configuração no tempo e no espaço. O tópico 2.2 propõe reflexões acerca da construção da memória e apresenta as evidências proporcionadas por meio da metodologia da História Oral. Por fim, o tópico 2.3 apresenta análises conteudistas a respeito das memórias.

O capítulo 3 direciona o trabalho para um patamar diferente do inicial: a construção do ato de “debutar”, tão disseminado no contexto do GFP. Nesse sentido, o tópico 3.1 apresenta a discussão de gênero, tão cara para as análises seguintes. Os tópicos seguintes tratam da construção da feminilidade sob diversos dispositivos e mecanismos simbólicos, que contemplam o corpo, a personalidade e as instituições. Enquanto o tópico 3.2 apresenta análises de fontes documentais de diversas tipologias, o tópico 3.3 tem o enfoque nas memórias de mulheres que tiveram seus bailes de debutantes organizados pelo GFP.

Esperamos contribuir para pesquisas posteriores. Tenha uma ótima leitura!

CAPÍTULO 1: Irati, elite social e mulheres de elite: histórias possíveis

1.1 “Terra da Batata” nos “anos dourados”: Como um catálogo comemorativo, narra Irati - PR.

Irati é um município localizado no sudeste do estado do Paraná. Por mais que a ocupação humana seja evidenciada no local, antes do século XIX, pela própria origem do nome da localidade, que indica presença indígena dos *Kaingang*, os demais vestígios sobre o mito da fundação do espaço, na maioria das vezes, dizem respeito aos colonizadores da região, demonstrando a ausência e o silêncio na história de populações inteiras.

Os colonizadores, por sua vez, possuem lugar na narrativa de fundação a partir de meados do século XIX e início do século XX, segundo demonstra o memorialista José Maria Orreda (1972), na tentativa de estabelecer um panorama do passado. Em 1907, por meio da chefia do executivo estadual, foi sancionada a lei nº 716, que reconheceu a emancipação política e fez de Irati um município.

Em 1957, quando se marcou o aniversário de cinquenta anos dessa emancipação política, muitas foram as manifestações de comemoração, os desfiles cívicos urbanos, feiras de exibição e venda, manchetes nos periódicos e até uma filmagem curta que, para a época, pode ser considerada uma forma tecnologicamente avançada de registro e produção da realidade¹. Nesse cenário, também foi planejada uma comissão responsável pelos festejos e produção de material de cunho comemorativo, a “Comissão Central das Comemorações do Cinquentenário de Irati”. Composta pelo então prefeito, pelo presidente da Câmara Municipal, por 4 sacerdotes, 10 homens sob o prefixo de “doutores”, 12 outros homens, duas mulheres com prefixo “D.” (dona) e uma de prefixo “senhorita”, Luiza Marchiori, diretora do Grêmio Flores da Primavera. Essa comissão produziu um catálogo, o ‘Livro do Cinquentenário do Município de Irati’.

A obra, além de se revelar um ponto de partida fértil, um retrato da sociedade, economia e política iratiense, nos anos 1950, apresenta algumas estimativas relevantes para esta pesquisa. Uma das estimativas vem do recenseamento no perímetro urbano, que, na ocasião, apontava para uma população de 10.121 pessoas, sendo classificadas em 52,15% do sexo feminino (destas, 3.825 maiores de 14 anos e 1.994 menores) e 47,84% do sexo masculino (destas, 2.876 maiores de 14 anos e 1.966 menores). Ainda, é apresentada uma

¹ “Cincoentenário de Irati”. Filmado por Padre Tadeu Dziedzic em 1957. Disponibilizado por Sérgio Ricardo Dlugosz. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=dguENZOHoug&ab_channel=S%C3%A9rgioRicardoDlugosz., Acesso em fevereiro / 2021.

comparação com o último censo, de 1950, indicando um aumento populacional de aproximadamente 30,11% nos últimos sete anos.

Além dos dados demográficos, é mencionada a existência de 2.170 residências, 632 veículos motorizados, 2.033 carroças, 86 estabelecimentos de ensino, 55 indústrias, 9 templos religiosos, 2 periódicos, 1 estação de rádio e 1 hospital em perímetro urbano.

Entretanto, mesmo os dados objetivos que se apresentam no catálogo dizem respeito a um panorama idealizado, que revela mais a atribuição de importâncias políticas, sociais e econômicas pela comissão organizadora do que as características que constituíam a localidade em si. Um exemplo do que não está escrito (e que pode ser inquietante) é a própria ausência do recenseamento na zona rural. Dado o contexto de produção, quais motivos levariam a comissão organizadora a evidenciar o urbanizado e não o rural?

Essa pergunta tem várias respostas, embora todas levem em conta a opinião e o jogo de interesses por trás da elaboração do material. Eduardo Roberto Jordão Knack (2013) apresenta reflexões pertinentes para o trabalho com esta tipologia, os álbuns e catálogos comemorativos de marcos históricos como o cinquentenário ou centenário de localidades. A relação entre construções da memória e narrativa oficial, sempre exaltando o fenômeno urbano, parece ser uma característica comum. A análise do objeto denuncia

como o imaginário comemorativo desperta para a identificação do objeto a ser comemorado e traz à tona interesses e opiniões a partir de um mesmo referencial dos diferentes grupos de uma sociedade. O objeto são as cidades e as comemorações tornam-se referência para a construção e legitimação de projetos, objetivos e visões de mundo. (KNACK, 2013, p. 274).

Por se tratar de uma obra cujo objetivo é comemorativo, quase uma propaganda do lugar, essa fonte histórica constitui-se envolta por um conjunto de representações. Enquanto fruto de perspectivas historiográficas que se preocupam com o diálogo entre as perspectivas da Nova História Cultural, este trabalho adota o conceito ambivalente de representações de Roger Chartier (1990). De acordo com o historiador da cultura, o objeto de estudo das representações consiste em “identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma realidade social é construída, pensada, dada a ler” (CHARTIER, 1990, p. 16).

Nestes termos, podemos considerar as representações como investimentos, iniciativas que classificam, dividem e organizam a compreensão do mundo social a partir de percepções próprias do real (CHARTIER, 1990, p. 17). Por mais que elas possuam temporalidades e espacialidades variáveis, estão sempre a abrigar perspectivas ante as relações de poder, na medida em que denunciam um conjunto de interesses de determinada camada da sociedade,

e, portanto, não possuem isenções morais ou discursivas, já que abrigam tais intencionalidades.

Dos objetivos centrais das representações, está a demonstração de autoridade ou legitimação, que tende a se relacionar com o meio e originar (1) a luta entre duas ou mais representações (que, segundo o historiador, constitui-se nos entraves entre concepções sociais distintas) e (2) o intercâmbio entre o produto material, resultante da ideologia representativa, e quem se debruça nesse conteúdo, originando o processo de apropriação, mediante uma forma legítima de interpretação.

O conceito de representação é ambivalente não apenas porque permitiu encarar “cultura” de formas distintas, quando a ciência Histórica se encontrava nos entraves entre o estruturalismo e a filosofia do sujeito, mas também porque agrega à discussão acerca da construção da verdade. Segundo Chartier (1990), na medida em que compõem lugar no real, as representações não se opõem ao real, porque são constituídas por meio de critérios, determinações sociais para, posteriormente, representar, ordenar e classificar a ordem social. Não teriam como ser, portanto, “extra” reais.

O contato com as fontes históricas, dotadas de representações, não busca a reprodução de uma verdade, nem mesmo uma ilustração do real. Não cabe a este trabalho constatar que os dados apresentados, nos recortes estudados, são verdadeiros, mas sim, pensar na constituição dessas verdades. Pelos dados apresentados acima e a seguir, propõe-se pensar nas preocupações históricas que percebem as representações, evidenciando-se a produção de verdades no contexto urbano de Irati dos anos 1950, 1960 e 1970, a partir da elaboração de significados pelos escritores, que demonstravam autoridade discursiva variável, logo, poderiam ou não ser coercitivos.

É justamente pensando nos usos das representações que poderemos identificar os discursos.

Irati, Irati, cidade amada / Que marchando na trilha do sucesso / A bandeira ostentas desfraldada / Com o brado de ordem e progresso. Irati, Irati, terra querida / Para honrar este nome tão pujante / Tua gente trabalha destemida / Pelo bem do Brasil gigante. Tens escolas, tens indústrias / E tens campanhas de trigais / Onde os filhos que são fortes / Teu perfil elevam sempre mais / Lá no morro a linda imagem / Que é nosso altivo relicário / Lembrará à posteridade / O teu feliz cinquentenário². (RIBEIRO, 1957)

Os versos acima, também apresentados no catálogo do Cinquentenário de Irati, foram escritos pelo músico iratiense Silvio Francisco Ribeiro e venceram um concurso que elegia o hino municipal em 1957, também na ocasião em que se comemorava o cinquentenário da

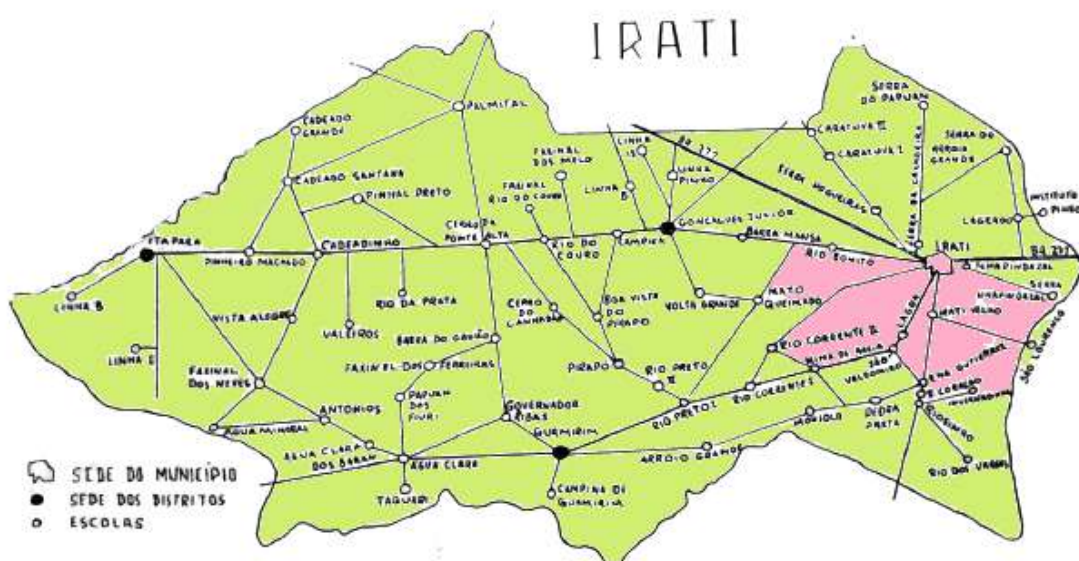
² Silvio Francisco Ribeiro, “Hino do Cinquentenário de Irati”. 1957.

emancipação política do município de Irati. Por trás da representação de uma localidade próspera, na linha do progresso econômico, social e político, percebem-se algumas características descritivas que dizem respeito à delimitação de duas regiões físicas: a urbana e a rural.

A propagação dos ideais de progresso político e econômico, no Paraná dos anos 1950, está situada na intenção dos intelectuais em construir uma identidade para os paranaenses, dentro daquilo que seria o “Paraná moderno”, como demonstra a historiadora Ana Paula Vosne Martins (1992).

O discurso da modernidade se fazia acompanhar por uma avaliação do passado, feita pelos intelectuais, onde se buscava reconhecer os agentes responsáveis pelo progresso e pelo desenvolvimento (...) É em busca do "homem paranaense", cujas origens étnicas se "diluíram" na "sociedade paranaense", que se olha para o passado, um passado coerente, solo de uma história que se constrói a partir da presença dos imigrantes estrangeiros no Paraná, "a terra prometida". (MARTINS, 1992, p. 3)

MAPA 01: Irati nos anos 1960³



Irati — principais estradas e localidades servidas de escola

Fonte: ORREDA, 1972.

Além da “linda imagem” do morro, fazendo uma alusão à estátua de Nossa Senhora das Graças, que teria sido construída às vésperas das comemorações de cinquentenário, são

³ Colorido pelo autor para evidenciar as proporções aproximadas do espaço rural, em verde, e do espaço urbano, em rosa.

apresentadas, no hino, as escolas que chegavam a boa parte das localidades rurais e urbanas, conforme o mapa acima demonstra, e também as indústrias, cujas quais eram majoritariamente localizadas em perímetro urbano.

Quando Ribeiro menciona as “campanhas de trigais”, refere-se ao espaço rural de Irati, responsável pelo cultivo e exportação de milho, feijão, arroz, mandioca e cebola, mas, principalmente, a batata⁴ e o trigo. A historiadora Neli Maria Teleginski (2012) pesquisou a respeito das sociabilidades em bodegas do interior de Irati e evidencia uma contradição entre os ideais de progresso que se faziam presentes, quando pautava-se a representação regional e a realidade da população que vivia na zona rural nos anos 1960.

As roças, hortas e cercados para criação de animais estavam menos comuns na área central, mas ainda podiam ser vistos nos maiores quintais e nas franjas da cidade com o campo. As mudanças se refletiam no comércio que se multiplicava e diversificava em estabelecimentos e oferta de serviços. No entanto, essas importantes e bem vindas melhorias se restringiam à área central, constituída, na verdade, por poucas ruas. Em contraste, o interior do município, sua área rural, continuava enfrentando os mesmos e antigos problemas como a falta de estradas e a precariedade das existentes, dificultando muito o escoamento da produção agrícola e o abastecimento dos moradores. (TELEGINSKI, 2012, p. 31).

Como demonstra Teleginski, o desenvolvimento da infraestrutura que permite uma representação mais significativa de ‘progresso’, na verdade, diz respeito à infraestrutura do centro da cidade, que abrigava a divisão administrativa, escolas, indústrias, comércio e demais serviços. Essa contradição demonstra a importância de se historicizar as impressões de progresso presentes nas fontes históricas do recorte evidenciado. Afinal, toda produção é fruto de seu tempo e espaço. Nos anos 1950, o que se apresentava enquanto um discurso urbanista, no Brasil e no ocidente, de forma geral, remonta ao desenvolvimentismo. Em última instância, de que progresso estamos falando e até a quem ele chega?

Bielschowsky (2010) baliza que o conceito de desenvolvimentismo é um exemplo de resignificância. Antes dos anos 1980, dizia-se, no Brasil, que o desenvolvimentismo era um projeto econômico conduzido pelo Estado, que pautava no fortalecimento da Indústria, a fim de superar o que seria o ‘subdesenvolvimento’, conceito este, datado de um contexto, em que os países eram classificados dessa forma⁵. A partir dos anos 1980, o termo tomaria vários

⁴ É no sentido agrícola que a expressão “Terra da Batata” foi fundamentada e amplamente disseminada para designar Irati até meados do século XX. Fabio Kruk (2005) explica: “ A boa qualidade da terra permitiu, no período de 1930-1945, uma produção em alta escala, fazendo Irati tornar-se a "produtora da melhor batata-inglesa do Brasil". (...) Na década 1960, a monocultura apresentava problemas com a grande produção e a baixa dos preços.”

⁵ A própria noção de Primeiro Mundo, Segundo Mundo e Terceiro Mundo, advinda do contexto de bipolarização entre o Capitalismo e o Socialismo econômicos, contribuiu para a determinação de quais países seriam os “desenvolvidos” e os “subdesenvolvidos”. (MELLO, NOVAIS, 1998).

sentidos, tanto para definir uma doutrina econômica oposta ao neoliberalismo quanto para as estratégias e políticas, nas, até então, novas condições institucionais e macroeconômicas, quando se tratava da globalização.

Desenvolvimento econômico é o crescimento com transformação estrutural, que conduz ao aumento de produtividade no trabalho e à melhoria do bem-estar. Nem sempre vem acompanhado de melhor distribuição de renda, e quase jamais caminha com a preservação ambiental. É também a ideologia de promoção do processo de desenvolvimento econômico por meio de uma combinação entre Estado e mercado. (BIELSCHOWSKY, 2010, p. 15)

Conforme o próprio economista reconhece, nem sempre o desenvolvimento econômico vem para todos e, evidentemente, apresenta riscos ao próprio bem-estar social. Portanto, o estabelecimento de um “ideal a ser alcançado” certamente pode ser identificado como sendo uma ideologia econômica. Nesses termos, dos anos 1930 até meados dos anos 1960, enquanto se discutia a respeito do liberalismo e do socialismo, “A centralidade ficou com a ideologia desenvolvimentista capitaneada pelas três correntes que operavam na promoção da transformação do Brasil – de produtor de matérias-primas agrícolas, em país urbano e industrial.” (2010, p. 17).

Não cabe a este trabalho um posicionamento mediante a trajetória econômica do desenvolvimentismo. Entretanto, além de reconhecê-lo enquanto uma ideologia a esse nível, podemos considerar também a sua dimensão ideológica por um fenômeno sociocultural. Ele está presente nas fontes históricas advindas dos anos 1950, 1960 e 1970, de Irati-PR. Sob o domínio das representações, surgem discursos de progresso carimbando periódicos, propagandas com ideais atrelados à industrialização, indicando aos leitores e leitoras as novas formas de consumo e também propondo novas formas de urbanidade. Pensava-se, dentre outras tantas constatações, que com a indústria fortalecida, surgiriam os produtos de “última geração” que teriam o pressuposto de garantir uma melhor qualidade de vida ou otimização de determinadas funções humanas, mantendo, assim, uma realidade modernizada. Deste modo, sustentamo-nos na análise sociocultural do sociólogo Paulo Silvino Ribeiro (c2016), que aponta para algumas das principais características do processo de urbanização.

Do ponto de vista da cultura e do imaginário social, acreditava-se que o Brasil estava a caminho de se tornar uma nação moderna, principalmente ao adotar um padrão de vida ao mesmo tempo muito diferente da vida rural e muito próximo ao modelo consumista do capitalismo norte-americano. No cotidiano das donas de casa estavam presentes toda a sorte de “aparelhos modernos” como liquidificador, batedeira, fogão a gás, televisores, enceradeiras, sem contar os produtos industrializados como alimentos, bebidas, artigos de higiene pessoal e beleza etc. Além disso, os meios de comunicação como o cinema, a televisão e o rádio difundiam-se cada vez mais, sendo fundamentais na disseminação de um pensamento nacionalista e da ideologia de um país rumo ao progresso. (RIBEIRO, c2016).

É então que nos debruçamos ao recorte do trabalho, tomando a descrição “Anos Dourados”, amplamente disseminada para definir o período de 1945 a 1964. A ideia é constituída pelo pressuposto do desenvolvimentismo aplicado à busca, na produção cultural brasileira, pela modernidade. No caso brasileiro, esses ‘anos dourados’ referem-se à busca pelo consumo do estilo de vida norte-americano. Conforme explicam o economista João Manuel Cardoso de Mello e o historiador Fernando Novais (1998), os “Anos Dourados” são verdadeiros reflexos da industrialização e da urbanidade visualizada naquele período, acompanhados de otimismo. Talvez o maior exemplo desse otimismo perceptível esteja referenciado no entusiasmo à construção de Brasília, uma cidade completamente planejada em um espaço, até pouco tempo antes, precariamente urbanizado.

Entre 1945 e 1964, vivemos os momentos decisivos do processo de industrialização, com a instalação de setores tecnologicamente mais avançados, que exigiam investimentos de grande porte; as migrações internas e a urbanização ganham um ritmo acelerado. O ano de 1964 marca uma inflexão, com a mudança do "modelo" econômico, social e político de desenvolvimento, e esta transformação vai se consolidando a partir de 1967-68. Mas, nesse período (1964-79), as dimensões mais significativas dessa mudança não eram perceptíveis, deixando a impressão de uma continuidade essencial do progresso, manchada, para muitos, pelo regime autoritário. A partir de 1980 ("a década perdida"), finalmente, a nova realidade se impõe. (MELLO, NOVAIS, 1998, 561).

Para além das noções de progresso, o que Mello e Novais também evidenciam, durante a fase de “Capitalismo tardio”, é o aumento do poder aquisitivo da população brasileira. Logicamente, isto não superou as mazelas da desigualdade tão alarmantes no país até os dias atuais, entretanto, possibilitou o crescimento da classe média.

A classe média pode ser compreendida não apenas pela classificação advinda das formas de trabalho, ou da situação de mercado, mas também pelo que Erik Olin Wright delimitou como uma camada da população detentora da repartição de três ativos, segundo Wright (1993, *apud* SCALON; SALATA, 2012), meios de produção, habilidades e organização:

Cada um desses três tipos de ativos funcionaria como um dos eixos a partir dos quais as classes seriam delimitadas. Dessa maneira, uma mesma classe poderia estar em posições distintas nos diferentes eixos. As classes médias se caracterizariam, justamente, por estarem em posições contraditórias em relação aos diferentes ativos. Não seriam proprietárias dos meios de produção (com exceção dos pequenos empregadores), mas possuiriam habilidades e/ou estariam em posição privilegiada no que se refere à organização. Para Wright, fariam parte das classes médias os pequenos empregadores, gerentes, supervisores e trabalhadores manuais qualificados. (p. 391).

A classe média em Irati/PR, durante as décadas de 1950 a 1970, era composta por pessoas que tinham acessos maiores do que das décadas anteriores, condições de investir tempo e recursos na escolaridade e nas atividades de lazer, por exemplo. Essa classe não só passou a adquirir mais produtos e serviços, como também adentrou aos espaços de sociabilidade de cunho recreativo, anteriormente exclusivos às elites econômicas, que dispunha de mais recursos materiais.

Pensando no desenvolvimentismo socioeconômico e nos reflexos culturais que o discurso apresenta, a historiadora Carla Bassanezi (2004) expõe o capítulo ‘‘As mulheres dos anos dourados’’, inserido na obra ‘‘História das Mulheres no Brasil’’.

O Brasil dos anos 50 viveu um período de ascensão da classe média. Com o fim da Segunda Guerra Mundial, o país assistiu-se otimista e esperançoso ao crescimento urbano e à industrialização sem precedentes que conduziram ao aumento das possibilidades educacionais e profissionais para homens e mulheres (...) Em geral, ampliaram-se aos brasileiros as possibilidades de acesso à informação, lazer e consumo. As condições de vida nas cidades diminuíram muitas das distâncias entre homens e mulheres; práticas sociais do namoro à intimidade familiar também sofreram modificações. (BASSANEZI, 2004, p. 508).

A contextualização proposta por Bassanezi é fundamentada justamente pelo caráter de ascensão da classe média e maior possibilidade de acesso ao lazer que a sociedade iratiense aparenta apresentar. Além das indústrias, do comércio e do mundo do trabalho de forma geral, o lazer e a recreação também fazem parte desse cenário de desenvolvimentismo na medida em que refletem, ainda, a vontade pelo moderno, o caráter distintivo, o desfrute da sociabilidade que parte das atividades lúdicas e diferenciariam os/as praticantes ante as outras parcelas da sociedade iratiense. No mesmo catálogo comemorativo, são identificadas várias organizações civis que podem ser classificadas em seis categorias:

Tabela 01: Organizações civis em Irati - PR segundo o Catálogo ‘‘Livro do Cinquentenário do Município de Irati’’ (1957)

Categoria	Nome da Organização	Localização
ASSOCIAÇÕES DE CLASSE	1) Associação Comercial, Industrial e Agrícola	Urbana
	2) Associação Rural	Rural
	3) Sindicato dos Oficiais Marceneiros e Trabalhadores na Indústria de Serrarias e Móveis de Madeira	Urbana

SOCIEDADES RECREATIVAS	1) Clube do Comércio	Urbana
	2) Sociedade Beneficente Cultural Iratiense	Urbana
	3) Sociedade União Operária Beneficente e Recreativa	Urbana
	4) Sociedade Beneficente e Recreativa 7 de Setembro	Urbana
	5) Clube Guarani	Rural
SOCIEDADES RECREATIVAS FEMININAS	1) Grêmio Flores da Primavera	Urbana
	2) Grêmio Flor de Lis	Urbana
	3) Grêmio Magnólia	Urbana
	4) Grêmio Pérola do Sul	Urbana
SOCIEDADES FILANTRÓPICAS	1) Rotary Clube	Urbana
	2) Leons Clube de Irati	Urbana
ASSOCIAÇÕES ESPORTIVAS	1) Irati Esporte Clube (“o decano”)	Urbana
	2) Clube Atlético União-Olímpico	Urbana
	3) América Esporte Clube	Urbana
	4) Clube de Caça e Pesca	Rural
OUTRAS ENTIDADES ESPORTIVAS	5) Lamil Futebol Clube	Dado inexistente
	6) Grêmio Estudantil Dr. Fernando Rocha	Urbana
	7) Grêmio Esportivo Turunas do Sul	Dado inexistente
	8) Isal Futebol Clube	Dado inexistente

Elaborado pelo autor

A tabela acima permite exemplificar que, tanto homens quanto mulheres que viviam no perímetro urbano de Irati, assistiam ao fenômeno que os permitia usufruir cada vez mais de espaços recreativos, desportivos e, em certa medida, relacionados ao trabalho. Além, é claro, de bens de consumo, acesso a produtos. Conforme demonstrado pelo catálogo, estas

associações estavam concentradas, majoritariamente, em meio urbano, refletindo esta busca por formas distintas de sociabilidade que compõem o discurso de modernidade.

Entretanto, mesmo no meio urbano, estas possibilidades não chegavam para todas as pessoas de maneira uniforme, pois nem todas conseguiam ascensão econômica, social e de capital cultural. Para quem conseguia, restava então a reprodução de mecanismos para diferenciação, tanto entre urbanizados e não urbanizados quanto entre os “socialmente aceitos” e, por sua vez, os referidos “excluídos”, o que corrobora na ideia da repaginação (ou ainda, na concepção) de uma elite.

1.2 Elite e seus espaços de sociabilidade formal

Aqui poderíamos simplificar, generalizando a sociedade urbana iratiense dos anos 1950, 1960 e 1970 em um só grupo simbólico, uma elite. No entanto, a realidade é muito mais complexa. Como vimos no tópico anterior, nem todas as pessoas da localidade de Irati passavam pelo mesmo processo de urbanização o que não indica, necessariamente, o pertencimento a uma elite econômica. Cabem então alguns apontamentos que nos fazem delimitar uma elite em outros termos, muito específica e muito bem localizada.

Além desses pressupostos, consideramos os parâmetros do historiador Flavio M. Heinz que, desde os anos 1990, vem construindo pesquisas cujos temas são relacionados à História das Elites. O historiador explica, logo no início de “Por outra História das Elites” (2006), que, por mais que não haja um consenso quanto ao entendimento do conceito de elite, para designar determinados agentes históricos, este pode ser compreendido como um termo de amplo sentido descritivo, “que faz referência a categorias que parecem ocupar o “topo” de “estruturas de autoridade ou de distribuição de recursos”. Assim, podemos associar os agentes históricos, contemplados acima, como os “influentes, abastados, privilegiados, dirigentes” (HEINZ, 2006, p.7) em suas temporalidades e espacialidades.

Ainda que esse termo fosse utilizado em larga escala, desde muito tempo por historiadores, na maioria das vezes aparecia de forma imprecisa, o que denunciou falta de consistência teórico-reflexiva e levou Flávio Heinz a criticar duplamente seus pares. Se por um lado havia imprecisão incorporada aos objetos, por outro, originou-se um comodismo instrumental nos estudos que mencionam a existência de uma elite.

A noção de elite, pouco clara e seguidamente criticada por sua imprecisão, diz respeito acima de tudo à percepção social que os diferentes atores têm acerca das condições desiguais dadas aos indivíduos no desempenho de seus papéis sociais e políticos. Se, em outros momentos, sua imprecisão conceitual pode ser percebida

como uma deficiência por cientistas sociais e historiadores ciosos em dotar suas análises de "consistência científica", esta mesma imprecisão tornou-se doravante cômoda e, de certa forma, instrumental: de fato, um número crescente de pesquisadores encontra na noção de elite uma forma de se estudar os grupos de indivíduos que ocupam posições-chave em uma sociedade e que dispõem de poderes, de influência e de privilégios inacessíveis ao conjunto de seus membros, ao mesmo tempo que evitam a rigidez inerente às análises fundadas sobre as relações sociais de produção. (HEINZ, 2006, p. 8)

A partir dos anos 1970, com o referido enfraquecimento da hegemonia marxista nos estudos sociais e da História, passam a aparecer correntes de pensamentos que questionam o modo com o qual o conhecimento fora construído e conduzido, o que propicia um outro olhar sobre as elites que eram reconhecidas, principalmente, pelas relações de produção, portanto, econômicas. Nas palavras de Heinz, passou-se a escrever a história parecida com uma "sociologia do passado", que contempla em seus objetos as

'características sociais mais ou menos constantes (...) as propriedades sociais mais requisitadas em cada grupo (...) a composição dos capitais ou atributos cultural, econômico ou social (...) enfim, conhecer os modelos e/ou estratégias empregados pelos diferentes membros de uma elite para alicerçar uma carreira exitosa e socialmente ascendente. (HEINZ, 2006, p. 9).

É nesse sentido que o presente objeto de estudo, o Grêmio Flores da Primavera, bem como o Clube do Comércio, associação frequentemente citada como a "filiação" do primeiro, podem ser compreendidos enquanto iniciativas empregadas por uma elite social composta por homens e mulheres, que parte de uma estratégia forjada para alcançar seus objetivos sociais, pelo reconhecimento entre os pares interiores ao clube (os sócios e sócias e as suas diretorias), ao passo que os "igualmente sociáveis", pelo reconhecimento ante a sociedade iratiense, duas agrupações recreativas aparentemente determinadas pelo sexo.

Além do critério "masculino/feminino", há o de seleção, de acordo com a vontade do grupo. Grupos fechados, como clubes e grêmios, tendem a buscar a homogeneização de classes, estilos, condutas, estabelecendo rigorosos padrões para aqueles que anseiam candidatar-se a participar. Pierre Bourdieu, em "A Distinção" (2007), explica que esses são atributos da dialética da desclassificação e reclassificação.

Para proteger sua homogeneidade, os clubes chiques submetem os pretendentes a procedimentos bastante estritos, tais como proposta de candidatura, recomendação e, às vezes, apresentação - no sentido próprio - por padrinhos já membros do clube há vários anos, escolha confiada à assembléia dos membros ou a um comitê de admissão, compra de cota cujo valor é, às vezes, extremamente elevado (BOURDIEU, 2007, p. 157).

Deste modo, os grupos garantem a continuidade de seus valores, princípios, e a composição de seus quadros sociais que buscam distinguir-se de outros segmentos da

sociedade. Neste caso, distinguir quem tem capital social de quem não tem. O convívio da sociabilidade de elite é um exercício de reprodução social, nos moldes de Bourdieu, “transmitir, sem mediação nem controle, seus poderes e privilégios” (2007, p. 111). Esse exercício é tão naturalizado pelos sujeitos envolvidos que aparentam julgar uma predisposição nata, quase uma herança que determinada o que a pessoa tem, e a qualifica ou não para participar daquele meio.

De fato, os grupos mais seletivos preferem evitar a brutalidade das medidas discriminatórias e acumular os encantos da ausência aparente de critérios; deste modo, os membros do grupo alimentam a ilusão de uma escolha baseada na singularidade da pessoa, assim como as certezas da seleção que garante o máximo de homogeneidade ao grupo. (BOURDIEU, 2007, p. 156).

As representações nas fontes históricas, a seguir, demonstram o caráter distintivo que, no ato da escrita, era constantemente reforçado. Destes casos, tomamos, como exemplo, novamente o catálogo comemorativo aos cinquenta anos de emancipação política de Irati (1957). Ao citar as associações recreativas, de lazer e cultura, o material apresenta certos elementos que contribuem para a análise do que seria um atributo de elite social ante a sociedade geral:

O nível social de Irati, que já transparece como elevado, para uma cidade interiorana, amplia-se de maneira impressionante, em todas as camadas da população: O Clube do Comércio, com sede vasta e confortável, apresentando ao seu corpo de sócios uma biblioteca selecionada e, semanalmente, uma sessão cinematográfica, mantém-se como a agremiação líder; seguem-se-lhe a Sociedade Beneficente Cultural Iratiense, a Sociedade União Operária Beneficente e Recreativa, a Sociedade Beneficente e Recreativa 7 de Setembro e o Clube Guarani, todos operando com entusiasmo e tenacidade, em edifícios próprios. (1957, p.16)

De fato, o Clube do Comércio, fundado em 1924, foi uma associação recreativa bastante significativa para uma parcela da sociedade iratiense. Na fonte acima, esta agremiação é legitimada como a "líder", logo após ter sido mencionado que Irati possuía clubes para “todas as camadas da população”, aparentemente, referindo-se aos atributos sociais, culturais e econômicos, justamente os aspectos que Flávio Heinz (2006) aponta como elementos que permitem uma análise sobre os vestígios de uma elite. Além do Clube do Comércio, são mencionadas, no mesmo parágrafo, outras quatro associações, mas evidenciou-se uma intenção, naquele tempo, de identificar a elite social que dispunha de mais recursos, o Clube do Comércio.

De forma sucinta, poderíamos classificar quatro⁶ das cinco associações citadas acima em duas categorias que levam em conta os atributos sociais ou culturais. Da primeira categoria, os clubes recreativos em perímetro urbano que indicam algum sentido advindo do mundo do trabalho em sua denominação. Nessa categoria, teríamos o Clube do Comércio e a SUOBRI, Sociedade União Operária Beneficente e Recreativa de Irati.

Da segunda categoria, os clubes recreativos em perímetro urbano com o atributo cultural de pertença étnica, a Sociedade 7 de Setembro e a SBCI, Sociedade Beneficente Cultural Iratiense.

Mesmo pelas suas denominações, as entidades pretendem representar algo ante a sociedade. Em linhas gerais, por mais que não fosse majoritariamente composto por comerciantes, o Clube do Comércio poderia ser compreendido como um clube composto por empresários, enquanto a SUOBRI, conforme o próprio nome também sugere, poderia ser compreendida como uma associação para operários. Aqui, deparamo-nos com duas descrições que permitiriam a diferenciação entre clubes de “classes” diferentes. Já as outras duas entidades, que são amplamente conhecidas: o “clube ucraniano” e o “clube polonês”, respectivamente, também poderiam ser alvo de estudos cujo domínio é a etnicidade.

Por si próprias, as atribuições dos clubes serviriam para identificá-los de várias formas, de acordo com as leituras de mundo de cada pessoa. Aqui, pretende-se discutir o poder simbólico que funda a elite do Grêmio Flores da Primavera e do Clube do Comércio, o que interfere na interpretação dessas entidades.

O poder simbólico do clube social é estruturado a partir dele, diferenciando-se do atributo econômico do clube, que seria por excelência um fator estruturante. De acordo com o sociólogo Pierre Bourdieu, “O poder simbólico é, com efeito, esse poder invisível o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo o exercem” (BOURDIEU, 1998, p. 7).

Assim, o poder simbólico é exercido por uma cadeia de ícones. Os símbolos dessa cadeia, por sua vez, fazem parte da integração social, sendo, portanto, instrumentos das comunidades ou grupos que buscam por significações e representações para disseminarem. De forma mais acabada, os símbolos são atribuídos de sentido à medida em que cada grupo os aplica, os expressa e dissemina.

⁶O Clube Guarani pode aqui ser entendido como uma entidade à parte por pertencer a outra localidade e por possuir atributos até então desconhecidos nesta pesquisa. Desta forma, optou-se pela não “rotulação” do mesmo em alguma categoria.

É assim que os sistemas simbólicos cumprem a sua função política de instrumentos de imposição ou de legitimação da dominação, que contribuem para assegurar a dominação de uma classe sobre a outra (violência simbólica) dando o reforço da sua própria força às relações de força que as fundamentam e contribuindo assim, segundo a expressão de Weber, para a domesticação dos dominados (BOURDIEU, 1998, p. 11).

Os símbolos ou ‘signos distintivos’, como o próprio termo sugere, fazem parte das dimensões do espaço simbólico na medida em que se constituem como instrumentos de ressignificação da realidade em um jogo de poder que, muitas vezes, não está aparente,

Visto que as relações de força do espaço social são relações de poder, os agentes alocados nas posições dominantes no espaço social são possuidores de uma espécie de capital, o capital simbólico, geralmente reconhecido como prestígio, fama e aceito como legítimo pelos outros, e, por conseguinte, na qualidade de proprietários de capital simbólico, possuem o poder de impor as visões do mundo social. (PEREIRA; CATANI, 2002, p. 114).

Nessas relações, são evidenciados os capitais que os sujeitos dispõem desigualmente. Seria inerente ao ser humano ‘acumular’ para ter cada vez mais ou então redefinir sua situação. Seriam estes, para Bourdieu, no capítulo ‘The Forms of Capital’ (1986), divididos em três instâncias: o capital econômico, o capital social e o capital cultural.

O capital econômico é aquele que pode ser convertido imediatamente em dinheiro e institucionalizado na forma de direitos de propriedade. O capital cultural é institucionalizado sob a forma de qualificações educacionais e pode ser convertido em capital econômico em determinadas circunstâncias. Por fim, o capital social é constituído por obrigações sociais, podendo ser convertido em capital econômico sob determinadas condições e institucionalizado na forma de títulos de nobreza (BOURDIEU, 1986 *apud* CORRÊA et al, 2017).

Assim, podemos assumir que as associações dispostas, neste estudo, possuem um panorama simbólico detentor de capital cultural e capital simbólico que orientavam as práticas. A partir dessa discussão, cabe também delimitar o espaço simbólico que elas possuem.

MAPA 02: Localização dos Clubes de Irati - PR (1954 - 1978)



Fonte: Elaborado pelo autor

As ruas centrais abrigavam (e abrigam) as sedes físicas dos clubes. Na rua 19 de Dezembro, a SUOBRI; Na rua XV de Novembro, o clube Sete de Setembro; na rua XV de Julho, o Clube do Comércio; na rua Cel. Gracia, a SBCI, Sociedade Beneficente Cultural Iratiense. A estrutura da cidade também diz muito a respeito da demarcação dessa elite que possuía capital simbólico no centro, determinada entre lugares e espaços.

A demarcação dos lugares físicos não se trata de uma atribuição ingênua e sem mais explicações, pois, a partir dela, aparecem um conjunto de práticas associadas aos seres humanos. É nesse sentido que Michel de Certeau (1994) distingue o simples lugar, uma mera disposição instantânea de posições, de um espaço:

Em suma, o espaço é um lugar praticado. Assim a rua geométrica definida por um urbanismo é transformada em espaço pelos pedestres. Do mesmo modo, a leitura é o espaço produzido pela prática do lugar constituído por um sistema de signos - um escrito. (DE CERTEAU, p. 202).

Inerentes à construção de um espaço também estão as operações, que segundo o historiador, também direcionam para as ações de sujeitos históricos, mas de forma mais precisa, indicando mapas e percursos. Nos exemplos que o autor levanta sobre os relatos, tanto os mapas quanto percursos denunciam a habilidade de transformação de uma simples paisagem em um lugar praticado, ou seja, um espaço. À medida que um mapa, mediante o elaborado acima, trataria da disposição de forma, conforme indicado na sua legenda, o percurso que também poderia ser indicado.

No percurso, descrevem-se quais seriam os requisitos, ‘‘como estar’’ em cada espaço. De Certeau exemplifica com os relatos de nova-iorquinos que descrevem os seus apartamentos: há instruções nos relatos de percursos, ‘‘virando à esquerda, você chegará ao quarto’’, bem como instruções, ‘‘seguindo em frente, subir à escada, procurar a chave abaixo do tapete, inseri-la e girar a maçaneta’’.

FIGURA 01: Vista externa do Centro Cultural Clube do Comércio (2022)



Fonte: acervo particular do autor

Para adentrar no clube, seria necessário o reconhecimento dos esquemas simbólicos inseridos em uma espécie de percurso simbólico, intrínseco nas relações. Na autoavaliação, não caberia somente ‘‘eu estou apto a chegar à sede do clube?’’ e sim, ‘‘eu estou apto a participar do clube?’’, ou ainda, ‘‘de que forma ou de quais atributos eu precisaria para ser um membro?’’.

Participar de um clube tal qual o Clube do Comércio, teria como exigências um conjunto de habilidades, redes de influência, esforços e investimentos, tanto financeiros quanto nas formas de se socializar. Afinal, como propõe Valerie Capdeville (2016), ser meramente sociável é diferente de ser ‘‘clubável’’, estar apto socialmente, financeiramente e possuir habilidades específicas para participar de um clube fechado e exclusivo. Ela exemplifica com o caso dos clubes de elite ingleses do século XVIII.

Since they were unsociable, they would join clubs and then become clubbable. Clubbability is seen as a taming mechanism to introduce order; to help organize their otherwise unruly lives. Here would lie the power of the club as an instrument of sociability, transforming an unsociable man into a perfect clubman. After stressing the difference between sociability and clubbability, it is thus easier to understand why some contemporaries denounced exclusiveness itself as a form of unsociability.

Uma vez que eram insociáveis, eles se juntavam aos clubes e depois se tornavam clubáveis. A “clubabilidade” é vista como um mecanismo de domesticação para introduzir a ordem, para ajudar a organizar suas vidas de outra forma indisciplinadas. Aqui estaria o poder do clube como um instrumento de sociabilidade, transformando um homem insociável em um perfeito clubman. Após enfatizar a diferença entre sociabilidade e “clubabilidade”, é assim mais fácil entender porque alguns contemporâneos denunciaram a própria exclusividade como uma forma de insociabilidade. (CAPDEVILLE, 2016, p. 76).

As discussões que permeiam as associações, clubes, grêmios, entidades esportivas, podem ser enriquecidas por meio das pesquisas que envolvem a sociabilidade. Enquanto parte de idealização e conceituação acadêmica de profissionais da história, antropologia e sociologia, a sociabilidade tem um aspecto mais profundo do que meramente as “sociedades” e relações entre homens e mulheres que ocupavam determinados espaços. Apresentam-se a seguir algumas das principais noções de sociabilidade enquanto constitutiva de um espaço simbólico no campo das interações.

Diferindo de forma e conteúdo e possuindo certa finalidade, a sociabilidade idealizada pela sociologia de Georg Simmel vem de encontro ao que seria um plano maior do que a busca do conteúdo, o que a distinguiria de uma simples interação. Enquanto prática social específica, segue algumas diretrizes que são apontadas por

Fabio Lopes Alves (2013).

sociabilidade não possui em si mesma, nenhuma finalidade objetiva, além do interesse em estar sociado. Ou seja, ela depende exclusivamente das personalidades entre os quais ela ocorre, em que não se deve buscar nada além da satisfação daquele instante. Onde o que interessa é apenas o sucesso do momento sociável. Como consequência, as condições e os resultados do processo de sociabilidade são exclusivamente das pessoas que se encontram em sociação, numa situação em que a sociabilidade permanece limitada aos seus participantes (SIMMEL, 2006, p. 66 apud ALVES, 2013).

Essa sociabilidade “ideal” proposta por Simmel vem de encontro a várias outras características, tais como o distanciamento de práticas voltadas aos interesses individuais, o que faria os envolvidos mergulharem em uma relação puramente guiada pelos prazeres coletivos nas práticas de lazer, recreação artísticas e desportivas, por exemplo. Tendo em vista uma reciprocidade, não deve ser forjada de maneira a excluir nem discriminar sujeitos que fazem parte do círculo, devendo existir uma racionalidade mínima: por mais que ocorra distanciamento com atritos e conteúdo em si da realidade ao buscar elementos simbólicos (já

que tem como base a busca da satisfação mútua) há de se considerar que é preciso um policiamento para que o individualismo (no sentido egoísta) não se sobressaia dos interesses (ou melhor, da ausência de interesses senão o próprio prazer em estar socializado) do coletivo (ALVES, 2013).

Diante da sociabilidade, apresentada por Simmel, sendo uma idealização abstrata, uma predisposição do ser humano em relação à expressão da modernidade, a sociabilidade de Maurice Agulhon se estrutura mais relacionando-se a todo momento ao campo político e do associativismo, partes da estrutura social.

Por inúmeras contribuições, o campo de estudos da sociabilidade se amplia de maneira mais efetiva na História pelas produções de Maurice Agulhon nos anos 1960, no contexto das mentalidades da 3ª Geração da Escola dos *Annales*, de forma a proporcioná-la não somente como fonte, mas por categoria. Isso se dá, em parte, pela qualidade interdisciplinar que o termo passa a oferecer, característica própria dessa guinada historiográfica: “Disciplinas científicas em muitas ocasiões desconectadas e mesmo ignorando-se mutuamente, como a psicologia social, a sociologia, a história e a antropologia, convergiram parcialmente graças a esta categoria” (CANAL, 2016).

Enfatizando a sociabilidade, Agulhon traz ao campo historiográfico reflexões a respeito de suas formas e espaços, atribuindo-a a uma construção típica da modernidade que concentra características e aptidões dos indivíduos ditos sociáveis, portanto seus estilos de vida:

A sociabilidade, quer dizer a qualidade de ser sociável, afirmava o autor em 1981, é o equivalente dos sistemas de relações que confrontam os indivíduos uns com os outros ou que os reúnem em grupos mais ou menos naturais, mais ou menos forçados, mais ou menos estáveis, mais ou menos numerosos (CANAL, 2016).

É com Agulhon que a noção de dois diferentes modelos de sociabilidade é concretizada no estudo da História, no que se refere ao modelo formal e informal que, além de poderem coexistir em uma mesma sociedade, podem relacionar-se. Ao passo que um modelo daria conta de caracterizar formas voluntárias e estáveis de associação, o outro aborda a forma volátil, espontânea, podendo até ser efêmera. Ambas conseguem se conectar e ampliar o enfoque do mero associativismo às questões do cotidiano, tomando como exemplo a instituição criada para formalizar a sociabilidade e o associativismo: ela não vem antes de uma sociabilidade informal, pois esta a origina. Essas duas abordagens permitem enfoques diversificados, no estudo do associativismo e do cotidiano, em várias sociedades e seus indivíduos, ao longo do tempo.

No jogo democrático da sociabilidade Simmeliana, onde pretende-se o encontro perante pessoas iguais, revela-se que alguns podem ser “mais iguais” do que outros, a partir da delimitação das diferenças. Bem como na concepção de Maurice Agulhon de sociabilidade, que traça o roteiro formal e informal nas ações originadas pelas interações. A partir do momento em que determinados sujeitos percebem suas diferenças ante aos demais, são criados nichos específicos.

Todavia, a elite social que compunha as associações em questão, o Clube do Comércio e o Grêmio Flores da Primavera, dispunha de elementos simbólicos para delimitar seus grupos e quem não estaria incluso, partindo da premissa de que os clubes não são apenas divertimento descompromissado, e sim, instituições dotadas de diretrizes que perpassam até mesmo suas normas internas, ou, como diria Marcos Ruiz da Silva (2009, p. 145), que carregam “os valores dominantes da sociedade”.

É necessário destacar a não-autonomia do clube frente aos dispositivos disciplinares e de sedução sobre os corpos. O clube não cria suas próprias disposições, mas compartilha e especializa a dinâmica sociocultural. Logo, [...] apesar da influência dos clubes na constituição de novos hábitos, sejam eles esportivos ou a capacidade de integração social, é importante compreender que eles são contextos específicos inseridos em conjuntos maiores, a sociedade, sendo também reprodutores de significados.[...] (SILVA, 2009, p. 145)

Dadas as constatações acima, não restam dúvidas de que estamos nos referindo a uma elite, mesmo que construída socialmente, até porque, até o presente momento, o trabalho vem evidenciando a construção simbólica de uma elite, caracterizada como alguns “grupos de pessoas influentes”. Entretanto, mais do que simplesmente identificá-las como tal, é preciso pensar em outras delimitações teóricas e empíricas para descrever um recorte especial, as mulheres que compunham essa elite, o que vem de encontro ao objetivo fundante das próximas reflexões.

1.3 Sempre há uma narrativa nova: mulheres de elite e o pensamento historiográfico

Outrora motivados por concepções universalizantes, os estudos históricos teriam se dedicado não só amplamente, mas quase exclusivamente ao meio político⁷. A prerrogativa parece simples de se entender: enquanto busca por contemplações de nossas realidades, há de se lembrar de pessoas ilustres alocadas em suas instituições, na sociedade. Estas proposições falham por, pelo menos, dois motivos.

O primeiro consiste na própria tentativa de universalização, já que tais abordagens não dão conta de traçar uma história universal. Na realidade, muitos agentes históricos tornam-se oficialmente os excluídos dessa história. O segundo motivo, e talvez o mais notável, vem da própria concepção positivista de história que ignora ou menospreza estudos sobre a cultura, a sociedade e a economia, tendo seu foco político a principal característica.

Ao privilegiar a história política, o estado-nação, os grandes homens de ação e suas guerras, a História definiu e elegeu seu campo de estudos, que, por sinal, caracterizou-se por ser notadamente masculino. Por muito tempo – até a década de 1970 – a história cultural, das mulheres, das crianças, dos grupos étnicos, por exemplo, foram tratados como temas insignificantes, triviais, trazendo poucas contribuições para o entendimento da “verdadeira história dos homens”. Estranhamente essas escolhas, relacionadas ao gênero masculino por tradição e circunstância sócio-histórica, referem-se a uma história que pretendia ser “universal, total e próxima do real” (LIBLIK, 2017, p.5).

Sendo assim, a quem pertence este espaço político tão evidenciado nos estudos históricos? Como revelou-se impossível alcançar a universalidade pela constituição de sujeitos, após todos os anos de institucionalização das narrativas oficiais e até mesmo da ciência histórica, surgem as mulheres nesse campo, enquanto parte dos estudos e enquanto estudiosas. Não por vontade promovida pela cátedra dos cientistas, nem pela visualização de necessidade perante as novas abordagens e objetos, mas mais pelas consequências do início dos processos de emancipação dos corpos femininos, dados pelas mesmas em diferentes tempos e espaços, sobretudo originados a partir do início do século XX com o fortalecimento dos ideais feministas de forma geral, o que permitiu, gradualmente, a inserção de mulheres no espaço universitário.

⁷ As historiadoras Rachel Soihet e Joana Maria Pedro em “A emergência da pesquisa da História das Mulheres e das Relações de Gênero” (2007) refletem a respeito da historiografia excludente e propõem uma retrospectiva sobre o surgimento do novo campo do saber historiográfico qual estão inseridas. Não foram poucas as contribuições das consideradas aqui as pioneiras da categoria nos anos 1980, Maria Stella Martins Bresciani e a mulher no espaço público, Maria Odila Leite da Silva Dias e o cotidiano atrelado ao poder, Luzia Margareth Rago e o processo simbólico de disciplinarização das mulheres, dentre várias outras.

Se outrora essas histórias não se faziam representar pela vontade promovida pela cátedra dos cientistas, agora, fazem-se presentes em meio a uma ciência que contempla também as cientistas, visto que as mulheres então fizeram-se notadas pela primeira vez como estudiosas, donas de casa, políticas, trabalhadoras, intelectuais e, por fim, agentes históricas, alvos de estudos das humanidades que as contemplassem enquanto unidade. Apesar de terem trabalhado, criado, participado, lutado e vivenciado em todos os momentos, só adquirem oficialmente um lugar na história ao passo que as produções intelectuais expandem seu leque de estudos, ou seja, após terem adentrado ao campo acadêmico.

Por aliar-se a este cenário e contribuir-se dele, o presente estudo não poderia prosseguir de outro modo senão mencionando a subalternidade dessas agentes históricas durante tanto tempo e que seu reconhecimento, por mais fértil que seja, é recente e tardio. Importantes em si e para toda a compreensão de sociedade, cultura, economia, política, o espaço das mulheres se faz não somente cabível, mas necessário. Somente desta forma podemos assumir uma história que possibilite não só novas perspectivas, mas novas agentes: podemos partir de “mulher” e contemplar suas pluralidades, mulheres de várias classes, raças, etnias, identidades, lugares, sob enfoques multiculturais, sociais, econômicos e políticos.

Dos estudos originados por estas possibilidades, historiciza Ana Paula Vosne Martins (2016) em “Itinerários do associativismo feminino no Brasil: uma história do silêncio” a promoção de uma carência de estudos que contemplem as mulheres de elite, seus espaços de práticas como o associativismo, quando repensa o silêncio historiográfico. Isto é compreendido pela autora pelo fator “prioritário” ante a ciência da época a qual se refere. Seria uma justificativa encontrada levando em conta a orientação política e metodológica das narrativas históricas dos anos 1970, que buscavam uma crítica ao método e escrita hegemônica da história e, naquele momento, ante ao inédito, permitia o contato da disciplina com outras agentes históricas, evidentemente, também silenciadas.

Por se tratar de uma historiografia comprometida com o feminismo e com a crítica à escrita oficial, canônica e hegemônica da História, voltou-se preferencialmente para os sujeitos femininos excluídos daquela narrativa histórica predominantemente política e institucional. A história das mulheres produzida no Brasil desde a década de 1980 esteve comprometida teoricamente com a nova história social, revisitando arquivos, criticando publicações referenciais sobre a História do Brasil, trazendo à luz as práticas e as representações de mulheres das classes subalternas, como escravas, libertas, mulheres pobres, trabalhadoras urbanas, então ausentes da produção acadêmica e dos manuais escolares e universitários de história. (MARTINS, 2016, p. 3)

Uma alternativa que contemplou parcialmente as mulheres da elite foi a de trazer as narrativas de transgressoras e participantes dos movimentos feministas, entretanto, as conservadoras dessa camada social permaneceram no esquecimento ao longo do tempo, já que “criavam um ponto de tensão com a interpretação histórica que sublinhava as resistências, as rebeldias e os inconformismos” (MARTINS, 2016, p.3).

Como a autora menciona, há de se concordar com a perspectiva que rompe com a hegemonia e traz à luz da academia as resistências e transgressões, porque daquelas que aderiram ideologicamente ao conservadorismo nada seria supostamente inédito para se acentuar. Afinal, tratar de mulheres que seguiram protocolos esperados pela sociedade e conformaram-se com seu status-quo não era o foco. Entretanto, como consequência origina-se uma ideia de uniformidade entre aquelas que supostamente teriam o “casamento, maternidade e obediência” como principais pautas de vida. Assim, Martins menciona a contradição na própria História das Mulheres que reproduzia, tal como a história, outrora homogeneizadora e hegemônica, um conjunto de generalizações:

Há nesta imagem das mulheres de elite uma tendência à homogeneização e uniformidade desconcertante, especialmente para as historiadoras e os historiadores que articulam conceitualmente em suas pesquisas e análises a categoria gênero. Pensando nesta categoria da construção das diferenças sexuais culturalmente percebidas e significadas, mas sujeitas à mudança, uma das suas contribuições teóricas mais importantes foi a crítica aos essencialismos e à uniformização dos sujeitos em suas práticas e contextos históricos diferenciados. Se a categoria “mulher” foi alvo das críticas políticas que questionavam a sua universalidade, sem com isso enfraquecer a validade política do feminismo na sua incansável luta contra os sistemas de gênero e sua violência histórica, como é possível insistirmos na imagem uniforme da “mulher conservadora”? Chegamos, portanto, a formular a seguinte pergunta: o que é a “mulher conservadora”? (MARTINS, 2016, P. 4).

Outro fator que poderia ser explorado, de forma mais precisa, é a própria concepção de “mulher de elite”, aproximando-se da concepção Gadameriana de pré-conceito. A construção de compreensões ora em busca de um passado, ora propiciado por um protocolo metodológico disponível para análise, é foco das produções do filósofo Hans-Georg Gadamer (1997), que identifica essas compreensões sendo uma condição inerentemente humana, subjetiva e interpretativa. Nesse sentido, não há como se isentar de pré-conceitos que, em linhas gerais, seriam projeções, pré compreensões que poderiam ser aplicadas, tanto ao estudo do passado quanto das perspectivas sobre ele e que podem, em maior ou menor escala, influenciar na preparação de um material historiográfico que já seria subjetivo por si.

Não se exige, portanto, um desenvolvimento da história efetual como nova disciplina auxiliar das ciências do espírito, mas que se aprenda a conhecer-se melhor a si mesmo e se reconheça que os efeitos da história efetual operam em toda compreensão, esteja ou não consciente disso. Quando se nega a história efetual na ingenuidade da fé metodológica, a consequência pode ser até uma real deformação

do conhecimento. Isso nos é conhecido através da história da ciência, como a execução de uma prova irrefutável de coisas evidentemente falsas. Mas, em seu conjunto, o poder da história não depende de seu reconhecimento. Tal é precisamente o poder da história sobre a consciência humana limitada: o poder de impor-se inclusive aí, onde a fé no método quer negar a própria historicidade. Daí a urgência com que se impõe a necessidade de tornar consciente a história efetual: trata-se de uma exigência necessária à consciência científica. Isso, porém, não significa, de modo algum, que ela pudesse se realizar pura e simplesmente. A afirmação de que a história efetual pode chegar a tornar-se completamente consciente é tão híbrida como a pretensão hegeliana de um saber absoluto, em que a história chegaria à completa auto transparência e se elevaria até o patamar do conceito. Pelo contrário, a consciência histórico-efetual é um momento da realização da própria compreensão, e mais adiante veremos que ele já atua na obtenção da pergunta correta. (GADAMER, 1997, p. 450-451).

As predefinições percebidas por Martins abrem espaço para o estudo da uniformização de sujeitos históricos não só frequentada na academia, mas, essencialmente, nos estereótipos frequentados nas fontes históricas deste trabalho, no recorte selecionado, de tal modo que o exercício de desconstrução do discurso homogeneizador das mulheres precisa ser constante, pois, segundo mencionou Gadamer, a história efetual possui consciência e, por mais que aparente, nunca aproximou-se de um saber absoluto, exato e auto transparente. Isto leva a compreensão dos cuidados que uma narrativa científico-reflexiva necessita adquirir.

Portanto, toda narrativa historiográfica é fruto, não somente de sua temporalidade e espacialidade, mas também da incorporação de representações. Um exemplo evidente, para citar a interpretação ante as predefinições, esteve exposto no próprio objetivo geral do projeto de pesquisa que originou este estudo, dado como “Compreender (...) as dinâmicas socioculturais e de poder presentes na esfera do Grêmio Flores da Primavera, lugar de recreação acoplado ao Clube do Comércio, composto por damas de elite da sociedade iratiense.”

Ora, no projeto de pesquisa, as mulheres são referenciadas como “damas”. Isto não só incorpora, sem aparente reflexão, as palavras encontradas nas fontes históricas, como também se incorporam às representações destas. Esperava-se daquelas mulheres, naqueles contextos, que fossem “damas”, o que implica em comportamentos, modos de vida, autocuidados, práticas e símbolos, características consideradas inerentes à construção de uma feminilidade, o que pode ser reflexo do estereótipo que elas carregam consigo até os dias atuais e, também, dos esforços dos sujeitos históricos que propagavam, em suas sociedades, a existência de “papéis” sexuais, para homens e mulheres.

Além disso, podemos partir do termo “damas” para refletir a respeito da construção da diferenciação entre umas e outras mulheres, ou seja, as que possuíam determinados atributos e as que não participavam desse seleto grupo. Sendo assim, pensamos, a seguir, nas

agregações e agrupações femininas de vários tempos e espaços, algumas mais perto do nosso objeto de estudo, outras mais distantes, porém sempre partes em tratados que delimitavam regiões simbólicas.

1.4 Associativismo feminino e suas funções

Historicamente, o associativismo feminino engloba várias questões. A primeira delas é a percepção de que todo grupo de mulheres, reunido para determinados fins e propósitos, é fruto do seu tempo e espaço, portanto, dificilmente um grupo seria idêntico a outro. O que pode ser levado em consideração é justamente a existência de semelhanças, diferenças e continuidades entre ambos.

O associativismo tal como conhecemos trata-se de um fenômeno social que promove o agrupamento de pessoas para determinados fins. Naturalmente, possui uma multiplicidade de formas, objetivos e recursos. Conforme Lígia Helena Lüchmann aponta, as associações poderiam ser categorizadas teoricamente sob três modelos, ainda que possam generalizar o conceito: Associações de capital social, sociedades civis e movimentos sociais. Do primeiro modelo, dizem respeito às associações organizadas voluntariamente e que “promovem a coordenação e a cooperação para o benefício mútuo” (LÜCHMANN, 2014, p. 169), como é o caso do CC e do GFP.

Ocupando uma posição central no conceito de capital social, as associações constituem recurso imprescindível na construção de conexões e relações baseadas em laços de solidariedade, confiança e de reciprocidade, elementos centrais na formação de atitudes e práticas de base cooperativa. (LÜCHMANN, 2014, p. 164)

Assim, poderíamos analisar as associações a partir de vários pontos de vista, enfoques teóricos de acordo com os objetivos, a fim de descobrirmos, como baliza Lígia Helena Lüchmann, as condições e impactos destas instituições na vida social, sobretudo, no “fomento de estruturas de pertencimento e de identidade cultural” (2016, p. 159).

Segundo Ana Paula Vosne Martins (2016) demonstra, as práticas associativistas que dizem respeito às mulheres no Brasil possuem uma historicidade própria e por mais que essas relações demonstrem-se plurais, ao longo do tempo, são pouco exploradas pela academia e, quando são, normalmente, vêm associadas ao conservadorismo de elite. No itinerário traçado pela historiadora, percebeu-se a existência de atividades voltadas a algumas instâncias, que serão exploradas a seguir, visto que o objeto de estudo possui objetivos próprios e, naturalmente, pode relacionar-se com as demais organizações, entre congruências e

divergências. Cabe ainda ressaltar que essas instâncias podem mesclar-se, a partir das diretrizes de cada associação.

O abolicionismo, por exemplo, é uma instância do associativismo brasileiro. Desenvolvido a partir da segunda metade do século XIX, pode ser considerado um fenômeno amplo no campo social, político e cultural. Angela Alonso (2011 *apud* Martins, 2016) demonstra que as associações de cunho abolicionista tinham por objetivos fazer resistência⁸ (1) ao sistema escravocrata de compra e venda de seres humanos e, (2) posterior à abolição formal em 1888, ao sistema político opressor remanescente, que negligenciava as condições sociais precárias quais eram impostas a estes agentes outrora escravizados formalmente. A pesquisa da historiadora curitibana Fernanda Lucas Santiago, originada da sua dissertação de mestrado, reflete sobre as mulheres negras e seus espaços de (re)existências em redes de sociabilidade na cidade de Curitiba - PR, no início do século XX, sob as formas de agremiação feminina⁹ e traz importantes dados a respeito das trajetórias coletivas dessas mulheres divididas em dois grêmios, Flor de Maio e Princesa Isabel.

Tal como o pássaro sankofa, que olha para trás (passado) enquanto voa para frente (futuro), a formação de associações estava ligada a necessidade de se conectarem com o passado recente e recordar as lutas pela liberdade, assim como retornar às suas origens ancestrais anteriores ao período de escravidão para perceber que vossos passos vinham de longe e poderiam ir muito além e por caminhos menos tortuosos. (SANTIAGO, 2019, p. 34)

Ângela Alonso (2011 *apud* Martins, 2016) afirma que era comum que esses espaços tivessem uma composição social diversificada. Nesse sentido, é instigante a presença das mulheres, inseridas nesses movimentos, inclusive como maioria do quadro social ou até mesmo pioneiras e fundadoras.

Outra instância do associativismo feminino é pautada no feminismo em suas variadas temporalidades. Ana Paula Vosne Martins explica que o feminismo brasileiro advém da atividade da imprensa feminina, no século XIX, composto por periodistas e escritoras cuja mobilização, no final do século, passou a ser em prol da conquista do voto feminino. A partir daí, surgem algumas organizações educacionais, profissionais, políticas e culturais. Algumas dessas associações são a Federação Brasileira pelo Progresso Feminino (FBPF), criada em

⁸ Quanto ao formato das associações, Santiago (2019) explica que estas somente seriam permitidas após o abolicionismo, sendo assim, em tempos anteriores, os espaços de sociabilidade formalmente reconhecidos com participação de negros e negras escravizados, libertos e livres eram, por excelência, as irmandades católicas.

⁹ Acoplados à Sociedade Beneficente 13 de maio, os grêmios Flor de Maio e Princesa Isabel atuaram organizando festas, assembleias e participando de manifestações cívicas. O caráter beneficente também pode ser levado em conta, uma vez que tal função “era a tônica das Sociedades mutualistas, que tinham por objetivo conceder benefícios na área de assistência social aos sócios e a instituições de caridade.” (SANTIAGO, 2019, p. 53)

1922, o Conselho Nacional de Mulheres (1926) e o Partido Republicano Feminino, fundado em 1910.

Nesses contextos, segundo Martins, as mulheres que se reuniam em grupos a favor do sufrágio enfrentaram várias adversidades dos seus tempos, como o conservadorismo religioso e movimentos de oposição, os anti sufragistas, que delimitavam quais seriam os ‘papéis’ criados ou aceitos exclusivamente para elas, comumente referindo-se à esfera privada, o lar e a constituição de uma família nos moldes ‘tradicionais’ e antepondo as mulheres à esfera pública, “Para os anti-sufragistas o voto faria com que as mulheres adentrassem no terreno masculino da política, correndo o risco de se masculinizarem e também de provocar discórdias em seus lares, fragilizando a unidade da família” (MARTINS, 2016, p.6).

No final do século XIX, ao passo em que o Brasil passava pela institucionalização da república anticlerical, os grupos republicanos também temiam o fortalecimento da Igreja Católica, que dotaria de um “exército passivo e obediente” de mulheres, o que ameaçaria o laicismo republicano, portanto, acabavam convergindo com os próprios argumentos religiosos de que o espaço da mulher deveria ser menos político e mais privado. Enquanto isso, restava às feministas, segundo Martins (2016, p. 6), “o discurso do valor moral e da dignidade feminina, bem como à noção de progresso social”.

Aliadas desses discursos e noções, cujo objetivo era demonstrar um papel duplamente aceitável, surgiram também outras instâncias associativistas, pautadas na caridade, filantropia e nos cuidados oferecidos pelas mulheres às pessoas em estados de vulnerabilidade, carentes ou que, de alguma forma, necessitassem de assistência. Isso não só reafirmava o potencial do valor moral feminino, como também as vinculava à busca pelo progresso social na esfera pública.

A partir daí, muitos exemplos podem ser levantados de associações que objetivaram o cuidado com o próximo. Vários “Clubes de Mães” ou Associações de Damas de Caridade tinham esses pressupostos e contribuíram, de certa forma, para a conquista do espaço público feminino e a transgressão do lar, o que permitia novos contatos, redes de sociabilidade para além do trabalho com a assistência, como explica Martins:

foi por meio deste tipo de atuação pública que muitas mulheres conseguiram sair dos limites estreitos da vida doméstica e familiar, mesmo que para a maioria delas este movimento de transposição das soleiras da casa não tenha significado uma alteração em sua visão de mundo e nem em seu lugar na ordem doméstica, familiar e social. No entanto, mesmo na margem do poder as senhoras de caridade ou filantropas desenvolveram uma série de habilidades e estabeleceram redes de sociabilidade a partir das quais não só conseguiram realizar seu trabalho assistencial, como foi o ponto de partida para o que chamamos de uma consciência de solidariedade com outras mulheres, como as mães pobres e as jovens trabalhadoras urbanas. Foi também a partir das associações caritativo-filantrópicas

que algumas mulheres de elite passaram a apoiar a causa feminista, especialmente o apoio à produção de uma legislação de proteção à maternidade, à infância e ao trabalho feminino. (MARTINS, 2016, p. 8).

O objeto desta pesquisa, estabelecido no recorte temporal, não se pautava ações abolicionistas, nem emancipatória pelo direito das pessoas negras, visto que, aparentemente, suas pautas relacionam-se mais ao ambiente lúdico de sociação e menos às questões sociais que envolvem os movimentos populares de luta por emancipação.

Além disso, até o presente momento, não foram identificadas relações do Grêmio Flores da Primavera com movimentos ou associações feministas, nem se as mulheres em questão tinham como pressuposto a manutenção de uma ordem sociopolítica de anti sufrágio. Infortunadamente, muitas fontes históricas que datam do contexto dos movimentos sufragistas, ou seja, até aproximadamente os anos 1930, foram perdidas, tais como as próprias atas de fundação dessa associação. Isto abre para uma variável interessante: quais seriam os posicionamentos das fundadoras do Grêmio? Sob quais objetivos elas se reuniam a princípio? Seria o Grêmio uma associação formalmente criada para teatralizar o lúdico e o recreativo ao passo em que as mulheres se organizavam, politicamente, a favor do sufrágio, enquanto uma tática de resistência?

Diante dessas categorizações, restar-nos-ia assimilar o Grêmio Flores da Primavera com as associações beneficentes que visavam a caridade e a filantropia. De certa forma, essa instituição estaria parcialmente incluída nos objetivos, pois algumas atividades do Grêmio tinham como pressuposto a ajuda às instituições carentes e promoviam contribuições solidárias. Entretanto, seus objetivos maiores eram outros, as promoções culturais no entorno dos bailes, sobretudo os bailes da primavera, quando se apresentavam as debutantes.

Assim, nenhuma dessas instâncias (abolicionista, filantropia/caridade, feminista) parece integrar-se completamente ao objeto de estudo. Não obstante, por mais que à primeira vista o Grêmio Flores da Primavera pareça um elemento isolado da realidade brasileira e até mesmo da realidade paranaense, ele faz parte de um contexto maior, que, em primeiro momento, não é amplamente visível, como demonstra Fernanda Lucas Santiago (2019).

Tabela 02: Associações femininas do interior do Estado do Paraná

Associação	Fundação	Filiação	Cidade
1- Grêmio Primavera			Antonina
2- Clube de Campina			Campina Grande

Grande			
3-		Clube Recreativo Campos Gerais	Castro
4- Grêmio das Violetas	28/09/1913	Clube Rio Branco	Guarapuava
5- Grêmio Londrinense	1939		Londrina
6-	15/11/1951	Sociedade Princesa Isabel/ Associação de Recreação Operária de Londrina (AROL)	Londrina
7- Grêmio Flor do Deserto			Palmas
8- Grêmio Brisa Marinha			Paranaguá
9- Grêmio 25 de Dezembro			Paranaguá
10- Grêmio das Chrysalidas			Ponta Grossa
11- Grêmio Princesa do Campo			Ponta Grossa
12-		Clube Recreativo e Literário 13 de Maio	Ponta Grossa
13- Sociedade 28 de Setembro	Clube Recreativo e Cultural Estrela da Manhã		Tibagi

Fonte: SANTIAGO, 2019, p. 45-46.

Por meio das contribuições da pesquisa de Santiago, percebemos que o Grêmio Flores da Primavera parece ter um lugar na história, adjunto de vários outros Grêmios, no Paraná, que parecem ter aspectos em comum. A historiadora publicou, em 2019, a sua dissertação de mestrado, onde resgatou o nome de pelo menos 48 associações femininas em Curitiba - PR¹⁰ e 10 do interior do Estado. Por mais que o GFP não esteja na lista acima, a autora explicou

¹⁰ Santiago listou pelo menos 10 dessas 48 associações que têm origem entre 1894 e 1954, sendo esses o Grêmio Bouquet, o Grêmio das Camélias, o Grêmio Corbeille de Flores, o Grêmio Flor de Maio, Grêmio Madressilva, Grêmio das Margaridas, Grêmio Orquídea ao Luar, Grêmio das Túlipas, Grêmio das Violetas e o Grêmio Vitória Régia. (SANTIAGO, 2019).

que seria previsível que outros grêmios ficassem de fora, visto que a pesquisa foi realizada a partir da busca em periódicos na Hemeroteca Digital e nem sempre os materiais lá encontrados diriam respeito a uma totalidade. Ainda, Santiago disserta a respeito da constituição dessas associações e fatores que ora convergem ora divergem, mas que, comumente, apontavam em semelhanças.

Nem todas utilizavam a denominação Grêmio, poderia-se optar por Clube, Sociedade, ou Centro e, ao que parece, agremiações geralmente estavam filiadas a alguma Sociedade/Clube, instituições legalmente reconhecidas com sede, estatuto e licença municipal e estadual próprios. As agremiações se filiavam a essas instituições já reconhecidas para utilizar dessa estrutura. O universo associativo feminino no final do século XIX e início do século XX é vasto e diverso, havia associações independentes, afiliadas, ligadas a clubes de futebol, origem étnica; categorias profissionais; bairros; em homenagem a datas históricas, ou heróis e heroínas nacionais; entre outros. (SANTIAGO, 2019, 43).

O primeiro aspecto comum pode ser visto na própria forma de denominação dessas instituições, que aparecem, recorrentemente, utilizando atributos da natureza como a primavera, a brisa marinha e as flores. Isto pode ser explicado pela busca dessas instituições em demonstrarem-se, do mesmo modo que as flores, ‘são símbolos da beleza, delicadeza, feminilidade, romantismo’ (SANTIAGO, 2019, 44). É também o caso do GFP.

Por mais que não se saiba a respeito dos objetivos de cada associação, cabe o reconhecimento de que o lugar das associações femininas, voltadas ao lazer e recreação, na História, enquanto conhecimento intelectual, é recente. Junto a isto, apresenta-se uma hipótese sobre o esquecimento desses grupos não somente por historiadores/as, mas pela memória coletiva e pelos exercícios que acabam moldando relações sociais em um passado remoto ou recente.

FIGURA 02: Vista da recepção do Centro Cultural Clube do Comércio (2022)



Fonte: acervo particular do autor

A presença de muitos clubes recreativos masculinos ainda remanesce nas memórias coletivas. Por mais que boa parte dessas instituições já tenham encerrado suas atividades, alguns resquícios podem ser vistos até mesmo nos espaços físicos. O Clube do Comércio, por exemplo, ainda possui sua sede no centro de Irati - PR, abrigando um Centro Cultural. A SBCI e a SUOBRI mantêm suas sedes físicas no centro da cidade, abrigando eventos culturais como as festas, os bailes da Terceira Idade e as Danças de Salão. No caso do Clube Sete, este também possui sua sede, que dispõe de um restaurante e eventos esportivos e culturais, como os torneios de bocha.

Aparentemente, em todos esses lugares, que remanescem, eram abrigados também os grupos femininos. Se pensarmos nas associações femininas levantadas no primeiro capítulo, dispostas pelos nomes de Grêmio Flores da Primavera, Grêmio Flor de Lis, Grêmio Magnólia e Grêmio Pérola do Sul, descritas como alocadas em alguns clubes, não percebemos suas sedes. Afinal, elas seriam conjuntas, teriam seus espaços dentro dos clubes que, por sua vez, reproduzem uma memória a respeito de si próprios e deixam de lado os grêmios, que não sobreviveram nem ao tempo e nem à memória, de certa forma.

Ainda há uma lacuna na memória e na história, devido ao esquecimento dessas instituições femininas, ao apagamento de seu passado na sociedade, que traz consigo, conseqüentemente, o silêncio. Muitos clubes foram originados de agremiações femininas,

mas apenas os clubes permanecem “vivos”. Isso se justifica, de acordo com Michelle Perrot e a partir do ponto de vista da História das Mulheres, pela construção desse silêncio, o “apagamento de seus traços, tanto públicos quanto privados” (PERROT, 2005, p. 29).

Por conseguinte, a bibliografia aponta para uma ampla gama do associativismo feminino¹¹, ao passo que pouco a pouco essas vozes vão ganhando espaço nos estudos analíticos de diversas áreas do conhecimento. Há, ainda, a se considerar as contribuições dos estudos de âmbito regional que tratam do assunto acolhendo as pluralidades que as associações possuem no estado do Paraná¹² e na região Sul do Brasil¹³.

Outros trabalhos¹⁴ indicam as diversas faces do associativismo e não, necessariamente, dizem respeito aos modelos femininos que contemplam essas práticas, mas contribuem ao passo que demonstram estilos de vida semelhantes aos que as mulheres do presente estudo possuíam. É o caso de Marcos Ruiz da Silva (2017) quando trata das elites nos clubes curitibanos no fim do século XIX.

Valerie Capdeville (2016), em seu artigo “*Clubbability: a revolution in London Society?*”, não mede esforços para traçar uma história da construção da sociabilidade formal contemporânea, por meio das associações ou clubes. A partir de uma abundante revisão bibliográfica, ela historiciza o termo “*clubbability*”¹⁵, amplamente disseminado no Reino Unido, para demonstrar que o forjamento do termo pertence à instituição Britânica no século XVIII, ou seja, que tem lugar e data, e reflete também a respeito da construção desses espaços de sociabilidade formal como dispositivo exclusivo para homens.

A seguir, com base na bibliografia apresentada, procurou-se captar elementos do mundo das práticas, que possuem significados complexos e subjetivos, portanto simbólicos, que dizem respeito à trajetória do Grêmio Flores da Primavera enquanto instituição feita por mulheres em Irati - PR, e às atividades que promoviam com mais frequência, os bailes de debutantes.

¹¹ PEREIRA (2017); SILVA (2012); DA CONCEIÇÃO PEREIRA (2019).

¹² TORTELLI (2020); SEIXAS (2009).

¹³ ASSMANN; MAZZO (2013); MÜLLER (2010); ALVES (2015); PELISSARI (2011).

¹⁴ MARINHO (2014); LOPES (2015).

¹⁵ A qualidade de ser ‘clubável’. (tradução livre) Enquanto o termo ‘clubável’ demonstra atributos próprios que uma pessoa teria para participar de um clube ou associação, o ‘sociável’ possui a habilidade ou a pré disposição de uma convivência solidária em sociedade. A grande diferença apontada pela autora é que nem todas as pessoas poderiam ser ‘clubáveis’, ou seja, nem todas dispunham de modos, instrumentos de construção pessoal e distinção (aproximados aos ideais de masculinidade almejados, os *gentlemen*) mesmo que fossem sociáveis, sendo este o caso das mulheres. Ainda, nem todos os ‘clubáveis’ seriam propriamente sociáveis, predispostos a conviver pacificamente em sociedade.

CAPÍTULO 2: O Grêmio Flores da Primavera e suas atribuições

2.1 O Grêmio Flores da Primavera

“Os Grêmios Flores da Primavera, Magnólia, Pérola do Sul e Flor de Lis, desenvolvem-se, irradiando o encanto e a graça feminina, dentro dos Clubes a que estão filiados”. Esta é a breve descrição da sociedade recreativa em questão, no catálogo comemorativo “‘Livro do Cinquentenário do Município de Irati” (1957). Poderíamos constatar que a condição feminina, no âmbito dos clubes sociais de Irati, foi construída para oferecer alternativas às mulheres no campo da recreação.

O grêmio significa mais do que uma associação de mulheres dados os motivos de ser fundado e/ou modificado: bem como o clube, cabe à instituição o papel de delimitar espacialmente as corporeidades, percebidas pela materialidade. Tanto corpos de homens quanto de mulheres são significativos para ambas as instituições e, portanto, para seus/suas atuantes.

Assim, esses espaços não podem ser encarados como apêndices dos clubes aos quais estavam filiados, por se tratar de organizações à parte, promoverem atividades diferenciadas (ou seja, direcionadas às mulheres) e, principalmente, oferecerem um espaço legítimo e autorizado para a atuação feminina na vida social (visto que estas não poderiam ser associadas aos clubes¹⁶) e forjarem, ao lado da sociedade iratiense, um padrão de feminilidade.

Portanto, as principais fontes históricas a serem utilizadas, neste tópico, são as atas administrativas de reuniões, ou seja, as únicas formas de registro interno e oficial dos encontros e atividades do grupo, e os ofícios/correspondências. Juntos, tais documentos demonstram, por meio da reconstrução, leitura e análise, a estrutura organizacional do grupo, suas práticas, inter-relações com outras instituições e, até mesmo, discursos presentes naqueles contextos.

As atas administrativas possuem singularidades para a pesquisa histórica. Apesar de possuírem um caráter oficial diante do status de documento, constituídas como fontes primárias (diferentemente das fontes orais e de tantas outras que por muito tempo não

¹⁶ No caso do Clube do Comércio, o estatuto de 1963 enuncia no Art. 9º: “as regalias dos sócios serão extensivas ao seu cônjuge e filhos dependentes. § único - Considera-se dependente o filho varão com idade inferior a 18 ou 21 anos, se não tiver renda própria”. Fonte: Estatuto do Clube do Comércio. Irati, 1963. Acervo próprio.

estavam elevadas ao status de fonte), elas também não podem ser interpretadas como a verdade em si, pois são ferramentas que constituem produções de verdades. Não cabe à pesquisa precisar, questionar a confiabilidade desses materiais, mas sim, evidenciar a produção dessas verdades ao longo do tempo.

É possível estabelecer um panorama temporal a respeito dos dizeres “do que foi feito”, a fim de identificar discursos e ideologias que orientavam as práticas. Contudo, é preciso se atentar a pelo menos três diretrizes, segundo propõe a historiadora Carina Martiny (2008, p. 2):

seu caráter de fonte oficial; a necessidade de utilizar uma metodologia de análise baseada no cruzamento de informações com outras fontes; e, a necessidade de uma análise que apreenda não somente o conteúdo explícito destas fontes, mas também o que nelas está implícito.

Foram encontradas, em 2017, na sede do Centro Cultural Clube do Comércio (onde concentravam-se também as atividades do Grêmio), um total de 123 atas que correspondem ao período de 1928 a 1982, escritas sob diversas formas, sobretudo, para relatar as reuniões ordinárias e extraordinárias da diretoria, assembleias gerais de eleição e pareceres referentes às promoções realizadas, como é o caso do Baile da Primavera que, salvo raras exceções, era realizado anualmente.

A origem do GFP é incerta. O que se sabe é que foi fundado, em 1921, por um grupo de mulheres solteiras em Irati - PR, antes mesmo do clube ao qual se filiara posteriormente. Entretanto, poucas são as fontes que evidenciam o cenário de criação dessa instituição, nenhuma datada de seu tempo¹⁷. O que evidencia sua data de fundação e o grupo de mulheres que compunham tal quadro é justamente uma produção própria do GFP, 32 anos depois dessa fundação, quando se comemorava o 32º aniversário pela realização de um baile em homenagem às fundadoras:

ficou deliberado que se fizesse uma homenagem à Diretoria fundadora, ofertando uma flâmula simbólica, enaltecendo desta forma a feliz ideia das senhoritas que naquele tempo tiveram a coragem e decisão para levar avante uma das mais tradicionais agremiações de nossa cidade.¹⁸

Na ata que diz respeito à organização do evento, são mencionadas as seguintes mulheres:

¹⁷ Durante a coleta das atas administrativas, foi mencionado pelos detentores destes materiais que as atas de fundação foram perdidas. Como evidenciou-se por meio das atas disponibilizadas, mesmo nos anos 1950 estes documentos já encontravam-se desaparecidos.

Fonte: Ata da Reunião da Diretoria do GFP, 20/09/1952. Livro de Atas do GFP, p. 38-39.

¹⁸ Fonte: Ibid.

Tabela 03: Fundadoras do Grêmio Flores da Primavera (1921)¹⁹

Ismenia Schleder	Presidente
Apolonia Hymovics	Vice – Presidente
Julieta Calderari	1ª Secretária
Izabel Berlintes	2ª Secretária
Natalia Teixeira	1ª Tesoureira
Elvira Andrade	2ª Tesoureira
Palmira Ferreira	Oradora

Até o presente momento, não se sabe mais a respeito dessas mulheres. Por se tratar de uma data mais distante, sugerindo o contemporâneo centenário da instituição, alguns documentos foram se perdendo ao longo do caminho. Entretanto, há de se considerar que, mesmo não conhecendo a fundo a história e a trajetória das referidas fundadoras, podemos identificar, de forma geral, uma característica daquele tempo. Basta olhar para a sociedade brasileira dos anos 1920. Quando o Grêmio foi fundado, ainda faltavam 11 anos para que as cidadãs brasileiras obtivessem o direito ao voto.

A cidadania das mulheres, fora da esfera privada, engatinhava, tomava forma, e de vários modos era cada vez mais reivindicada. Organizações profissionais, políticas, educacionais e culturais passaram a surgir no meio urbano, enfrentando as adversidades de uma sociedade que reservava a esfera de atividades públicas para os homens. Reunir-se em grupos era uma forma que as mulheres encontravam para transgredir os limites impostos a elas. Por mais diversos que os objetivos desses grupos tenham sido (alguns deles buscavam a própria afirmação de um estereótipo, o lado fraterno, cuidador das mulheres, como os grupos filantrópicos e as casas de ajuda), as mulheres, aos poucos, caminhavam para um futuro de emancipação. A historiadora Etelvina Maria de Castro Trindade retrata a respeito de Curitiba, no início do século XX, quando as mulheres, na conquista da cidadania, lançavam mão de táticas nos seus primeiros contatos com o mundo exterior.

Uma vez adquirida a visibilidade nas cidades, pôde a mulher reformular seus papéis nesses espaços. Até então, a divisão entre o público e o privado contribuíra para diferenciar as atribuições masculinas e femininas na sociedade. Para as mulheres, a apresentação no espaço público podia constituir-se em uma ameaça à virtude e à respeitabilidade. Já para o homem, sair em público dava acesso a uma liberdade que nem sempre gozava no recinto do lar. E embora essa dicotomização estivesse em grande parte presente nas sociedades do início deste século, o próprio ambiente citadino propiciou o rompimento das fronteiras entre as duas esferas, permitindo às mulheres um primeiro contato com as atividades do mundo exterior. Afinal, nem

¹⁹ Fonte: Ibid.

todo o público é exclusivamente masculino e nem todo o privado totalmente feminino. A casa se abre para o exterior e a autoridade masculina se exerce na família. Homens e mulheres acabaram trazendo a público questões privadas (TRINDADE, 1999, p. 67).

Assim sendo, não restam dúvidas que, em Irati, as mulheres que fundaram o Grêmio Flores da Primavera, em 1921, rompiam com o tratado simbólico da esfera privada, constituindo a atividade pública na produção cultural feminina, o que por si próprio já pode ser considerado um ato reflexivo sobre o papel das mulheres. Nas palavras da historiadora Rachel Soihet, (2000, p. 98), fazendo alusão ao conceito “táticas” de Michel de Certeau, no período em questão, as mulheres que se organizavam coletivamente “lançavam mão de táticas que lhes permitiam reempregar os signos da dominação, marcando uma resistência”. As táticas, nesse caso, são os modos de desviar-se do poder dominante, sob a forma com que os indivíduos reestabelecem, diante das estratégias (forças dominantes) uma nova configuração no jogo das relações de poder. (CERTEAU, 1994).

Ainda, outros dois vestígios são evidenciados pela mesma ata. O primeiro é a elevação do caráter “tradicional” contido nas descrições da secretária, Linda Crissi, o que possibilita a discussão a respeito da construção desse discurso. O segundo é a data de filiação do Grêmio ao Clube do Comércio, em 5 de junho de 1925²⁰. Uma vez filiadas, as instituições estabeleceram relações até o início da década de 1980.

As atas evidenciam pelo menos 45 gestões do Grêmio Flores da Primavera, que desenvolveu suas atividades entre os anos de 1921 e 1982. Nessas 45 gestões, foram contabilizados 339 nomes que compunham as diretorias, sendo 335 mulheres, divididas entre as funções de presidente, vice-presidente, 1ª secretária, 2ª secretária, 1ª tesoureira, 2ª tesoureira, oradora, 2ª oradora, conselho fiscal, diretoria de programas, conselho deliberativo, fiscais de salão, 1ª procuradora e 2ª procuradora, e 4 homens identificados como oradores, que colaboraram na ocasião dos eventos, em alguns períodos. O número foi obtido considerando a repetição dos nomes em mais de uma diretoria/gestão.

De acordo com as atas administrativas, as atividades culturais propostas pelo Grêmio, até a década de 1950, são diversificadas e parecem não seguir uma sequência sazonal, mas sim, os anseios de cada diretoria, que poderia durar de 1 a 3 anos e ser composta de 5 a 16 mulheres. Até esse período, foram realizados bailes comemorativos ao ano novo, Carnaval, *Pic nics* familiares, o “Tradicional Baile da Chita”, bingos, desfiles de moda, dentre outros.

²⁰ Segundo ata do Clube do Comércio nesta data, a informação corresponde: “Foi tomado em consideração o ofício do Grêmio Flores da Primavera, assignado por toda a respectiva Directoria, no qual pedia a filiação a este Club e como não tem artigo algum nos estatutos que trate a respeito, ficou resolvida a resposta franqueando os seus salões para as partidas que porventura promova”

É a partir dos anos 1950 que o Grêmio construiu uma realidade específica: os bailes que continham apresentação de debutantes começam a tomar cada vez mais espaço não só nas atas, mas na própria ressignificação da identidade do grupo. Das 123 atas encontradas, que correspondem ao período de 1928 - 1982, em 35 são relatadas reuniões internas ordinárias, em 24, reuniões extraordinárias que poderiam ser abertas para as sócias ou internas da diretoria, 36 para as assembleias gerais, quando ocorria a eleição de diretoria, 21 contendo pareceres a respeito dos bailes de Primavera, e outros 07 pareceres informando as demais promoções do Grêmio.

Foi possível estabelecer um panorama a respeito dos critérios de registro, em livro ata, de cada diretoria ao longo do tempo e a forma com que elas refletiam a utilização do livro ata enquanto ferramenta de registro. Nos primeiros anos, mais precisamente entre 1928 e 1956, todas as 72 atas tratavam de reuniões e assembleias. Já a partir de 1957, as diretorias passaram a registrar também uma espécie de parecer exclusivo quanto às atividades que promoviam. Das 51 atas que compreendem o período 1957 - 1982, pelo menos 28 aparecem neste modelo de relato e apenas 23 tratam das reuniões e assembleias gerais.

Ao longo da trajetória da organização, a relação com o livro ata passou a ser menos formal e ganhou outro foco, o relato de experiência. Se antes de 1957, era necessário relatar apenas os encontros formais que eram encargo da diretoria, o que leva em conta o acompanhamento das decisões, depois, estabeleceu-se por parâmetro uma descrição detalhada de cada baile e atividade, criando uma narrativa para cada um, sobretudo a de exaltação desses eventos, o que pretendia montar percepções de sucesso, de aceitação pela sociedade iratiense e, de certa forma, criar uma representação cada vez mais afetiva, para construção de uma memória.

Essas descrições influenciaram não somente o modo com que as mulheres enxergavam a razão de ser do seu grêmio, mas até mesmo, a constituição desta pesquisa, pois percebeu-se a criação de uma tradição. As mulheres que ali empenharam-se, utilizavam do recurso dos periódicos, como o Jornal Correio do Sul, justamente para divulgar atividades, ou debutantes, e ressignificaram a identidade cultural que era atribuída à organização.

Tomamos como exemplos os relatos a respeito do baile de 1957²¹, registrado em ata, descrito como “o tradicional Baile de Primavera, nos salões do Clube do Comércio, que como sempre é a noitada máxima da sociedade iratiense”, o baile de 1959²² que, segundo a diretoria, “nada deixou a desejar, tanto em elegância, boa apresentação, animação, assim

²¹ Fonte: Ata do Baile da Primavera do GFP, Outubro de 1957. Livro de Atas do GFP, p. 53

²² Fonte: Ata do Baile da Primavera do GFP, Outubro de 1958. Livro de Atas do GFP, p. 57-58

acrescentando mais um tento aos já inúmeros, que o Grêmio sempre conquista, em todos os seus empreendimentos”. Finalizando o relato de 1962²³, a secretária Velda Biacchi relembra “assim terminara mais uma festividade que como as demais teve seu ponto alto em elegância e beleza”

Supõe-se que os relatos a respeito de cada baile contribuíram para o estabelecimento de uma tradição na retórica, ao passo que poderiam estimular e inspirar, ano a ano, as novas diretorias que tomam posse. Por meio da restauração dos detalhes, eles serviram de lembrança e estabeleceram modelos das experiências que foram, mediante a narrativa, proveitosas, o que torna esses materiais verdadeiros lugares de memória.

Aqui, o termo tradição é interpretado de duas formas: a primeira diz respeito à manutenção de práticas, costumes, inter-relacionados à modernidade (até porque toda tradição pode ser culturalmente ressignificada), mas inter-relacionadas a elas. A segunda diz respeito à operação do discurso de tradição propriamente dito, a intenção de elevar a nível tradicional e reconhecível, perante a sociedade, as práticas e costumes. Assim, pode-se dizer que a ideia de “baile tradicional do Grêmio” e o próprio “tradicional Grêmio” foi amplamente disseminada nas atas, periódicos e demais formas de comunicação, não somente pela manutenção de tais práticas, mas pelo anseio de torná-las tradicionais.

Enquanto o historiador Edward P. Thompson (1998) traz à tona o caráter de conveniência da tradição, que entra em coerência com os interesses dos sujeitos que a concretizam, Eric Hobsbawm (1997) amplia o conceito ao tratar das tradições inventadas:

Por “tradição inventada” entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente; uma continuidade em relação ao passado (HOBSBAWM, 1997, p. 9).

Tendo em vista a necessidade da criação de tradição desses bailes, é preciso pensar também nas preocupações que o Grêmio tinha perante a sociedade e vice versa, que refletem em tais fontes históricas. Uma diz respeito à memória de si próprio, visto que os bailes eram realizados sempre em setembro ou outubro, datas que se justificavam pela comemoração do aniversário da instituição. Outras, dizem respeito à atuação de mulheres no cenário regional, tanto da diretoria, na associação, quanto no papel de debutante.

Pensando na proposta de Gayle Rubin (1993), quando delimita o sistema sexo/gênero, é possível compreender a respeito da dimensão generificada das construções que separavam os domínios do masculino e feminino em Irati - PR. Seria, esse sistema, “uma

²³ Fonte: Ata do Baile da Primavera do GFP, Setembro de 1962. Livro de Atas do GFP, p. 62

série de arranjos pelos quais uma sociedade transforma a sexualidade biológica em produtos da atividade humana” (RUBIN, 1993, p. 3).

Assim, a partir da delimitação das diferenças, as mulheres teriam um nicho de atividades elaboradas especificamente para elas. Caso optassem pela filiação ao GFP, passariam a responder a um corpo diretor próprio, composto por mulheres. Diante dessa realidade, podemos refletir a respeito da construção do espaço enquanto reflexo de construções coletivas que se baseiam na diferença entre os gêneros e atribuem significados para estes.

É nesse sentido, da delimitação entre os “nichos”, que se constituem os *habitus*, uma socialização subjetiva incorporada aos integrantes de grupos, e internalizada. Nele, estão inseridas as vontades dos sujeitos de acordo com o que se constitui em seu meio. Essas vontades são tão sutis e naturalizadas para os sujeitos que, talvez, nem percebam que são resultados, também, de uma orquestra coletiva. A chave está na relação indivíduo - sociedade, segundo Pierre Bourdieu:

Sendo produto da incorporação da necessidade objetiva, o *habitus*, necessidade tomada virtude, produz estratégias que, embora não sejam produto de uma aspiração consciente de fins explicitamente colocados a partir de um conhecimento adequado das condições objetivas, nem de uma determinação mecânica de causas, mostram-se objetivamente ajustadas à situação. (BOURDIEU, 1990, p. 23).

Assim, o *habitus* compõe, delimita e direciona as relações estabelecidas entre a sociedade e os indivíduos, sob o véu da subjetividade socializada coletivamente. Ele pode não ser determinante na atuação dos indivíduos, não dita o destino do sujeito, porém o influencia, sendo então, sua ‘natureza socialmente constituída’:

As condutas podem ser orientadas em relação a determinados fins sem ser conscientemente dirigidas a esses fins, dirigidas por esses fins. A noção de *habitus* foi inventada, digamos, para dar conta desse paradoxo. Do mesmo modo, o fato de as práticas rituais serem produto de um "senso prático", e não de uma espécie de cálculo inconsciente ou da obediência a uma regra, explica que os ritos sejam coerentes, mas com essa coerência parcial, nunca total, que é a coerência das construções práticas. (BOURDIEU, 1990 p. 22)

Aliando-se ao conceito de *habitus* proposto por Bourdieu, está o conceito de *campo* que, em linhas gerais, seria o espaço que proporciona as relações presentes nas criações do *habitus*, porém, é mais complexo e geral, uma vez que leva em conta uma proporção maior de relações de poder.

Campo seria um espaço de relações entre grupos com distintos posicionamentos sociais, espaço de disputa e jogo de poder. Segundo Bourdieu, a sociedade é composta por vários campos, vários espaços dotados de relativa autonomia, mas regidos por regras próprias. (SETTON, 2002, p. 64).

A partir dos conceitos acima, é possível refletir a formação dos espaços masculinos e femininos, enquanto parte na construção da cidadania iratiense, o que proporciona não somente compreender a atuação das mulheres, mas a relação entre esses espaços.

As mulheres do GFP, tidas muitas vezes como integrantes de “uma parte” do clube, possuíam seu *habitus* contendo várias opções que tinham, entretanto, todas limitadas dentro da própria condição feminina e direcionando a organização de uma feminilidade que, por sua vez, é estabelecida também no *campo*, podendo ser compreendido como a sociedade iratiense (em um âmbito regional, o espaço físico), o CC (o espaço físico local), as outras associações, indivíduos e instituições que atribuíam, simbolicamente, significados para mulheres dos períodos em questão.

Ainda, dentro do *campo*, as mulheres brasileiras, a partir dos anos 1950, deparam-se com os paradigmas do antigo e do novo, do tradicional e moderno, de acordo com a historiadora Carla Bassanezi Pinski:

As distinções entre os papéis femininos e masculinos, entretanto, continuaram nítidas; a moral sexual diferenciada permanecia forte e o trabalho da mulher, ainda que cada vez mais comum, era cercado de preconceitos e visto como subsidiário ao trabalho do homem, o “chefe da casa”. Se o Brasil acompanhou, à sua maneira, as tendências internacionais de modernização e de emancipação feminina (...) também foi influenciado pelas campanhas estrangeiras que, com o fim da guerra, passaram a pregar a volta das mulheres ao lar e aos valores tradicionais da sociedade. (BASSANEZI, 2004, p. 608).

Durante os ditos “anos dourados”, o recorte da pesquisa de Pinski (que corresponde até o início dos anos 1960), por mais que existissem avanços significativos, no espaço da cidadania feminina, a atuação mais estimulada era a da mulher que obedecesse aos protocolos sociais estabelecidos.

A mulher ideal era definida a partir dos papéis femininos tradicionais – ocupações domésticas e o cuidado dos filhos e do marido – e das características próprias da feminilidade, como instinto materno, pureza, resignação e doçura. Na prática, a moralidade favorecia as experiências sexuais masculinas enquanto procurava restringir a sexualidade feminina aos parâmetros do casamento convencional. (BASSANEZI, 2004, p. 609).

Com o fim dos “anos dourados”, o paradigma entre o tradicional e moderno permanece. Questões relacionadas à sexualidade, ao mundo do trabalho, à maternidade e casamento, por mais que tenham sido exploradas com mais visibilidade pela sociedade, ainda não remontavam uma maior garantia de igualdade dos gêneros. De acordo com a historiadora Maria de Fátima da Cunha (2001), nos anos 1960 e 1970, as mulheres

ainda carregavam o peso do estereótipo tradicional do que era “ser mulher” em suas vidas. Para aquelas que transgrediam os estreitos limites que lhes eram destinados, o mais comum a acontecer era a possibilidade quase certa do convívio com o rótulo de menina “mal falada” ou da “puta”. (DA CUNHA, 2001, p. 221).

Portanto, o espaço que o GFP usufruía pode ser encarado, ora sob a alcunha de transgressão dos limites privados, o lar, assim constituindo uma importante ferramenta de construção da cidadania das mulheres que ali estavam, ora sob construtor de características que fomentam, incentivam e delimitam práticas às mulheres, a depender do recorte estabelecido.

Sendo assim, aliando os conceitos de *habitus* e *campo* propostos por Bourdieu ao contexto histórico que a todo momento evidencia a atribuição de tarefas a partir do gênero, normalmente pela prerrogativa de que eram tarefas naturais para cada gênero, percebe-se também uma preocupação da instituição GFP perante a sociedade, a de trazer estas características às ‘damas da elite iratiense’. Retomamos o conceito de elite para levar em conta, ainda, a construção da distinção simbólica entre as próprias mulheres iratienses. Se de um lado estavam as moças e senhoras com maior alcance aquisitivo e desfrutavam de tais espaços de sociabilidade, do outro, estavam as que não possuíam tais condições.

Para evidenciar um panorama maior do *campo* a respeito da atuação feminina nos laços formais de sociabilidade, no município de Irati - PR, as correspondências, igualmente podem contribuir ao demonstrar as relações entre instituições, masculinas e femininas, com o GFP.

As correspondências não se configuram apenas como tais, pois carregam, assim como as atas administrativas, o título de institucionais, oficiais. Por isso, é mais adequado, nos atermos a ideia de ofícios para designar esses documentos, uma vez que ‘correspondências’, em si, poderiam remeter a documentos pessoais.

O percurso da utilização dos ofícios, como fonte histórica, evidencia uma prática menos comum de utilização dos mesmos, se comparados a outros documentos oficiais. No caso dos documentos jurídicos, ainda são mais frequentes esses *corpus*, são mais utilizados os processos criminais, atas, boletins, sob o pretexto de levantarem mais informações a respeito das pessoas comuns do que os ofícios propriamente ditos, que parecem carregar apenas protocolos pouco ou nada reveladores.

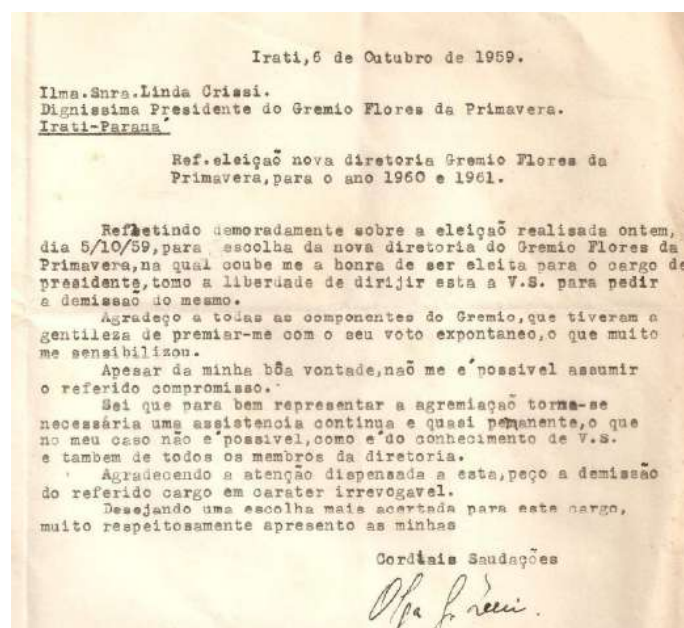
Vistas como documentação de natureza mais burocrática ou protocolar – tais como as portarias de nomeação ou demissão de autoridades policiais –, ainda despertam pouco interesse para os pesquisadores, inclusive pela percepção de seu caráter limitado como fonte, afinal ofícios e petições ou requerimentos muitas vezes trazem informações bastante circunstanciadas, que precisam da leitura de um corpus documental mais amplo para seu melhor entendimento. (NEVES, 2011, p. 2).

Entretanto, como se pretende levantar um panorama do GFP e das relações que estabelecia, esses documentos revelam importâncias. Cabe a este trabalho refletir menos

sobre a formalidade apresentada no conteúdo dos materiais (até porque era intencionalmente utilizada enquanto uma ferramenta auto representativa) e mais sobre os conteúdos em si. Foram encontrados 18 ofícios que dizem respeito ao GFP, no CEDOC/I. Eles correspondem aos anos de 1948 a 1960 e, ora indicam autoria do GFP, ora dos remetentes, pessoas ou instituições. Se nos atermos aos que compreendem o recorte temporal desta pesquisa, restam 14 ofícios.

Destes, 3 foram encaminhados ao GFP por associadas, com o intuito de renunciar aos seus benefícios ou encargos. Em 1960, sem motivo aparente, Doris da Silva Wasilewski solicita seu desligamento do quadro social, em uma sucinta frase. Em 1954, sob a justificativa de mudança de cidade (Santa Felicidade), também o solicita Heloiza Caxambu Pereira, trazendo às palavras a estima que pretendia referir-se: “(...) venho mui respeitosamente solicitar dessa Digna Diretoria, considerar-me sócia ausente desse Grêmio do qual tive a honra de pertencer ao seu quadro social. Valho-me da oportunidade para oferecer os meus préstimos naquela localidade”. Enquanto, em 1960, a então presidente eleita Olga G. Zeni renunciava ao cargo, um dia após a eleição, também levando em conta sua estima: “Sei que para bem representar a agremiação torna-se necessária uma assistência contínua e quase permanente, o que no meu caso não é possível, como é do conhecimento de V.S e também de todos os membros da diretoria”.

FIGURA 03: Ofício de Olga G. Zeni ao Grêmio Flores da Primavera (1959)



Fonte: CEDOC/I

Olga Grechinski Zeni, a presidente eleita, foi uma poetisa, empresária e professora iratiense. Em sua obra “Clarões da Noite / Perfis” (1965), ela convida o/a leitor/a conhecer a realidade iratiense sob suas perspectivas, pelas suas anotações cotidianas, sob a forma de um diário publicado. A obra é reconhecida internacionalmente, obtendo diploma e medalha de ouro no Concurso Internacional Lettres, da Academia Internacional de Lutece (Paris - França).

O diário publicado da agremiada Olga Zeni constitui-se uma fonte primária e uma forma de relato autobiográfico, que traz perspectivas acerca da realidade em seu entorno. A tipologia, que poderia se assemelhar às fontes orais, por tratar de depoimentos, história de vida, distingue-se pelo seu contexto de produção primário: no caso das fontes orais, os próprios pesquisadores e pesquisadoras colaboram na produção, elaborando questões, direcionando os assuntos. A estrutura narrativa de um relato biográfico, tal como um diário, pertence essencialmente à autoria, neste caso, Zeni. Esta forma de autobiografia, então,

está sujeita a periódicas revisões e reinterpretações. A idéia, já do senso comum, de que a memória é seletiva, em parte se explica por essa dinâmica dos projetos e da construção de identidade, que leva as referências do passado a um processo permanente de (de) e (re) construção. (VELHO, 1988, p. 125 *apud* MOTTA, 2000, p. 20).

Visto que não é possível remontar completamente ao quadro social do GFP, pois não existem evidências que tragam relações contendo os nomes de todas as associadas (nem mesmo nas atas, que na maior parte do tempo referem-se ao corpo diretor), o papel do ofício/memorando de Olga foi duplamente revelador: (1) A princípio, nem se sabia a respeito da sua relação com o GFP; (2) Ao aliarmos este ofício, no qual ela teme a ausência de disponibilidade, à sua obra “Clarões da Noite / Perfis”, é possível identificar alguns traços da sua atuação na sociedade iratiense, o que revela por si um fragmento, sob densas descrições, e remonta uma presença feminina na esfera público / privada daquela realidade.

Em 1965, Olga Zeni esteve casada, mãe de três garotos, escreveu seus poemas, administrou o posto de combustível José C. Zeni, atuou no ensino pré-primário, foi secretária do Clube Soroptimista e “atuou junto à presidência” da filial do *Lions Club*, ambos clubes, cujo objetivo era filantrópico. Quanto ao exercício da sociabilidade iratiense, ela traz suas perspectivas a respeito de bailes, cinema, visitas e clubes aos quais participou. Sobre o carnaval, em 27 de fevereiro de 1965, escreveu:

Ouçó o batuque dos tambores. É carnaval miniatura. Irati é bastante pacata, para permitir-se grandes exuberâncias. Somos por afinidade todos complacentes com as exibições dos grandes centros, mas em casa o barulho é pouco. Alguns bailes, com pouca serpentina e pouco confeti. Os jovens ainda estremeçam ao toque dos

tambores e do ritmo, mas nós, os maduros, pouco nos damos conta de que Carnaval ainda existe. (ZENI, 1982, p. 21-22).

Suas descrições, a respeito dos eventos, das pessoas e da vida, sob a ótica de seu tempo, são densas e necessitam de um trabalho historiográfico completo a respeito delas, pois trata-se de relatos escritos naquele mesmo período, o que configura um tipo específico de fonte histórica primária, o diário publicado. No entanto, de uma forma mais pontual, há mais um detalhe que revela a este trabalho uma correspondência com o objeto de estudo: a coexistência de mulheres do GFP em outras organizações, sobretudo, o clube Soroptimista, naquele mesmo recorte.

Olga traz ao seu diário uma descrição da cerimônia de posse de uma nova diretoria ao Clube Soroptimista, em 1965. Esse clube, referido como “clube de serviço”²⁴, possuía, na ocasião, um total de 21 associadas.

Algumas das nossas mulheres mais eminentes e representativas, e principalmente aquelas de boa vontade, habituadas ao convívio diário com pessoas mais necessitadas, foram convocadas e unidas num bloco, formaram uma das melhores entidades de serviço. (ZENI, 1982, p. 67).

O que chama atenção diante do relato de Zeni é o quadro diretor das Soroptimistas. Percebe-se que a maioria dos nomes descritos na diretoria dessa organização (11 de 16) também se encontra, em algum momento, na diretoria do GFP, constituindo uma realidade ampla de atuação das mesmas mulheres de elite, em Irati - PR, nos períodos correspondidos, nos campos da filantropia e da recreação.

Tabela 04: Correspondências entre o corpo diretor das Soroptimistas (1965) e o Grêmio Flores da Primavera (1932 - 1979)

Mulheres diretoras das Soroptimistas (1965) e diretoras do Grêmio Flores da Primavera	Período de correspondência (atuação no Grêmio Flores da Primavera)
Maria Inês Martins	1976 - 1977;
Dulce Zanetti	1972 - 1973; 1976 - 1977; 1977 - 1978; 1978 - 1979;
Doracy Castagnoli	1938 - 1939; 1942 - 1943; 1949 - 1950; 1950 - 1951;
Maria Luiza Hessel	1964 - 1966;

²⁴ O referido clube fez parte de uma iniciativa mais ampla, que atua até os dias de hoje. Segundo o site da rede internacional Soroptimist (2021), “É uma organização global que oferece à mulheres e meninas, o acesso à educação e ao treinamento necessários para que elas alcancem a autonomia econômica. ... Para tal, conta com o trabalho voluntário de mulheres de diferentes profissões, culturas e etnias: as “Soroptimistas” “. Disponível em <https://soroptimistbrasil.org.br/nossa-historia>

Rachel Natividade	1959 - 1962; 1962 - 1964;
Maria Aparecida Leal Chittolina	1974 - 1975;
Olga G. Zeni	1959;
Alternice Maschio	1955 - 1956; 1956 - 1957; 1957 - 1959; 1959 - 1962;
Luiza Marchiori	1932 - 1933; 1934 - 1935; 1937 - 1938; 1941 - 1942; 1942 - 1943; 1943 - 1944; 1947 - 1948; 1948 - 1949; 1949 - 1950; 1950 - 1951; 1951 - 1952; 1952 - 1953; 1953 - 1954; 1954 - 1955; 1955 - 1956; 1956 - 1957; 1957 - 1959; 1959 - 1962; 1962 - 1964; 1967 - 1969;
Leni Fornazari	1967 - 1969;
Ban Wescher	1952 - 1953; 1953 - 1954; 1954 - 1955; 1955 - 1956; 1959 - 1962; 1962 - 1964;

Fonte: elaborado pelo autor

A tabela acima corresponde a apenas uma parcela das mulheres referidas, entretanto, é suficiente para demonstrar os domínios da sociabilidade feminina de elite em Irati - PR. Pelos relatos de “Clarões da Noite”, são identificadas mais três instituições cujas mulheres participavam, a Casa da Amizade (afiliada ao Rotary Club), o *Lions Club* (no qual cabia-lhes o título de “domadoras” dos maridos, os “leões”) e a APAE, iniciativa das próprias Soroptimistas²⁵.

A historiadora Larissa Selhorst Seixas (2009) delimita como o cenário brasileiro de cidadania feminina de elite, construída após os anos 1940:

A “questão da mulher” e a suposta “crise” da família constituíram tema central nos debates das autoridades intelectuais, políticas, religiosas e profissionais das décadas de 1910 até 1940. Sendo assim, esse período marca algumas mudanças fundamentais nos papéis femininos e nas expectativas com relação às mulheres, decorrentes da expansão da economia urbano-industrial, que trouxe uma série de melhorias e privilégios para as mulheres de classes urbanas média e alta. Vemos, então, que o começo do século XX marcou uma inserção mais incisiva das mulheres nos espaços públicos, especialmente por meio do trabalho, do estudo e das organizações de mulheres, feministas ou não. (SEIXAS, 2009, p. 2).

Pelo exemplo de Olga Zeni, cabe a constatação de que o mundo do trabalho na esfera pública também fazia parte da realidade das mulheres de elite em Irati - PR. Não significa que todas ocupavam-se com funções formais, porém, em alguma medida, tinham acesso a estes espaços. O estudo, igualmente, fazia-se acessível de alguma forma e sob alguma abrangência, visto que Olga teve tais oportunidades, conforme o marcador de páginas da sua obra sinaliza: “seus estudos primários foram todos realizados em Irati. Completou o Curso

²⁵ <http://www.irijosedudajunior.seed.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=11>

Médio em Curitiba, tendo participado do Complementar no Colégio Henrique Sienkiewicz e o Comércio na Academia Superior do Comércio do Paraná”.

Assim, considera-se que o espaço que essas mulheres dispunham, no cenário público iratiense, ia muito além do mundo da recreação, o que não significa que estavam plenamente inseridas no trabalho e no estudo, mas possuíam mais facilidade de acesso se compararmos aos anos anteriores. Restava ao espaço lúdico o reforço das feminilidades pelas próprias mulheres. De um lado as Soroptimistas, que reforçaram a questão da bondade feminina, e do outro o GFP, uma vez que suas atividades se aliaram ao universo da moda e dos concursos de beleza, característicos daquele período de produção cultural às mulheres e advindos da expansão urbana-industrial.

Acerca desse tópico, a historiadora iratiense Cibeli Grochoski (2020) contribuiu de forma bastante significativa ao abordar a presença da mulher de elite, em Irati/PR, enquanto agente histórica em constantes relações com seu meio, considerando sobretudo, as relações de gênero. Nesse sentido, a pesquisa no entorno das leitoras da Revista Querida revelou aspectos do cotidiano dessas mulheres que evidenciam os discursos que atribuíam a elas um incentivo às características do “se fazer mulher”, típicos dos anos 1960: a reprodução da ordem “ bela, recatada e do lar”.

As revistas que Grochoski utilizou para a pesquisa, bem como os ofícios citados anteriormente neste trabalho, pertencem ao acervo Linda Crissi do CEDOC/I²⁶. Linda Garzuze Crissi, iratiense, ocupou a diretoria do GFP por muitos anos a fio²⁷, sendo citada nas atas do GFP e tendo escrito algumas delas, com frequência. Ao lado de Luiza Marchiori, que ocupou a diretoria em 20 gestões, o nome de Linda é o segundo que mais aparece na história dessa instituição. Por meio do estudo das representações, memórias e oralidades, Grochoski refletiu também a respeito das instituições sociais em que as mulheres estavam inseridas, o que revelou aspectos de atribuição de valores de acordo com o gênero. Tanto a revista quanto o Grêmio em questão, fazem parte desse cenário.

As instituições sociais utilizavam das estratégias para produzir corpos disciplinados nos padrões tradicionais, os indivíduos se apropriavam e se reinventavam, a partir

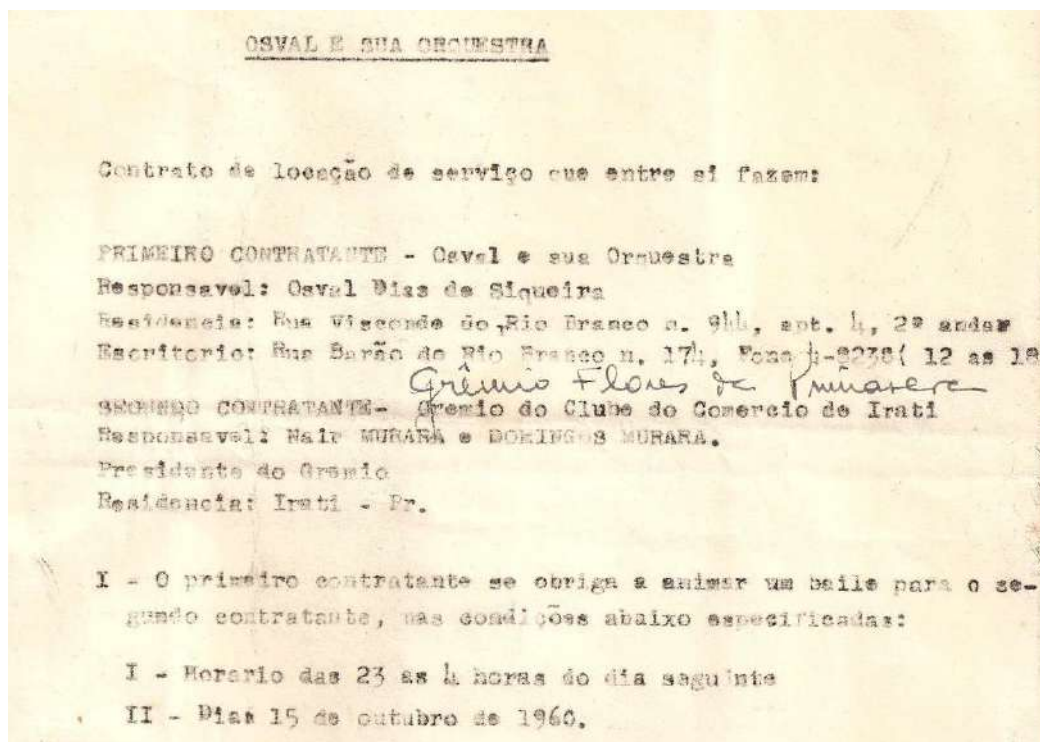
²⁶ Como bem notado, Cibeli Grochoski dedica atenção ao percurso do acervo: por mais que fosse composto de objetos de Romeu e Linda Crissi, antes era nomeado apenas como “Fundo Romeu Crissi”. “porém, a maior parte dos documentos, ali presentes, pertenceu à esposa de Romeu, Linda Garzuze Crissi. Ela estava “apagada” do acervo, silenciada, às margens. Mas, a partir de outras pesquisas historiográficas que interrogaram esta questão, o acervo mudou de nome, atualmente, chama-se “Fundo Romeu e Linda Crissi”. (GROCHOSKI, 2020, p. 13).

²⁷ Enquanto mulher solteira, participou de 3 gestões (1932 - 1933; 1935 - 1936; 1937 - 1938;) e enquanto casada, 12 (1949 - 1950; 1950 - 1951; 1951 - 1952; 1952 - 1953; 1956 - 1957; 1957 - 1959; 1959 - 1962; 1962 - 1964; 1972 - 1973; 1974 - 1975; 1977 - 1978; 1978 - 1979;). Elaborado pelo autor.

das táticas. As táticas deixam poucos vestígios por isso não é fácil analisá-las, é perceptível que, apesar de todo o discurso conservador que dividia o público e o privado entre o masculino e feminino, as mulheres, ao longo dos anos, criaram práticas, desafiaram, burlaram e ultrapassaram obstáculo. Subvertendo as estratégias. (GROCHOSKI, 2020, p. 151).

Conforme mencionado anteriormente, o Clube do Comércio era a instituição que mais interagiu com o Grêmio. Dos ofícios disponibilizados que compreendem o recorte da pesquisa, 02 são correspondências entre as duas instituições, que tratam diretamente sobre a reserva dos salões para a ocorrência dos bailes. Entretanto, outro ofício chama a atenção sobre a constituição dos dois espaços, datado de setembro de 1960. Trata-se de um contrato com a orquestra que tocaria durante o baile.

FIGURA 04: Contrato de serviços entre Orval e Sua Orquestra e o Grêmio Flores da Primavera



Fonte: CEDOC/I

Aqui, notória se faz a relação que o GFP e o CC possuíam. Todavia, no ato de elaboração do contrato, nem mesmo o nome da instituição contratante é indicado de forma correta, restando a identificação "Grêmio do Clube do Comércio". Detalhe que parece fútil, porém significa muito. Dado o cenário dos clubes e dos grêmios, parece inerente que cada clube possuía um segmento para as mulheres, os grêmios. Mas cabe a este trabalho ressaltar que, apesar das relações de cooperação, um não pertencia ao outro. Não cabe apontar,

estabelecendo julgamentos, que as impressões que os contratados faziam a respeito do GFP foram fruto de desatenção. Contudo, revelam um pensamento intrínseco, nas representações sociais, de que os homens dispõem de um grande espaço e as mulheres, uma parte deste. Adiante, esta identificação foi marcada com o verdadeiro nome do GFP por sujeito não identificado, provavelmente para fins de correção, especificação.

Dentre outras categorias que abrangem as correspondências, foram encontradas 128 fichas de propostas para sócias, que revelam os mecanismos para que uma mulher se tornasse associada: ela deveria ser aprovada pela diretoria e ter ao menos duas associadas que “assinassem embaixo”, ou seja, pressupondo que ela já teria de fazer parte daquela teia de relações, já teria de ser conhecida das associadas antes mesmo de entrar.

A partir da análise quantitativa dos dados, considerando o recorte da pesquisa, constam 72 documentos, entre 1954 e 1960. Como são diversos nomes em poucos anos, indica-se que o grêmio era uma alternativa bastante popular entre as mulheres. Mas quais mulheres?

Tabela 05: Propostas ao Grêmio Flores da Primavera (1954 - 1960)

Ano	E.C.: Solteira	E.C.: Casada	Endereço em Irati - PR (Zona Urbana)	Endereço em outras cidades	Endereço não consta	Total de propostas/ ano
1954	09	10	18	-	01	19
1955	08	08	13	01	02	16
1956	06	07	13	-	-	13
1957	07	02	07	-	02	09
1958	01	01	02	-	-	02
1959	02	06	08	-	-	08
1960	02	03	04	01	-	05
Total	35 (49%)	37(51%)	65 (90,2%)	02 (2,7%)	05 (6,9%)	72

Elaborado pelo autor

Consoante ao já informado, até o presente momento, não foi possível estabelecer um balanço exato que revele o número de associadas em determinadas épocas. Porém, os documentos encontrados, que dizem respeito ao recorte, são 72 propostas. Isto não se refere à totalidade, pois pode ter ocorrido o desaparecimento de algum (ou alguns) deles, ao longo do

tempo, tampouco indica que as 72 mulheres foram de fato aceitas para compor o quadro social do Grêmio, mas ainda, trazem percepções a respeito do raio de influência do GFP em âmbito regional, bem como a composição das informações requisitadas pelo Grêmio. Para a instituição, era de primeira importância saber o nome completo, o estado civil, o endereço e os nomes das duas associadas que apoiavam a proposta.

Ainda, sob análise dos endereços que, na maioria das vezes, aparecem completos (rua, nº, cidade), identificou-se que todos os 65 indicados como pertencentes a Irati, pertencem ao meio urbano e, principalmente, às ruas centrais, o que também denuncia a presença da elite social²⁸.

2.2 Testemunhas oculares, mais que meros objetos: as memórias e a construção da fonte oral.

Como procedimento metodológico, a história oral busca registrar – e, portanto, perpetuar – impressões, vivências, lembranças daqueles indivíduos que se dispõem a compartilhar sua memória com a coletividade e dessa forma permitir um conhecimento do vivido muito mais rico, dinâmico e colorido de situações que, de outra forma, não conheceríamos. (MATOS; SENNA, 2011, p. 97).

Os modos de se conceber a oralidade, como fonte histórica, apresentam aos pesquisadores e pesquisadoras muitos desafios teórico-metodológicos. Ao tomar nota do percurso do conhecimento histórico, é possível identificar antigos e novos desafios. A respeito da validade de “histórias orais”, além de não se trabalhar com a busca e constituição de uma só verdade, uma preocupação do positivismo, é preciso levar em conta que esta metodologia, em especial, está evidentemente envolta sob os véus da subjetividade e da eventualidade, tanto pela parte de quem pesquisa, quanto de quem está envolvido na produção e análise desses materiais.

E não basta reconhecer que a subjetividade está sempre presente, o que de certo modo abriria espaço para a relativização do que se produz na academia. É preciso também reconhecer, como sugere Losandro Antônio Tedeschi, o “caráter provisório dos conhecimentos, que somente se legitimam através de discursos de poder de especialistas, no sentido proposto por Foucault” (2014, p. 8).

²⁸ O historiador Julio Cesar Braga, em sua dissertação a respeito da constituição dos bairros “periféricos” em Irati - PR, aponta: “O centro é destinado às moradias das elites, apesar de que, hoje em dia, podemos observar também uma gama de trabalhadores, gente simples e ordeira que também habita regiões centrais. Ver: BRAGA, Julio Cesar. O cotidiano dos moradores do bairro Alto da Lagoa (Morro da Formiga) Irati (PR): 1988 a 2007. 2019. 104 f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em História - Mestrado) - Universidade Estadual do Centro-Oeste, Irati-PR.

Sendo assim, as velhas certezas a respeito da constituição do material histórico e das fontes históricas caem por terra e dão lugar a formas complexas de se perceber o conhecimento, que hoje é plural em vários sentidos, fazendo jus ao que se entende como “ciências humanas” e, por consequência, “ciência de humanos, feita por humanos”. A História Oral, como metodologia, surge pelas preocupações acima e pelo anseio de “dar voz” a quem outrora não teria.

Mas, no fim, tudo é mais complexo. Não é mais sobre “dar voz” a determinadas camadas sociais, mas ao ter adquirido a consciência de que essas vozes ecoaram sempre na sociedade, de uma forma ou de outra, com mais ou menos potência diante do meio, e que são discursos, passam por construções, contrastes, contradições, fluidez, de modo a serem organizadas e constituírem conhecimentos do que se vive, de quem vive e de quem fala. É, portanto, sempre válido pensar em como essas vozes são historicamente definidas, quais seus atributos, quais lugares elas ocupam e de que forma visualizam o mundo ao redor. Além de tudo, ao proporcionar contatos diretos entre os olhares de pesquisadores e de testemunhas oculares, a metodologia da história oral pode revelar o dito, o não dito, o esquecido, ou omitido, as emoções e suas intensidades.

Um documento, uma fonte oficial, nunca poderão transmitir os sentimentos, as dúvidas, as contradições em jogo de um determinado contexto, seja em uma revolução, em uma rua, em uma mobilização social ou em qualquer situação em que intervenham homens e mulheres. (TEDESCHI, 2014, p. 12).

É no sentido de agregar sentimentos que a tipologia da oralidade, por sua vez, proporciona o contato com formas de se evidenciar no mundo, de se auto representar e representar um grupo, formas às quais denominamos “memórias”. A memória é fruto de um exercício constante da testemunha ocular, de avaliar o passado e constituir um presente. Portanto, diferente dos documentos oficiais produzidos no passado, a memória é propriamente uma construção do presente, ela é dinâmica e passa por transformações, antes ou durante a externalização de narrativas por meio da oralidade. Pode-se dizer que a História Oral é o método, o caminho, a oralidade é a chave de acesso, e a memória é o destino. Pierre Nora, em “Entre Memória e História: a problemática dos lugares” discorre sobre as diferenças entre estes dois termos.

A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente; a história, uma representação do passado. Porque é afetiva e mágica, a memória não se acomoda a detalhes que a confortam: ela se alimenta de lembranças vagas, telescópicas, globais ou flutuantes, particulares ou simbólicas, sensível a todas as transferências, cenas, censuras ou projeções. A história, porque operação intelectual e laicizante, demanda análise e discursos críticos. A memória instala a lembrança no sagrado, a história a liberta e a torna sempre prosaica [...] (NORA, 1993, p. 9).

No entanto, nem sempre as memórias são atributos somente da oralidade, pois existem várias formas de se conservar e ressignificar, nos momentos oportunos, informações sobre o passado, tanto individualmente, quanto coletivamente. É nesse sentido que a memória é sempre intencional, existindo pelo critério de quem a mantém. Nos demais casos de se acessar a memória, as metodologias (os caminhos) e as “chaves de acesso” mudam. Para acessar uma memória a respeito da vivência, em determinados contextos e lugares, por exemplo, existe uma gama de outros objetos, lugares, termos e valores que podem levar ao exercício de rememorar o passado.

Há, portanto, o anseio, entre as pessoas, de guardar e constituir um passado, os chamados “guardiões da memória”. Esse anseio não ocorre de maneira natural, sob a qual todos seriam automaticamente direcionados a um passado e nasceriam sabendo dele. Daí surge a preocupação em manter um passado cristalizado e constituir lugar nas narrativas que permeiam a sociedade.

Para o sociólogo Maurice Halbwachs, em “A Memória Coletiva” (1990), a memória individual e a coletiva entram em acordo. Porém, a memória individual é embasada na coletiva, dominante: “só temos capacidade de nos lembrar quando nos colocamos no ponto de vista de um ou mais grupos e de nos situar novamente em uma ou mais correntes do pensamento coletivo” (p. 23). Jean Duvignaud sintetiza essa proposta:

Certo, a memória individual existe, mas ela está enraizada dentro dos quadros diversos que a simultaneidade ou a contingência reaproxima momentaneamente. A rememoração pessoal situa-se na encruzilhada das malhas de solidariedades múltiplas dentro das quais estamos engajados. Nada escapa à trama sincrônica da existência social atual, e é da combinação destes diversos elementos que pode emergir esta forma que chamamos de lembrança, porque a traduzimos em uma linguagem. (DUVIGNAUD, 1990, p. 6).

Já a partir das reflexões do sociólogo Michael Pollak, em “Memória, Esquecimento, Silêncio”, a memória pode ser embasada no coletivo, porém, ainda sim, é individual, na medida em que é constituída de uma operação construída no e para o coletivo, e não o contrário, pois percebe que por meio de cada indivíduo, mesmo um fato dado como consolidado pode ser encarado de várias maneiras. Logo, a proposta não é partir do fato social em si para entender a memória, e sim analisar como e sob quais operações tais fatos chegaram a tal status: “não se trata mais de lidar com os fatos sociais como coisas, mas de analisar como os fatos sociais se tornam coisas, como e por quem eles são solidificados e dotados de duração e estabilidade” (POLLAK, 1989, p. 4).

Para Halbwachs, o fenômeno da memória coletiva é o que, de certo modo, Pollak descreve como a memória enquadrada. Ambas são originadas coletivamente, a diferença é

que Pollak especifica mais o exercício construtivo de mostrar algo a alguém, “enquadrar”, procurar fazer-se entender, conforme a intenção, o que evidencia disputas políticas pela memória legítima são justamente os diferentes enquadramentos em um mesmo contexto.

Pela compreensão historiográfica de que, por meio das disputas, o passado muda e pode até ser imprevisível, é possível ter uma pequena dimensão da riqueza da memória histórica à qual nos referimos. O historiador Matheus Cruz, ao abordar a construção de identidade em clubes sociais negros, faz menção à memória, que se constitui de acordo com um jogo “[...] entre o que deve ser necessariamente lembrado e o que deve ser necessariamente esquecido em certas situações” (2014, p. 24).

Assim, quem pesquisa também pode interagir ativamente com as disputas na produção dessa memória. No caso da história oral, o direcionamento das questões, postos-chave e até mesmo informações a respeito de outras fontes contribuem para que o(a) entrevistado formule uma resposta. Na etapa da avaliação das respostas, verificam-se as correspondências entre esta fonte e as outras. João Bosco Lodi (1977, *apud* MATOS, SENNA, 2011) aponta para um conjunto de procedimentos que podem ser realizados por quem pesquisa:

verificando a validade das mesmas, de uma das três maneiras seguintes, conforme aponta LODI (1977: 19): comparando-a com uma fonte externa; comparando-a com a de outro entrevistado; observando as dúvidas, incertezas e hesitações demonstradas pelo entrevistado. (p. 104).

Ainda, quanto a disputas entre narrativas, as preocupações políticas e cívico-militares, que rodearam o discurso histórico, deixaram de lado importantes agentes históricos e os tornaram os excluídos, segundo a historiadora Michelle Perrot (2017), os operários, as mulheres e os prisioneiros. O silêncio ou o ato de ignorar também diz respeito a um conjunto de disputas. No caso das mulheres, Perrot alerta que há uma maneira de escapar das narrativas da submissão pela submissão, as representações dominantes, e partir por outros caminhos. Para trazer o foco às vidas, formas de sociabilidade e cultura dessas pessoas, é preciso analisar os agentes históricos por meio da inversão, procedimento que ela mesma realizou ao pensar mulheres ditas insignificantes como populares, rebeldes. Também o fez a historiadora Bonnie Smith ao pesquisar as burguesas do norte da França, no século XIX. (PERROT, 2017, p. 157-158).

E a oralidade, como vimos, é uma chave de acesso para memórias subjetivas, “matérias-primas” da História, e que revelam riqueza de detalhes, o que permite analisar propriamente as formas de sociabilidade e cultura. Sendo assim, a história oral torna-se um caminho interessante, quando a memória é posta em foco.

Não há futuro para a história das mulheres sem um permanente exercício arqueológico da memória, porque sem ela não se pode construir nem resguardar a identidade. Até porque a memória é matéria prima da história, e a própria realidade é marcada por elaborações, interpretações que os sujeitos fazem dela, marcadamente subjetivas. (TEDESCHI, 2014, p. 14).

Os estudos de gênero, por sua vez, podem contribuir nas análises que dizem respeito à oralidade na História das Mulheres, enquanto categoria descritiva. De acordo com as antropólogas Suely Kofes e Adriana Piscitelli (1997), ao considerarmos a criação e delimitação de diferenças entre o masculino e o feminino em determinados contextos, e que esses atributos da sociedade marcam as memórias de indivíduos generificados, é possível perceber que “quem narra suas lembranças, recria e comunica experiências marcadas pelas diferenciações estabelecidas pelas construções de gênero” (KOFES; PISCITELLI, 1997, p. 347). Entretanto, é preciso levar em conta que não existem domínios arbitrariamente estabelecidos que diferenciam uma memória feminina de uma masculina, ou seja, a forma qual uma mulher rememora o passado não é uma especificidade biologicamente feminina, nem vice-versa.

dizer que lembrar é recriar experiências marcadas também pelo gênero está muito distante de afirmar uma especificidade da memória feminina, ancorada na biologia ou, no âmbito do social, nos papéis sexuais. Afirar que o gênero marca as memórias – em narrativas biográficas ou em tradições orais – não é o mesmo que afirmar que as mulheres têm uma lembrança específica enquanto mulheres ou os homens enquanto homens, porque a biologia assim o determina ou porque a divisão sexual de papéis assim os define. (KOFES; PISCITELLI, 1997, p. 348).

Estabelecer uma especificidade da “memória feminina” é um desafio justamente pela atribuição de características de acordo com o sexo biológico, e os estudos de gênero vêm provando que as diferenças não são naturais, mas sim, naturalizadas. Afinal, as memórias “do privado” apontam para papéis atribuídos para as mulheres, e não papéis que elas seriam mais aptas biologicamente.

Assim, os modos de registro das mulheres estão ligados à sua condição, ao seu lugar na família e na sociedade. O mesmo ocorre com seu modo de rememoração, da montagem propriamente dita do teatro da memória. Pela força das circunstâncias pelo menos para as mulheres de antigamente, e pelo que resta de antigamente nas mulheres de hoje (o que não é pouco), é uma memória do privado, voltada para a família e o íntimo, os quais elas foram de alguma forma delegadas por convenção e posição. (PERROT. 1989, p. 15).

Contudo, a historiadora Michelle Perrot reflete a respeito das práticas da memória feminina: não é sobre a existência de especificidades das mulheres ao memorizarem, ou uma “memória sexuada”. As relações entre gênero e memória podem evidenciar que, se tratando

das experiências vivenciadas, mesmo a memória é uma construção generificada: as diferenças de gênero marcam a memória de acordo com as experiências vivenciadas.

A ideia de que a memória está estruturada pelos papéis sexuais (papéis masculinos/papéis femininos) entra em confronto direto com a perspectiva dos mais instigantes estudos de gênero. Uma perspectiva de gênero poderia, talvez, ser melhor compreendida através da noção de experiência (conforme a definimos anteriormente) do que o permite a teoria dos papéis sexuais. (KOFES; PISCITELLI, 1997, p. 349).

As memórias, com efeito, são totalmente estruturadas a partir das circunstâncias que a vida proporciona, ou seja, os próprios espaços ocupados por pessoas entrevistadas. Isto pode ser exemplificado quando Perrot se refere às práticas da memória feminina de valorizar “cores, enxovais, roupas”, elementos que homens não recordariam. Nota-se que Perrot evidencia as memórias de mulheres que tiveram suas atuações mais rememoradas na esfera privada. As mulheres que atuaram de forma significativa na esfera pública, ultrapassam os limites do lar e do cuidado, certamente teriam outros elementos lembrados, de outras naturezas.

Michael Pollak, em “Memória e Identidade Social” (1992), tenta estabelecer as diferenças entre as estruturas narrativas em depoimentos. Ao analisar depoimentos de mulheres que foram deportadas, identificou três principais modos de se traçar uma trajetória. Cada modo correspondia aos espaços que as mulheres ocupavam com mais intensidade. Por mais que se mesclasse entre um modo ou outro, durante os depoimentos, um desses era sempre o dominante.

O primeiro modo, que diz respeito às mulheres que possuíam uma socialização política e escolarização, é o estilo cronológico: narravam suas vidas por meio de fatos com início, meio e fim, e estabeleciam uma linha temporal contínua. O segundo modo, diz respeito às mulheres que, por mais que não se detivessem fortemente à cronologia, conseguiam expressar detalhadamente suas vivências nas profissões e espaços que ocupavam. É o estilo temático, que corresponde às mulheres com escolaridade alta, profissionais liberais e com menor socialização política. Por fim, o estilo factual, correspondia às mulheres com grau de escolaridade baixo e pouca participação política e atuação profissional, se comparadas às outras. O estilo factual consistia em desordem de fatos, cronologia e digressões na estrutura narrativa, pouca continuidade: “Ou seja: pulava do filho caçula para a deportação, pulava do deputado comunista que ontem disse "ma besteira panl a notícia lida no jornal em 1930, e a gente não sabia mais onde estava” (POLLAK, 1992, p. 213).

Portanto, o levantamento de narrativas das testemunhas oculares, outrora negligenciadas, é um exercício que enriquece as abordagens historiográficas e permite panoramas mais definidos a respeito das relações sociais na contemporaneidade.

Ao abordar o cotidiano, ao contar sobre suas histórias, as mulheres passam a possibilitar um outro entendimento do passado, que leva a uma atuação mais crítica em relação ao presente e futuro. Ao possibilitar que outros sujeitos sejam participantes da história, desentranhamos a história por dentro, revelando e dando a conhecer as lutas e pensamentos forjados na experiência feminina da vida individual ou coletiva, que até o momento estava no anonimato. (TEDESCHI, 2014, p. 31).

2.3 Memórias, vivências e sociabilidades: De que maneira o Grêmio sobrevive ao exercício das lembranças?

Nesta etapa, conheceremos as principais testemunhas oculares do Grêmio Flores da Primavera. Obteve-se 5 entrevistas orais, com 5 diretoras em diferentes gestões dessa organização. Conforme veremos, muitos aspectos puderam ser levados em conta durante a constituição, transcrição e análise das entrevistas, etapa final do trabalho e, de certo modo, a mais rica. Como há preocupação com os dilemas éticos que a metodologia da História Oral se depara, os nomes das mulheres, bem como algumas características específicas, relacionadas às datas e lugares, foram alteradas e mantêm-se em confidencialidade. Isto não prejudica os resultados, do mesmo modo em que mantém a integridade moral, psicológica, afetiva e não acarreta prejuízos às entrevistadas.

Os nomes verdadeiros das diretoras são, aqui, substituídos pelas denominações dos satélites naturais do planeta Urano.

- a) **Julieta:** Nascida no início da década de 1930, em Irati-PR. Completou os estudos, foi professora, costureira e comerciante em Irati. Casou-se aos 18 anos, no início da década de 1950. Ao lado de seu esposo, participou ativamente da vida social de Irati-PR, frequentando o Samuara Clube de Campo, o SBCI, o Rotary Club, o Lions Club, dentre outros. Tem três filhos, dos quais 2 homens e uma mulher, esta, debutante do Grêmio Flores da Primavera durante a juventude. Foi tesoureira e fez parte do Conselho Fiscal do Grêmio, ambos na década de 1970. Reside no centro de Irati. A entrevista foi realizada na sua residência, em junho de 2018, em virtude de uma pesquisa anterior.

- b) Belinda:** Nascida em Ponta Grossa-PR, no final da década de 1940. Durante sua infância, seus pais mudaram-se para Irati, onde frequentou a Escola Nossa Senhora das Graças e o Colégio Duque de Caxias. Completou os estudos, lecionou como professora e especializou-se em costura. Casou-se em Irati-PR aos 20 e, junto do esposo, fundou uma loja. Tem dois filhos. Belinda também participou da teia social de Irati, no SBCI, no Lions Club, e frequentou o Cine Theatro Central. Além de ter sido secretária do Grêmio, em meados dos anos 1970. Foi debutante anteriormente, nos anos 1960. Reside em Curitiba e em Irati, e a entrevista foi realizada na sua residência, em abril de 2022 .
- c) Ariel:** Nascida em Curitiba-PR, no final da década de 1940. Estudou no Instituto Paranaense de Educação, em Curitiba, e formou-se professora. Conheceu seu esposo, iratiense, e casaram-se depois de 2 anos formada. Logo após, vieram morar em Irati. Trabalhou no âmbito educacional em Irati, nos cargos de gestão pedagógica, gestão escolar e inspetoria regional. Tem dois filhos, um homem e uma mulher, que debutou também em Irati. Participou relativamente pouco da vivência em clubes sociais, se comparada às outras entrevistadas, porém, fez parte de várias organizações, tais como as Soroptimistas, na década de 1970. Nesse período ainda participou do Grêmio, como oradora. Reside em Curitiba desde os anos 1980. A entrevista foi realizada na residência de sua filha, em maio de 2022.
- d) Miranda:** Nascida em Irati-PR, em meados da década de 1940. Estudou os anos iniciais na Escola Nossa Senhora das Graças, em Irati, e, no primeiro ano do Ginásio, mudou-se para Curitiba, onde estudou no antigo Colégio Cajuru. Depois de um pequeno período em Curitiba, voltou a Irati para concluir os estudos na modalidade Magistério. Após concluídos, mudou-se para Curitiba para acompanhar o irmão que estudava lá. Nesse período, lecionou por dois anos, trabalhando principalmente com crianças surdas, e conheceu melhor o seu futuro marido, iratiense, que estava servindo no exército em Curitiba, e já era do círculo social da sua família. O casamento originou uma filha. O pai de Miranda foi presidente do Clube do Comércio, e sua mãe também participou da diretoria do Grêmio Flores da Primavera. Assim, Miranda frequentou muitos eventos culturais e chegou a ser tesoureira do GFP, em meados da década de 1960. Reside no centro de Irati-PR. A entrevista foi realizada na sua residência, em abril de 2022.

e) **Bianca** - Nasceu em Curitiba-PR, no final da década de 1930. Estudou no Colégio Estadual do Paraná, em Curitiba, e participou ativamente das atividades esportivas, tanto pelo colégio quanto pela cidade. Competiu e venceu em várias modalidades a nível colegial, municipal e estadual, durante a década de 1950. Além disso, foi candidata a Miss Cinelândia do Estado, pelo Círculo Militar do Paraná. Aos 20 anos, completou os estudos universitários em docência de História e Geografia. Durante a vida universitária, conheceu seu esposo, que também estudava na universidade. Casaram-se e depois de poucos meses, surgiu uma vaga de trabalho (engenheiro agrônomo) para o esposo, em Irati, para onde se mudaram e permanecem até hoje. Foi professora de Educação Física por um curto período, por demonstrar aptidão pelo esporte. Assim, o casal se inseriu na teia social do município e Bianca participou de torneios esportivos em Irati, conhecendo, no âmbito dos clubes, as mulheres que compunham o Grêmio Flores da Primavera. Foi convidada para ser a presidente em duas ocasiões, além de ter sido tesoureira e membro do Conselho Fiscal, durante a década de 1970. Teve dois filhos, um homem e uma mulher, que debutou no GFP na década de 1970. A entrevista foi realizada na sua residência, em maio de 2022.

Naturalmente, cada sócia-diretora teve diferentes ‘histórias para contar’, apresentou diferentes concepções de mundo e isso pode ser evidenciado acima, pelas próprias trajetórias que tiveram. De início, optou-se por seguir a modalidade de entrevistas com eixo temático, uma vez que todas fizeram parte do Grêmio em algum momento de suas vidas, e este é o tema. Porém, é sempre interessante saber mais do que a mera participação no Grêmio, o que levou a uma simples adaptação no esquema de entrevistas e fez com que as senhoras fossem brevemente questionadas a respeito de suas trajetórias de vida. Segundo Verena Alberti (2013), em ‘Manual de História Oral’, eixo temático e história de vida são dois caminhos pelos quais as entrevistas orais podem passar:

As entrevistas temáticas são aquelas que versam prioritariamente sobre a participação do entrevistado no tema escolhido, enquanto as de história de vida têm como centro de interesse o próprio indivíduo na história, incluindo sua trajetória desde a infância até o momento em que fala, passando pelos diversos acontecimentos e conjunturas que presenciou, vivenciou ou de que se inteirou (...). Em geral, a escolha de entrevistas temáticas é adequada para o caso de temas que têm estatuto relativamente definido na trajetória de vida dos depoentes, como um período determinado cronologicamente, uma função desempenhada ou o envolvimento e a experiência em acontecimentos ou conjunturas específicos. Nesses casos, o tema pode ser de alguma forma “extraído” da trajetória de vida mais ampla e tornar-se centro e objeto das entrevistas. Escolhem-se pessoas que dele

participaram ou que dele tiveram conhecimento para entrevistá-las a respeito. (ALBERTI, 2013, p. 37).

Mesmo nessas circunstâncias, prevaleceu o modo de eixo temático, para que as senhoras compreendessem o foco estabelecido pela pesquisa e detivessem sua atenção aos elementos que dizem respeito ao grupo que participaram. Certamente, esse modo revelou a pluralidade de perspectivas nas atuações delas na vida pública e ultrapassou os limites do Grêmio, pois as práticas de sociabilidade, evidenciadas no passado, são tão fluidas quanto às narrativas das entrevistadas, ancoradas no passado remoto, a respeito de si, das outras mulheres e da sociedade de forma geral.

Em relação à seleção de entrevistadas, cabe também explicar de que forma tivemos acesso a elas, com exceção de Julieta, que participou, em 2018, por meio de indicações de conhecidos, nas pesquisas anteriores. Como sugere Cançado (2008),

Desde o momento do agendamento até a análise das narrativas, a entrevista é uma aprendizagem para o historiador, pois o processo envolve estratégias de aproximação, sentimentos compartilhados e decisões interpretativas que dão sentido às lembranças e permitem a construção de uma boa história. Desse modo, a fonte oral é compreendida como um conhecimento criado na reinvenção do acontecimento e em suas relações com a narrativa, com as versões individuais, com a transmissão, com o subjetivo e com as interpenetrações entre o presente e o passado. É um caminho fronteiro que possibilita ao historiador a ressignificação do acontecimento num âmbito relacional no qual se problematiza a trajetória da composição das lembranças, as próprias lembranças e o acontecido reconstruído. (p. 45).

O primeiro passo foi procurá-las em um grupo de memórias no Facebook, ‘‘Era uma vez em Irati’’, por meio de uma postagem explicando os motivos da pesquisa. Nesse grupo, poucas respostas efetivamente contribuíram para a pesquisa, e nenhuma senhora foi encontrada. O próximo passo foi levantar a trajetória do Grêmio por meio dos documentos escritos, a partir do que as atas administrativas, periódicos, *carnets* de baile e demais documentos revelavam. Desta forma, elaborou-se uma tabela (ANEXO I) que compreende os nomes da maior parte das diretoras, que corresponde de 1921, fundação do GFP, até 1982, ano do seu suposto encerramento.

Foi preciso, então, contatar iratienses que, de alguma forma, preservam as memórias da cidade. E, nessas idas e vindas em busca de auxílio, tomou-se contato com a sra. Luiza Fillus, professora, empresária e escritora que reside em Irati. Luiza contribuiu imensamente e só assim a pesquisa pôde deslanchar. Ao visualizar a tabela, a cada nome lido, ela apontava e identificava, ora com ânimo, ‘‘Está viva! Mora na rua tal!’’, ou então, demonstrando uma distância maior, ‘‘seus parentes moram em tal cidade, mas perdi contato...’’, e, na maioria

dos casos, tomando as dores da pesquisa e lamentando, “infelizmente, esta também já faleceu”.

Apesar de não ter feito parte da organização do Grêmio, Luiza frequentou alguns bailes e contribuiu com suas perspectivas acerca da memória local. Porém, os encontros com Luiza foram espontâneos e nem ao menos foram gravados, restando as muitas notas em cadernetas que salvaram as informações, tão caras, disponibilizadas por ela. Com os endereços anotados, procurou-se a que estava mais perto, Belinda. E, por meio desta, revelaram-se mais duas indicações. E destas indicações, mais uma, evidenciando um elo que se construía a cada passo dado.

Cinco entrevistas temáticas apresentaram material suficiente, e optou-se pela transcrição e análise antes de procurar por mais senhoras. Cabe também ressaltar que, apesar de uma delas cogitar a ausência de sua participação pela sensação de que não teria grandes contribuições, não houve efetiva recusa por nenhuma parte. As cinco apresentaram-se dispostas e contentes diante do convite para a pesquisa, e sentiram-se colaboradoras de uma história que, como externalizado por Belinda, “desapareceria”.

Para dinamizar a discussão, a análise das entrevistas seguirá tópicos com assuntos comuns entre todas elas, para identificar correspondências, divergências, esquecimentos e demais fatores, o que não implica no direcionamento entre uma verdade ou uma mentira, mas em como cada memória foi organizada.

Afinal, a participação das entrevistadas na diretoria do Grêmio foi lembrada? Sim, em alguns casos, e, surpreendentemente, não em outros. Apresentam-se, a seguir, três formas de rememorar a participação, ou ausência dela, na diretoria do Grêmio.

A primeira forma é a lembrança integral da atuação e da sociabilidade no Grêmio. Ainda que a memória seja apenas uma junção de fragmentos, a lembrança integral consiste na afirmação, “eu participei”, e na revelação de detalhes a respeito desta atuação, seguindo uma narrativa consistente encaixada em uma linha temporal, relacionada ora à associação, ora ao período em que se viveu. Bianca, com 84 anos, na ocasião da entrevista, não só afirmou sua participação, nos anos 1970, à frente do Grêmio, como presidente em certos períodos, mas também relembrou a convivência com as colegas de organização e amigas, nos afazeres da diretoria.

veja, tinha 3 pessoas, que era as mais importantes nessas festas... Era a D. Linda, era a Murara, Nair Murara, e tinha mais uma, que era a... Leny! As três! Elas eram tipo as cabeças. Essa Murara chegava no clube, o clube era rodeado de cortina. As paredes, tudo cortina. Ela entrava e dizia “vamos tirar as cortinas e lavar”, aquilo doía no coração. Quem fazia éramos nós! Não tinha quem tirasse, não tínhamos verba pra isso... A gente ia lá, tirava então de noite, e depois pra por tudo aquilo!

Você tem que por no trabalho que as três pessoas que seguraram esse baile durante os anos foram essas três. Elas tinham esse valor. A gente chegava lá e pra mim tava boa a cortina né? Mas elas não, elas queriam que lavasse, era tudo certinho... (BIANCA, 2022).

A memória de Bianca, repleta de detalhes, revela que a sua participação no Grêmio foi nitidamente importante em sua vida. Ela ocupou a presidência em duas ocasiões, fatos considerados marcantes, e consegue lembrar, ainda que com esforço em alguns casos, de nomes, datas, acontecimentos e situações, compondo uma narrativa própria de quem participou efetivamente da diretoria. No trecho acima, por exemplo, confirmamos que a principal razão de ser do Grêmio eram as festas, pois ao invés de se referir a ele pelo nome, Bianca se refere a ele pelas suas atividades: ‘‘tinha 3 pessoas, que era as mais importantes nessas festas...’’.

Também, nesse trecho, foi possível identificar três senhoras que estiveram à frente do Grêmio, assim como Bianca, suas exigências diante das vésperas de um baile da primavera, onde tudo teria que parecer impecável, e um próprio vestígio de que a verba arrecadada pela associação, por meio da mensalidade, era totalmente destinada ao baile e não à associação em si, que não dispunha de recursos humanos, se não a própria diretoria.

A segunda forma de lembrança é a pontual, ou seja, quando a entrevistada, de fato, confirma a atuação no Grêmio, muito embora não recorde de muitos detalhes sobre esta. É o caso de Ariel, que apesar de reconhecer que participou durante 3 gestões, no final dos anos 1970 e início dos 1980, lembra de apenas uma ocasião, um evento isolado. Duas passagens evidenciam as memórias da atuação de Ariel:

Eu acho que quem me convidou e me trouxe pro Grêmio foi a Adair Koch. E dai, eu lembro que eu ajudei a fazer algumas coisas, lembro que nós escrevemos até um texto pra falar na prefeitura, para os pais, pra quem tava lá... e não tenho assim muita lembrança sabe? Não foi uma coisa que me... que me marcou muito, porque eu tinha outras responsabilidades, e daí não era na época da minha filha, né? (...) E eu me lembro do dia que eu tava com um papel lá na prefeitura, falando... fazendo alguma coisa... (ARIEL, 2022).

ali na prefeitura, recepcionando as meninas que iam ser apresentadas, eu me lembro até da roupa que eu tava, era um conjunto preto, assim, sabe? Eu com um papel na mão, e falando alguma coisa... eu tenho isso na minha cabeça. Mas o resto, não lembro... (ARIEL, 2022).

Diferentemente de Bianca, que consegue estabelecer uma narrativa própria de quem participou efetivamente da diretoria do Grêmio, Ariel relembra apenas dessa ocasião, em que recepcionou as debutantes, os pais e convidados na prefeitura. Provavelmente, tratava-se de um coquetel, oferecido pelo prefeito e pela primeira dama às famílias das debutantes, antes do baile. Ariel enfatiza que a participação não foi marcante em sua vida, devido aos afazeres

e responsabilidades que possuía na época, e porque sua filha não esteve envolvida no ritual de debutar. Desta forma, sua memória selecionou o que de fato foi marcante, um evento pontual no qual participou.

Isto também ocorre no depoimento de Belinda. Ao ser questionada a respeito de sua participação na diretoria do Grêmio, ela recorda apenas de quando recebeu o convite para assumir um cargo na mesma. Afirma que realmente esteve presente em determinados momentos, mas não consegue lembrar os detalhes de sua participação, além da época aproximada, levando em conta o momento em que se encontrava, e do convite que recebeu.

Não sei se o contrário, mas fui secretária da Dona Rachel... Sei lá! (Risos). Ela chamou, chamava! “quer ser minha secretária?” se tinha disponibilidade... e eramos muito amigas. (...). Eu entrei nos anos 70... depois que vim morar pra cá e casada... (BELINDA, 2022).

Por fim, há uma terceira maneira de trazer a participação no Grêmio por meio das entrevistas. Neste caso, diz respeito ao esquecimento ou negação, que pode demonstrar conflito, juízo de importância ou até mesmo incongruência em relação às fontes documentais. É o caso de Julieta e de Miranda.

Não, eu não cheguei a fazer parte mas conheci... minha cunhada que nós almoçamos com ela hoje, ela disse “venham almoçar aqui em casa” eu disse “nós vamos mas vamos voltar mais cedo porque nós temos uma entrevista”...brincando com ela. Ela até foi presidente do Grêmio... essa que é irmã dele (esposo). Ela foi presidente do Grêmio... agora eu não fui. (JULIETA, 2018).

Julieta, quando questionada a respeito de sua participação no Grêmio, nega ter atuado nos afazeres da instituição. Entretanto, nas fontes documentais que foram consultadas, especialmente em *carnets* de baile e atas administrativas, seu nome consta duas vezes, uma na ocupação de tesoureira, outra no conselho fiscal, em diferentes gestões. Seguida da negação, está a lembrança de que sua cunhada foi presidente. Por mais que Julieta tenha negado, soube-se mais tarde que ela, efetivamente, ocupou a teia social dos clubes, frequentou eventos como os bailes de debutantes, de carnaval etc. As suposições que couberam é que as atuações de Julieta na tesouraria e conselho fiscal não foram marcantes na sua vida, como foram nas da cunhada, que foi presidente, por ela rememorada, ou que de fato ela não participou, questionando a confiabilidade dos documentos escritos.

No caso de Miranda, que também negou a participação, há ainda outra suposição diante da documentação do grêmio na qual constava o seu nome:

Tesoureira...? Ó a minha mãe aqui! [participou da diretoria no mesmo ano]. Ah mas eu nem lembrava disso aí... me puseram disserto (risos). Que tal... É, provavelmente elas tavam... elas queriam atingir um número de mulheres e tal... talvez eu nem fiz nada mas só constava lá meu nome e tal... (MIRANDA, 2022).

Assim como Julieta, Miranda não se lembra de ter participado. Ambas lembram/sinalizam a atuação de outras mulheres que faziam parte, como a mãe de Miranda e a cunhada de Julieta, mas não se identificam como diretoras. Pela documentação do Clube do Comércio e pelas memórias, percebeu-se também que o marido de Julieta e o pai de Miranda foram presidentes do Clube. Ou seja, elas, de uma forma ou de outra, estavam inseridas na vida social. No caso de Miranda, ela inclusive sugere que tenha ocorrido um registro intencional da própria diretoria que a inseriu.

existem nas lembranças de uns e de outros zonas de sombra, silêncios, "não-ditos". As fronteiras desses silêncios e "não-ditos" com o esquecimento definitivo e o reprimido inconsciente não são evidentemente estanques e estão em perpétuo deslocamento. (POLLAK, 1989, p. 9).

Experimentos que envolvem a memória são complexos e intrigantes. Como bem externalizado pelo sociólogo Michael Pollak (1989), muitas hipóteses dão à memória o seu status único, subjetivo e conflitante. Assim, é perfeitamente compreensível que eventos históricos, acontecimentos do cotidiano, datas, pessoas, lugares, sejam esquecidos ou alterados. Ainda é compreensível que as memórias nem sempre se alinharão às outras fontes históricas do mesmo contexto, o que por si só também já demonstram a riqueza na existência de mais de uma forma de se olhar para o passado, conforme sugere José Carlos Sebe Bom Meihy:

A relação do esquecimento com a memória é vital para se entender os resultados propostos pela história oral. Supondo que a história oficial seja feita sempre com base em documentos registradores de alguma lembrança que se quer preservar, a memória equivaleria ao esforço de recuperação de coisas que ficaram fora do enquadramento registrado por escrito. (MEIHY, 2005, p. 76).

No caso do Grêmio Flores da Primavera, que existiu durante pelo menos 6 décadas, não poderia ser diferente. Afinal, fora constituído de pessoas, que atribuíam e atribuem mais ou menos importância a este, dispunham de mais ou menos tempo para participar dos afazeres da diretoria e, por fim, tinham e têm outras formas de sociabilidade, trabalho, tarefas do cotidiano e lazer.

Em relação às alternativas que as entrevistadas, com exceção de Bianca, encontraram para compensar a falta de memória, o esquecimento ou o pouco envolvimento com a diretoria do Grêmio, estão a recuperação de assuntos que dizem respeito às suas atuações na sociedade iratiense como um todo.

Belinda e Miranda, na tentativa de encontrar relações entre as suas memórias e o Grêmio, preferiram direcionar suas narrativas às suas experiências como debutantes, que são melhor expostas no tópico 3.3.

Por outro lado, Ariel pede desculpas por presumir que não poderia contribuir muito a respeito da discussão sobre o Grêmio, e depois de se explicar, relembra de sua atuação em outras instâncias do associativismo feminino em Irati, sob as quais deteve mais atenção. E, coincidentemente, ela relata que integrou o corpo diretor das Soroptimistas na década de 1970, associação que, como vimos no tópico 2.1, continha mulheres que também participavam na diretoria do Grêmio Flores da Primavera.

eu tava lembrando que eu tinha muita coisa... Eu era inspetora, eu era soroptimista... fazia aquelas festas pra ajudar as crianças, né? Nós ia... principalmente as menina! Nossa! Fazia aqueles negócio lá no... Lá no Polonês que a gente fazia... meu deus do céu... E eu era do Lions ainda... Agora que eu me lembrei que eu era do Lions... E de casa, eu cuidava bem de casa, acho que cuidava bem... (...) Com as soroptimistas a gente fazia, por exemplo, a festa do.... a festa junina! Envolvia as escolas, lá no Polonês, gente gente gente... Tinha tipo uma feirinha, nossa era maravilhoso! É a gente... trabalhava de encher o carro de... de coisa assim de coisa que a gente conseguia, e daí distribuía... Era muito bom, muito bom. Hoje em dia ninguém mais faz nada disso. (ARIEL, 2022).

Julieta, por sua vez, relembra dos bailes de carnaval que frequentava ao lado do esposo e dos filhos, no Clube do Comércio e Clube Polonês, e explica que até aquela circunstância, era integrante do Rotary e também fora participante, ao lado do esposo, do *Lions club*.

Eu sou presidente da... do patrimônio. O prédio ali é nosso, das senhoras. Nós que construímos, nós que ganhamos, que compramos o terreno, fizemos tudo. Os rotarianos ajudaram bastante, mas é nosso. Das senhoras rotarianas. (JULIETA, 2018).

Ao dedicarem atenção aos outros espaços que ocupavam na sociedade iratiense, Ariel e Julieta optam por demonstrar, na autorrepresentação, o engajamento com os “clubes de serviço”. As associações filantrópicas, de acordo com Maria das Graças Setton (2004), podem ser compreendidas não somente pelas suas ações solidárias, mas muito mais pela intenção de efetivarem sua condição, dotada de capital social e capital simbólico. A autora utiliza a abordagem de Pierre Bourdieu (1998) para trazer à tona que esses clubes reafirmaram a cada instante seu poder simbólico, ou seja, pelo conceito de *habitus*, Setton aborda a dinâmica universal na relação dos grupos que consiste na manutenção do status perante a sociedade. O Grêmio, por sua vez, só integra esse cenário na medida que se constitui como um espaço lúdico, recreativo e de sociabilidade ocupado essencialmente entre as detentoras desta forma de poder.

A memória proporcionada pela oralidade é um trabalho definitivo de seleção e sobretudo de auto representação diante do meio. É uma visão sobre si e sobre os outros sujeitos ao redor. Ao assumirem que participavam de um determinado grupo social, mesmo que não formalmente de um corpo diretor, as entrevistadas buscam uma interação com esse grupo e uma forma de representá-lo.

O que se chama de "grupal", "cultural", "social" ou "coletivo" em história oral é o resultado de experiências que vinculam algumas pessoas a outras segundo pressupostos articuladores de identidades decorrentes de memórias culturais. Os indivíduos, nesse contexto, têm autonomia de procedimento na medida em que suas vontades expressam de maneira original a combinação de fatores pessoais, biológicos e as influências do meio, que são sempre culturais. Assim, as experiências de cada um são autênticas e se equiparam às gerais mediante a construção de uma identidade comum. (MEIHY, 2005, p. 79).

Mesmo uma ou outra não tendo identificado sua atuação na diretoria, revelava estar envolvida nos laços de sociabilidade. Quando questionadas a respeito da atuação das outras senhoras do Grêmio, conseguiram definir quem eram, quais suas profissões, escolaridades, se possuíam relacionamentos ou filhos.

Ariel, por exemplo, ao tomar contato com a tabela que contém os nomes das diretoras, conseguiu se lembrar de muitas mulheres que foram membros da diretoria:

Essa aqui mora em Curitiba, esposa do juiz... eu professora... E a Esther! Esther é minha amigona, ela que vivia puxando... Altenirce, era professora... Regina, não tenho certeza. A Rachel era do lar, a Edenir era professora. A Priscila, filha da Adair. A Esther foi professora, advogada. Maria Aparecida, mulher do dono do hotel. Dione, professora, Maria da Graça, era... estudante. Depois, Nair, do lar, Loilita foi professora, Linda, mulher do seu Romeu, não era... Dinair era mulher do médico, a Iara esposa do juiz, Adair, a Sarita...A Maria Antônia... ela era professora de Educação Física! Casada com o dono da Casa Nova. (ARIEL, 2022).

Ariel as descreve e identifica majoritariamente pela profissão, ora pela ocupação, ora pela paternidade ou, ainda, pela relação matrimonial. São fatores relevantes pois trazem, pela sua perspectiva, o que foi a característica mais marcante em cada uma das mulheres lembradas. Nesse trecho, é possível estabelecer um fator em comum em boa parte dos nomes levantados por Ariel: são mulheres identificadas como professoras.

Por mais que não se objetive trazer a fala de Ariel como uma verdade inquestionável, e sim como uma memória, sujeita a imprecisões, é possível reconhecer que, naquele contexto, boa parte das mulheres que se ocupavam com a vida social no âmbito do Grêmio Flores da Primavera, era de professoras. Inclusive, das 5 entrevistadas deste tópico, todas declararam-se professoras, por mais que as formações tenham sido diversificadas (magistério, ensino superior, ensino técnico).

O alto índice de mulheres que tiveram a docência como profissão dos anos 1930 a 1980, em todo o Brasil, pode ser explicado sendo uma consequência do fenômeno urbano da divisão sexual do trabalho, fundado no preconceito de gênero, evidenciado pela socióloga Maria Helena Bueno Trigo (1997) e, posteriormente, retomado pela historiadora Carmem Silvia da Fonseca Kummer Liblik (2017).

Sabe-se que profissões e trabalhos ocupados em sua grande maioria por mulheres são menos valorizados, exercidos em condições mais precárias e com remunerações inferiores aos homens (SAFIOTTI, 2013). Desde o final do século XIX, criou-se no imaginário social a percepção de que as mulheres deviam ser as responsáveis pela educação infantil e primária, portanto, não é de se estranhar que por décadas a sociedade brasileira percebesse que esse tipo de profissão é menos nobre ou importante que outras. (LIBLIK, 2017, p. 292).

Ao passo que as mulheres encontravam oportunidades de atuação profissional no espaço público, essas opções eram limitadas. A docência era socialmente autorizada ao público feminino por apresentar-se diante da crença de que elas possuíam mais “jeito”, “dom” e “amorosidade” para ensinar do que os homens, que por sua vez, teriam um leque de possibilidades infinitamente mais variado, se tratando de carreira de trabalho. Abaixo, Carmem Liblik retrata o contexto, pós década de 1930, quando as mulheres, de fato, puderam ter acesso aos bancos universitários.

Eram as mulheres que assumiam os cargos de professoras nas escolas primárias, enquanto os homens ocupavam os cargos administrativos. Deve-se considerar que antes mesmo deste período a profissão de professora primária e depois secundária já se constituía como uma profissão feminina. (LIBLIK, 2017, p. 41).

Não obstante da realidade do ensino primário, o ensino superior, depois da década de 1930, também passou a ser mais frequentado pelas mulheres, sobretudo, os que preparavam para a docência. O curso de História, por exemplo, era parte dessa realidade. Liblik (2017) evidenciou o preconceito de gênero que funda a divisão sexual do trabalho ao analisar memórias de professores e professoras dessa área.

Ao que tudo indica, os discursos preconceituosos de gênero os atingiram mais do que as mulheres porque eles [homens] estavam num curso "feminino", portanto, "sentiram" na própria pele o preconceito de gênero. Na época de estudante, Hector conta que o curso de História era composto majoritariamente por mulheres, sendo "um curso mal visto, não profissional". O episódio contado por esse historiador, por exemplo, refere-se às brincadeiras do trote universitário. Nesse dia, cada calouro e caloura deveria sortear uma plaquinha que expressava uma determinada ordem: "eu me lembro que a minha saiu 'agarra-se engenheiro', coisa constrangedora, mas enfim". Tanto ele quanto Urânia lembram que ouviam que "cursos como o de História eram cursos 'espera marido' ". (LIBLIK, 2017, p. 292).

No âmbito de Irati, o caminho comum para as meninas que realmente tinham acesso ao ensino básico, era continuar os estudos por meio do curso de magistério, para atuar na

educação básica. O grupo escolar Nossa Senhora das Graças, escola para meninas, ofertou esta modalidade de curso técnico nos anos 1950 e 1960, enquanto para os meninos havia o grupo escolar São Vicente.

Miranda, professora, também lembrou a respeito da ocupação profissional das mulheres que compunham a sociedade iratiense, ao ser questionada.

É que antigamente as mulher eram tudo de casa, né? Quase ninguém trabalhava fora, era uma ou outra que era professora né, mas... mas era raro né. As mulheres também não trabalhavam fora. A dona Joanita Gruber por exemplo, era professora. (MIRANDA, 2022).

Enquanto Miranda relembra a existência de professoras, também sugere a ausência de mulheres nos trabalhos do meio público e a escassez delas em outros trabalhos que não fossem a docência: “uma ou outra que era professora”. Mais adiante, podemos perceber que as que não trabalhavam no meio público, as que potencialmente se ocupariam no âmbito do Grêmio, segundo Miranda, pertenciam a um seletivo grupo da sociedade: as que possuíam mais recursos financeiros.

eram muito chique, nossa... é, era de... de... era, o... um dos, uma das cidades acho que do Paraná assim que tinha sabe bem, né, a sociedade, sabe, era bem né, tinha muito madeireiro aqui na época, né... Pessoas que conseguiam trabalhar... Então, é, corria dinheiro, né? Então, era bem, bem famosinho Irati... E não era bem média, era uma classe um pouco mais alta, tinha, média - alta, e bem alta, sabe? (MIRANDA, 2022).

Pelo depoimento de Miranda, podemos identificar uma tentativa de representar os cidadãos envolvidos na “sociedade iratiense”, na qual o Grêmio estava inserido, com maior poder aquisitivo, se comparados a operários, por exemplo. Quando fala em “sociedade”, não se refere ao conjunto orgânico que funda relações de trabalho, econômicas, políticas. Ela se refere a um grupo que desfrutava das mesmas atividades de lazer e participava dos clubes. Tal concepção de sociedade é mais atrelada, aqui, às práticas solidárias de sociabilidade.

Para compreendermos a intenção de seletividade e diferenciação que funda o termo “sociedade”, citado por Miranda, no contexto do depoimento, é relevante refletir a respeito do que Georg Simmel (1983) concebeu como uma característica da sociabilidade. Mesmo que possa parecer ou ser considerada uma cidade provinciana, a partir de conceitos memorialistas e produções historiográficas, Irati é fruto, nos anos 1950 e 1960, da construção de uma postura urbanizada e moderna, onde se diferenciam “uns” de “outros”. Nessas sociedades, a própria referência de uma distinção social ocorre de maneira concreta, entre aqueles que desfrutavam de certos espaços e aqueles que não desfrutavam.

A “elite social”, nesse caso, é entendida como uma parcela da Irati urbana que utilizava dos espaços de sociabilidade para construir sua representação cultural. As sócias e frequentadoras do Grêmio, bem como o público para o qual eram destinadas às atividades culturais, como o Baile de Primavera, não constituíam, como imaginamos, a maior parcela da sociedade iratiense, menos ainda a população completa de habitantes do município, naquele recorte. Afinal, segundo idealizou Simmel (apud FILHO; FERNANDES, 1983,p. 172), a sociabilidade deve possuir um caráter democrático, mas que “só pode se realizar no interior de um dado estrato social: sociabilidade entre membros de classes sociais muito diferentes é amiúde inconsistente e doloroso”, pois, “a sociabilidade, se se quiser, cria um mundo sociológico ideal, no qual o prazer de um indivíduo está intimamente ligado ao prazer dos outros”.

Portanto, o depoimento de Miranda se une às outras formas de compreensão que elegiam o Clube do Comércio e o Grêmio Flores da Primavera como espaços destinados às pessoas com maior poder aquisitivo.

Pelos depoimentos, ainda foi possível identificar, por meio de detalhes, nas ênfases da fala, menção, admiração, lembrança, o que se esperava de uma mulher no contexto dos anos 1950, 1960 e 1970. Isto pôde ser melhor visualizado quando se referiam a duas mulheres que foram diretoras do Grêmio durante longos períodos: Luiza Marchiori e Linda Crissi.

Com a palavra, Miranda: “A Dona Linda, Dona Luiza Marchiori, que morava aqui do lado, nessa casa bem antiga, era da Luiza Marchiori. Olhe pela janela, ali atrás daquelas árvores, você vê ali. Ela era solteira, nunca casou. Não teve filhos...” (MIRANDA, 2022). Muitas e repetidas vezes, durante os depoimentos, as entrevistadas fizeram questão de lembrar que Luiza “nunca casou”, e que, assim como Linda, “nunca teve filhos”. Segundo a historiadora Maria Lygia Quartim de Moraes,

O modelo tradicional de família estava baseado numa divisão rígida de papéis, em que o homem era designado como "chefê da família" e a mulher, sua "principal auxiliar", estava em situação de inferioridade jurídica. Ao homem cabia zelar pelo sustento material da família enquanto o cuidado com os filhos e os afazeres domésticos cabiam apenas às mulheres. (MORAES, 2007, p. 501).

A repetição e as expressões de admiração parecem, de certa forma, um incômodo, um fato marcante ou um gatilho da memória, diante da sociedade na qual viveram, quando as convenções sociais estimularam a homens e mulheres o casamento e, posterior a este, a reprodução. Desta forma, Luiza e Linda parecem transgredir o que se esperava de uma mulher daqueles tempos, e são lembradas pela ausência dessas tradicionais práticas nas suas trajetórias. Em relação à maternidade, Maria Lygia Quartim de Moraes também explica que,

bem como o casamento, nas décadas anteriores, é um fenômeno constantemente incentivado à mulher.

A maternidade é extremamente valorizada em toda a doutrina cristã, como bem definia Santo Agostinho, para o qual "a propagação dos filhos é a primeira, natural e legítima finalidade das núpcias" e essa é uma das heranças culturais presentes nos dias de hoje, influenciando comportamentos e políticas públicas. "Ser mãe", no entanto, é uma noção culturalmente construída, que envolve muito mais do que o simples ato biológico da reprodução. (MORAES, 2007, p. 500).

Podemos, ainda, levar em conta a importância dos valores repassados, simbolicamente, pelo Grêmio à sociedade iratiense e às moças que debutaram. Durante o exercício das memórias, surgiu a questão: afinal, por que o baile era feito?

Concluiu-se que os bailes eram feitos para atender uma demanda social, inserir, ambientar e instruir jovens mulheres àquele grupo da elite social, no que diz respeito aos seus modos de atuação, como se portar diante dos demais e de que forma estaria melhor representada. O rito de debutar, constituído de tradição, servia para manter as meninas em um mesmo caminho, o da disciplina diante do grupo. Bianca, que foi presidente ressalta:

A gente gostava tanto que não queria deixar né, era uma coisa tão bonita, ver aquelas meninas debutarem, e a festa em si, era uma coisa muito chique. E era o Debut, tava se apresentando pra sociedade, tem que meio... cuidar do comportamento né, era muito importante isso... (BIANCA, 2022).

Há um consenso, nas falas das entrevistadas, de que o Grêmio promovia bailes prazerosos, proporcionava momentos de alegria. Bianca, no trecho acima, enfatiza, ‘a gente gostava tanto que não queria deixar né’. Porém, como sabemos, a instituição encerrou suas atividades no início da década de 1980. Sendo assim, surgiram os seguintes questionamentos: se a atuação do grêmio e as práticas de *debut* eram tão fortes nos anos 1970, por que deixaram de existir logo nos primeiros anos da década de 1980? O que aconteceu para influenciar a ruptura dessa tradição?

FIGURA 05: Ata do Grêmio Flores da Primavera, 25/09/1982

83

Aos vinte e cinco dias do mês de setembro de 1982, foi realizada na Biblioteca do Clube do Comércio, uma reunião para os primeiros providências para o baile da primavera, que este ano se fará realizar no Samuara Clube de Campo, em 6 de novembro.


A presidente do Grêmio Maria Antônia Geraldo Szpak, resolveu reassumir essa agremiação pelo fato de que em 1981, não houve baile porque ninguém quis assumir a presidência do grêmio; e este ano a diretoria ficou assim estabelecido

Presidente:

Maria Antônia Geraldo Szpak, que contará com a colaboração de Eliza Beatriz Gomes Zapellan, Marta Hessel, Luzia Benato e Naiade Camargo.

Houve um acordo de que o Clube do Comércio ajudará financeiramente ao Grêmio, caso haja necessidade, visto que o Grêmio não tem condições financeiras nenhuma de realizar este baile sozinho.

Nada mais tendo a relatar. Assim



Acervo particular do Clube do Comércio, disponibilizado no CEDOC/I

Referente ao fim do Grêmio, muitas hipóteses foram levantadas, bem como muitas constatações. Acima, encontra-se a penúltima ata do acervo da organização, sendo sucedida apenas por uma ata em forma de relato, no mês seguinte, sobre a missa encomendada e o coquetel oferecido às famílias das debutantes na Prefeitura de Irati, dando a entender que, após o baile, não houve nem mesmo a preocupação em relatá-lo no livro ata, como feito nos anos anteriores, o que indica um possível desmembramento do Grêmio.

Na ata acima, é possível encontrar uma versão que explica a falta de frequência das atividades da organização. Nela, apresentam-se duas justificativas, motivos aparentes de não terem realizado o baile em 1981. O primeiro é o fato de que nenhuma mulher teria se proposto a ocupar o cargo de diretora, naquele momento. O segundo, aparentemente, é que o Grêmio já não possuía fundos para realizar o baile, o que se evidencia no trecho “o Clube do Comércio ajudará financeiramente o Grêmio, caso haja necessidade, visto que o Grêmio não tem condições financeiras nenhuma de realizar este baile sozinho”.

Embora o Clube do Comércio tivesse sua participação, contribuindo financeiramente, nota-se o planejamento de um episódio inédito: “este ano se fará realizar no Samuara Clube de Campo...”. Os demais detalhes quanto à impossibilidade de realizar o baile no espaço do Clube do Comércio não se fazem presentes na ata, porém, se fazem presentes nas memórias das entrevistadas. Miranda, quando questionada dos motivos do enfraquecimento da tradição dos bailes, aponta: “Aqui em Irati não tem mais, é raro... teve... um ano só, daí no Polonês, que o Clube do Comércio parou, tava meio caindo né, tava aqueles problema...”. Podemos ver uma justificativa plausível para que não se realizasse os bailes no espaço já tradicional, pois a infraestrutura poderia se encontrar frágil. Por não ser no Clube do Comércio, segundo Bianca, o fator implicou na decisão das próprias jovens de não debutarem:

Nunca teve baile de debutante [no Samuara Clube de Campo]. Nunca deu certo, imagine, um clube desse né, e o Polonês, pra fazer o baile de debutante no Polonês nós sofria, porque ninguém queria debutar no clube Polonês, porque o tradicional era o Comércio! (risos) Mas nós fizemos, eu lembro que eu não era da diretoria mas nós fizemos o baile no Polonês, mas 5 debutantes... É, elas já não queriam, porque já era... o Polonês é a classe média, e o Comércio era a elite! Então elas queriam debutar no baile chique! No centro das atenções (risos). Tinha que ser no Clube do Comércio o baile pra ser bem bom, os outros clubes não dava... Tinha o sete, tinha o Operário, mas o tradicional era o Clube do Comércio (BIANCA, 2022).

Mais uma vez, podemos acompanhar atribuições de sentido e juízo de valor a dois diferentes grupos, o Clube do Comércio e o Clube Polonês. Enquanto um caracterizava-se, na memória de Bianca, como um clube mais seletivo e elitista, o outro era mais abrangente à classe média. Assim, pela percepção de Bianca, este foi um fator decisivo na recusa das moças pelo evento. Porém, como ela mesma sugere, posteriormente, além de não ter sido o único motivo, pode não ter sido o principal.

Ariel também levanta uma hipótese a respeito do fim do Grêmio. Ela participou da organização, nos anos finais, e pôde concluir que, com cada vez mais espaço que as mulheres foram conquistando na esfera social e, principalmente, no mundo do trabalho, os bailes de debutantes já não eram grandes prioridades. A entrevistada reflete sua hipótese pela autorrepresentação, uma mulher que sempre trabalhou dentro e fora dos limites do lar, participou de grupos lúdicos, recreativos e com fins de caridade, como as Soroptimistas. No fim, as prioridades mudariam, e passariam a ser cada vez mais diversas.

as mulheres que puxavam os bailes tavam em outros lugares, cumprindo outras funções, sabe? Eu era... aquela correria de inspetoria, eu não tinha tempo né? era uma loucura! A gente as vezes era solicitada pra uma outra coisa ainda, ihhh, não dava! E tinha filho pra cuidar... uma menina em casa que aprontava (risos). (ARIEL, 2022).

A hipótese levantada por Ariel é uma perspectiva a respeito de mudanças que ocorreriam em Irati, gradativamente, no que diz respeito à atuação das mulheres na sociedade. É provável que, se comparados aos anos 1950, os anos 1980 apresentariam mais possibilidades para as mulheres no mundo público. E, se comparados aos dias atuais, os anos 1980 possuíam limitações, quanto ao desempenho feminino, em alguns espaços. Isto se explica, segundo a historiadora Maria Lygia Quartim de Moraes, pela

rapidez das mudanças econômicas na segunda metade do século XX que provocou enorme impacto sobre o antigo modelo familiar, com um número de mulheres cada vez maior ingressando como indivíduos no mercado de trabalho. Aos poucos, as mulheres vão alcançando sua autonomia financeira, rompendo com um dos elos mais fortes do modelo tradicional de família: a subordinação econômica da esposa ao marido. A presença crescente das mulheres nos locais de trabalho e nos transportes públicos foi também uma maneira de incrementar o convívio entre os dois sexos nos espaços urbanos e diversificar o horizonte e as perspectivas das mulheres. (MORAES, 2007, p. 501).

Analisaremos, ainda, no capítulo 3, com mais propriedade, um terceiro motivo aparente, que, para Bianca, junta-se aos fatores que levaram ao fim a tradição dos bailes. É um motivo que diz respeito às mudanças nos paradigmas comportamentais que as moças encontravam na juventude.

Para concluir as discussões feitas neste tópico, a respeito das mulheres que compunham a diretoria do Grêmio, é notável que pela presença de escolaridade, ofícios e ocupações retratados nas memórias, que nem todas as mulheres iratienses tinham acesso ao Grêmio que promovia bailes de debutantes. No seu âmbito, é de se esperar que mulheres que cursaram o magistério em Irati, como Miranda, ou concluíram o ensino superior, como Bianca e Ariel, tinham mais acesso ao espaço público e desfrutavam efetivamente de uma vida social mais consistente, locada em espaços formais de atuação, pois pertenciam a um grupo próximo a classe média-alta. Bem como é de se esperar que as mulheres que tinham condições de exercer outras profissões, como autônomas, empresárias e donas de casa com poder aquisitivo, poderiam ter acesso à organização do mundo público.

Além do exercício de suas profissões, professoras, donas de casa e empresárias, restava às mulheres o desfrute das sociabilidades em grupos como o Grêmio Flores da Primavera. Persistia, sim, porque, historicamente, foram excluídas da atividade na esfera política, e procuravam interagir, ocupar espaço, trazer contribuições sob a maneira que eram autorizadas, por serem mulheres: com a filantropia, a caridade, a devoção, e, nesse caso, a promoção de bailes de debutantes que reforçavam feminilidades às suas filhas, sobrinhas e irmãs mais novas, por exemplo.

Ainda há lacunas quanto aos modos de vida dessas mulheres. É possível encontrar mais vestígios do que foram suas atuações no mundo público, fora de casa, rompendo o tratado da ‘esfera privada’. Mas também é preciso reconhecer que, por mais vasta que tenha sido a atuação social das respectivas senhoras eram também espaços autorizados pela sociedade. No caso dos não autorizados, podemos evidenciar a baixa presença feminina na atividade política do município de Irati. É relevante destacar que foi escassa e tardia e que demorou (isto é, se ainda não demora) a ser efetivada. A primeira mulher a ocupar uma cadeira como vereadora no município foi Avany Caggiano Santos, professora, em 1963, como suplente do esposo, eleito democraticamente. Após esse fato, a próxima mulher só ocuparia tal posição em 1983²⁹.

E, conforme vimos anteriormente, no mundo real, as mulheres sempre estiveram presentes de uma forma ou de outra, mas suas vozes nem sempre se fizeram potentes diante dos incontáveis percalços, pré-conceitos, determinismos de suas épocas, que influenciaram até mesmo a ciência histórica e sua seletividade de narrativas. Portanto, o aprofundamento dos estudos historiográficos, sociológicos, antropológicos sobre mulheres que ocupavam espaços públicos, privados e, nesse caso, de sociabilidade formal, em várias temporalidades e espacialidades, faz-se necessário para suprir uma lacuna, uma história focada em homens e uma memória oficial que menospreza as atuações das mulheres.

²⁹“Fórum da Mulher presta homenagem à Avany Caggiano Santos” Notícias da Unicentro *campus* Irati, 2017. Disponível em <<https://www3.unicentro.br/irati/2017/03/30/forum-da-mulher-presta-homenagem-a-avany-caggiano-santos/>>

CAPÍTULO 3: “mais belas, as flores ou as debutantes?”:

histórias do *Debut*



Eu sonhei que tu estavas tão linda
 Numa festa de raro esplendor
 Teu vestido de baile lembro ainda
 Era branco, todo branco, meu amor
 A orquestra tocou uma valsa dolente
 Tomei-te aos braços,
 Fomos dançando ambos silentes
 E os pares que rodeavam entre nós
 Diziam coisas, trocavam juras
 A meia voz
 Violinos enchem o ar de emoções
 De mil desejos uma centena de corações
 Pra despertar teu ciúme
 Tentei flertar alguém
 Mas tu não flertaste ninguém
 Olhava só para mim
 Vitória de amor cantei
 Mas foi tudo um sonho
 Acordei!

FRANCISCO DE QUEIRÓS MATTOSO
 (1941)

3.1 Ser debutante é “coisa de menina!”: As feminilidades

Seria ingenuidade diante de uma infinidade de estudos de gênero assumir que os estereótipos de mulheres de elite foram concebidos apenas pelas mulheres, o que além de culpabilizá-las por tal, tomaria o foco uma batalha de narrativas entre “umas e outras”. De longe, as relações entre sujeitos históricos (e mesmo entre pesquisador/a e objeto) não acontecem de forma concreta e delimitada, um “lado masculino” e outro “feminino” da história. Afinal, como idealizou a historiadora Joan Scott (1995), as novas perspectivas que enriquecem tanto o âmbito de uma história majoritariamente masculina quanto feminina, forneceram uma nova perspectiva, pautada nas relações de gênero, podendo esta ser compreendida entre os gêneros, ante os gêneros, portanto generificadas, o que evidencia as desigualdades, ausências e silêncios.

Ao longo do tempo, os estudos que contemplam a categoria de análise de gênero têm demonstrado cada vez mais que as diferenças naturalizadas pelas sociedades entre homens e

mulheres, na verdade, não são naturais, ao passo que são construídas a partir das percepções e avaliações de cada sociedade sobre os sujeitos. Simone de Beauvoir (BUTLER, 2018) determinava a distinção entre o sexo, fator biológico dos seres humanos e o gênero, em categoria descritiva como um fator socialmente estabelecido. Joan Scott, por sua vez, reflete a respeito dos papéis sociais masculinizados e feminilizados, numa lógica binarista. Já Judith Butler, parte do princípio de que até o sexo foi estabelecido pelo social. (BUTLER, 2018). Isso porque o corpo, tanto masculino quanto feminino, já foi interpretado historicamente de outras formas, atribuiu-se sentido e estabeleceram-se valores, recusando, assim, a determinação biológica.

Desta forma, a sociação dos corpos está relacionada aos valores que a sociedade atribui para estes. E, mediante o demonstrado em vários estudos pós-estruturalistas e, aqui, ressaltado pela antropóloga Sherry B. Ortner, existem avaliações culturais em todas as sociedades que delimitam esses valores em positivos e negativos, associando-os a elementos da vivência. Ortner estudou a universalização pan-cultural dos fatores que dão à mulher um status secundário perante o homem.

O Que fazer então para a mudança? reclassificar os papéis sociais ou a estrutura econômica de nada adiantaria, pois por se tratar de um fato universal, é uma discussão que vai além, é profunda e inflexível. Portanto, ela expõe a lógica que assume a inferioridade feminina, tentando sempre mostrar o caráter persuasivo da lógica, pois se não fosse tão persuasivo, as pessoas não estariam de acordo com esta. Ela tenta, ao mesmo tempo, apresentar o potencial da mudança por meio de fontes sociais e culturais da lógica (ORTNER, 1979, P. 96)

A autora reconhece e viabiliza que há um caráter persuasivo na lógica de inferioridade feminina, o que seria cada vez mais reforçado no âmago de cada cultura em particular.

Na busca pela compreensão sobre a construção do conhecimento, enquanto prática cultural, deparamo-nos com autores que evidenciam a construção de discursos: Elias e o ideal de ‘civilização’, Foucault e o ‘regime’, Bordieu e ‘os usos’, por exemplo. Michel Foucault (1971) apresenta o caráter persuasivo sendo elemento essencial da ordem do discurso que objetiva, dentre tantas outras separações, a exclusão de uma camada social. Para o autor, haveria, intrinsecamente, em cada instituição, uma ‘vontade de verdade’ que garante, impõe e reconduz, se necessário, a lógica discursiva.

No entender de Bourdieu (1996), um discurso deve ser compreensível não só para quem o detém, mas também para quem está destinado, logo, precisa de elementos objetivos que remontam à cultura, economia, que sejam pertinentes ao grupo de pessoas. Eis o caráter persuasivo do discurso.

Mas o efeito de conhecimento exercido pelo fato da objetivação no discurso não depende apenas do reconhecimento concedido àquele que o detém; depende também do grau com que o discurso anunciador da identidade do grupo está fundado na objetividade do grupo ao qual está endereçado, ou seja, tanto no reconhecimento e na crença que lhe atribuem os membros desse grupo como nas propriedades econômicas ou culturais por eles partilhadas, sendo que a relação entre essas mesmas propriedades somente pode ser evidenciada em função de um princípio determinado de pertinência. O poder sobre o grupo a que se pretende dar existência enquanto grupo é, ao mesmo tempo, um poder de fazer o grupo impondo-lhe princípios de visão e de divisão comuns, e, portanto, uma visão única de sua identidade e uma visão idêntica de sua unidade. (BOURDIEU, 1996, p. 111).

Tanto Foucault quanto Bourdieu defendem que a estruturação do discurso depende de eficiência, objetividade, quando há subjetividade, e de imposições mesmo que imperceptíveis, formando um jogo de poder. Seriam passos vitais para que os discursos exerçam reflexos mais significativos em cada sociedade. Ortner, por sua vez, apresenta a estruturação de um desses discursos que parece ser universal e adaptado em cada sociedade: o status secundário da mulher.

O foco sob o discurso (ainda que não aprofundado pelas metodologias de análises do discurso) possibilitou uma forma peculiar de visualizar o objeto de estudo do presente trabalho. É extremamente pertinente repensar tais agentes históricas enquanto inseridas em um contexto que as delimitava, impunha certas regras, separava ‘‘umas de outras’’, aplicava, sob elas, uma verdade e uma interdição, pois assim identificamos uma relação de poder simbólico entre o sujeito que fala, discursiva (podemos considerar os membros da sociedade urbana iratiense como um todo), as circunstâncias do ritual discursivo e a relação entre o poder dominador e os grupos dominados.

Na tentativa de discutir o caráter universal de dominação, por meio de discursividades e ideologias, também se encontra a obra ‘‘A Dominação Masculina’’, de Bourdieu, datada de 1998. Segundo o sociólogo, uma das formas mais intrínsecas de dominação ocorre pelo meio simbólico, sendo evidenciada pela sociedade, e até mesmo pelos agentes ditos submissos, de forma discreta ou sem conhecimento, passando despercebida.

Também sempre vi na dominação masculina, e no modo como é imposta e vivenciada, o exemplo por excelência desta submissão paradoxal, resultante daquilo que eu chamo de violência simbólica, violência suave, insensível, invisível a suas próprias vítimas, que se exerce pelas vias puramente simbólicas de comunicação e do conhecimento, ou mais precisamente, do desconhecimento, do reconhecimento ou, em última instância, do sentimento. Essa relação social extraordinariamente ordinária oferece também uma ocasião única de apreender a lógica da dominação, exercida em nome de um princípio simbólico conhecido e reconhecido tanto pelo dominante quanto pelo dominado, de uma língua (ou uma maneira de falar), de um estilo de vida (ou maneira de pensar, falar ou agir) e, mais geralmente de uma propriedade distintiva, emblema ou estigma. (BOURDIEU, 1998, p.7).

Assim, cada sociedade carregaria dentro de seus valores, estilos de vida e, até mesmo da língua, determinados princípios simbólicos que corroboram para a execução da violência simbólica. Isto vem de encontro ao que Ortner propõe no sentido de realizar uma tentativa de compreensão da própria construção de princípios de dominação e na demonstração de que, por mais que pareçam naturais, são, na verdade, neutralizados pelo seu próprio teor discreto e por conseguinte, naturalizados, promovendo a “transformação da história em natureza, do arbitrário cultural em natural” (BOURDIEU, 1998, p. 8). Isto ocorre pela junção entre as aparências biológicas e os efeitos da biologização do social e socialização do biológico, originando uma forma específica de habitus: os gêneros como habitus sexuados.

Para o autor, a medida em que o Estado constitui um lugar de imposição de princípios que se exercem no meio público e se estendem mesmo no meio privado, íntimo, as demais instituições, como a escola, colaboram nesta instância não somente na elaboração, mas na reprodução do que seriam princípios de perpetuação da dominação simbólica entre os sexos. O objeto de estudo é um Grêmio, uma instituição elaborante e reprodutora de princípios simbólicos. Por estar inserida em determinado contexto histórico e definida espacialidade, ela está diretamente relacionada a outras instituições que exercem papéis similares.

Seriam essas instituições o Clube do Comércio, os demais clubes sociais, os grupos escolares, os órgãos políticos, as sociedades civis organizadas, relacionadas àquelas instituições que entram em contato por meio da comunicação audiovisual e exercem influência, como a televisão, o rádio e a imprensa. Isto não especifica, necessariamente, o conteúdo que o Grêmio produz, porém demonstra que as relações interinstitucionais podem ser plausíveis na construção coletiva de alguns princípios simbólicos, ou seja, as relações entre o *campo* e o *habitus*.

Para a análise desses mecanismos, deve ser levada em conta a dominação masculina a todo momento, já que origina princípios antagônicos para homens e mulheres. A sociedade cabila, qual Bourdieu se debruçou, não só demonstra a instituição de lugares superiores e inferiores de acordo com as diferenças biológicas, que ali parecem ser pressupostos fundamentais (a base das diferenças sociais), mas também permitiu ao autor refletir a existência de certas formas de aprisionamento relacional do corpo feminino, o que se justifica pela própria maneira naturalizada com que se criam as matrizes de diferença entre homens e mulheres. Junto a essa diferença surgem elementos morais e materiais considerados masculinos ao atenderem uma espécie de habitus viril ou femininos “como se a feminilidade se medisse pela ‘arte de se fazer pequena’:

Essa espécie de confinamento simbólico é praticamente assegurado por suas roupas (o que é algo mais evidente ainda em épocas mais antigas) e tem por efeito não só dissimular o corpo, chamá-lo continuamente à ordem (tendo a saia uma função semelhante à sotaina dos padres) sem precisar de nada para prescrever ou proibir explicitamente (“minha mãe nunca me disse para não ficar de pernas abertas”): ora com algo que limita de certo modo os movimentos, como os saltos altos ou a bolsa que ocupa permanentemente as mãos, e sobretudo a saia que impede ou desencoraja alguns tipos de atividades (a corrida, algumas formas de sentar etc); ora só as permitindo à custa de precauções constantes (...) Essas maneiras de usar o corpo, profundamente associadas à atitude moral e à contenção que convém as mulheres (...) e as poses ou as posturas mais relaxadas, como o fato de se balançarem na cadeira ou de porem os pés sobre a mesa, que são por vezes vistas nos homens – de mais alto escalão – como forma de demonstração de poder, ou, o que dá no mesmo, de afirmação são, para termos exatos, impensáveis para uma mulher. (BOURDIEU, 1998, p. 39)

Os símbolos utilizados no e pelo Grêmio Flores da Primavera são incorporados em relações de poder. Padrão de beleza, comportamento, moral e “bons costumes” típicos do conservadorismo de elite, que refletem na principal atividade ocorrida nas dependências da Organização, os bailes de primavera, ou ainda, uma variação popularmente conhecida como *'debut'*.

A palavra debutante foi adotada para o inglês do francês durante o reinado da rainha Elizabeth I na Inglaterra na segunda metade do século XVI, quando ela começou o costume de apresentar formalmente mulheres jovens elegíveis na corte. Três séculos depois, a rainha Vitória deu à cerimônia sua forma atual com meninas vestidas de branco e a reverência oficial chamada "curtsey". Nos dias vitorianos, as meninas eram mantidas bem guardadas em casa até os 18 anos. Sua apresentação à sociedade significava que agora elas podiam ser formalmente vistas em público com um homem e começar o namoro. (ESCALAS, 1993, p. 709).

Tendo uma infinidade de variações de origem, composição, trajetória e tradição, as narrativas acerca dos bailes de debutantes demonstram controvérsias ao redor do mundo. As pesquisadoras Cássia de Oliveira, Danielle Della Passe, Lysiane Munhoz, Mariana Göelzer e Mariana Somariva da UFRGS buscaram na reportagem “debu: quando uma garota faz 15” (2017) o percurso histórico desses eventos. As autoras apontam que a tradição que originou a festa qual conhecemos surgiu na Europa do século XVI, tendo sido executada nos salões da Inglaterra e França por meio da elite social e econômica. Os pais tinham o objetivo de apresentar suas filhas à sociedade, devido terem atingido a maioridade moral e serem consideradas mulheres aos 15 anos.

mostrar que ela já não era mais uma criança significava também dizer aos homens que ela já estava pronta para se tornar uma boa esposa e uma boa mãe. Para a sociedade da época, a importância era a aliança entre as famílias nobres. A identidade das mulheres como adultas e suas relações com os homens mudavam drasticamente após o baile. (OLIVEIRA *et al*, c2017).

No caso da Inglaterra, tal tradição teria surgido da “*Season*” (traduzida livremente como “estação”, “temporada” ou “período”) como mecanismo dos membros da elite, na

era Vitoriana, de arranjar casamentos para seus filhos e filhas, mantendo a ordem social e o grupo fechado. Reuniam-se durante um período específico, em casas de campo e salões de festa, para realizarem atividades esportivas e lúdicas, ao passo que isto promovia a socialização dos pretendentes, troca de olhares e afeição. Pelo relato de Thompson e Northey (1991, *apud* HARRINSON, 1997), o ritual de apresentação das moças figurava de maneira totalmente proposital à união.

Refere-se à primeira "temporada" de uma garota na sociedade adulta em Londres, conduzida entre abril e julho, dependendo do tempo e da caça. Um debatedor foi apresentado na corte, deu uma festa e compareceu às regatas, partidas de críquete, corridas e baile da Rainha Charlotte. Ela foi capaz de formar um grupo de pares sociais que permaneceu com ela por vários anos (Thompson e Northey, 1991, p. 3 *apud* HARRINSON, 1997, p. 3, tradução própria).

Com o tempo, surgiram inúmeras variações desses rituais, porém, todos carregavam a ideia de atrair os olhares da sociedade ou dos pretendentes às moças, dispostas sempre nos mesmos símbolos que exaltavam a feminilidade: os vestidos de baile, as valsas, os sorrisos, a delicadeza e os traços de personalidade mais elogiados. Nos Estados Unidos, a tradição também é fortemente marcada pela alusão a um ritual de passagem que precede e objetiva o matrimônio. Segundo Lyn Harrinson (1997), esses rituais são o suprasumo da prática discursiva de feminilidade e heterossexualidade e produzem subjetividades, nas mentes das garotas, que, não necessariamente, tomariam como princípio o que o seu *habitus* as incentiva.

O corpo-sujeito feminino que é produzido pelo engajamento nas práticas do baile de debutante pode ser visto como uma forma de punição imposta ao corpo '(Radner, 1995: 173) porque as normas de feminilidade que essas práticas (re) produzem falam de uma tecnologia de controle social '(Radner, 1995: 174) que é articulada em e por meio de discursos heterossexuais dominantes e cultura de consumo. Também aponte que, ao mesmo tempo, o texto do baile não pode ser simplesmente ou apenas lido como (re) produzindo relações dominantes (heterossexuais) existentes porque, em alguns sentidos, essas jovens selecionam o que desejam dessas práticas. Os significados não podem ser lidos nessas práticas como se fossem reproduzidos exatamente da mesma maneira em todas as jovens que participam do baile. (HARRINSON, 1997, p. 513, tradução própria)

A historiadora neozelandesa Grace Gassin, em ‘‘All Eyes on You: Debutantes’ Explorations of Chinese Australian Womanhood at the Dragon Festival Ball’’ (2021), baliza uma análise comparativa de cultura, com foco na comunidade chinesa de Sydney, Austrália, explorando o tema a partir do ritual ‘‘Dragon Festival Ball’’. Ela percebeu que o tema ‘‘apresentação de debutantes’’ é pouco ou nada tratado, nos estudos historiográficos, pela falta de interesse acadêmico, advinda do julgamento de que tais atividades seriam fúteis, que não mereceriam seriedade.

Rituais de debutante, embora de origem obscura e frequentemente considerados como atemporalmente estáticos, ainda assim continuam a ser salientes em tantas

comunidades precisamente porque se mostraram úteis como locais para a definição e redefinição de noções em constante evolução e altamente contestadas de infância, feminilidade e feminilidade. (GASSIN, 2021, p. 4, tradução própria).

Gassin ainda atenta para a importância de se desconstruir os discursos que geram os pré conceitos, tomando, como exemplo, os eventos australianos, que possuem a especificidade de não terem sido forjados nos mesmos padrões sociais que os do ocidente.

Embora o ritual tenha sido implicado de várias maneiras na reprodução de classes opressivas, estruturas sociais raciais e de gênero, ele também tem sido utilizado por comunidades historicamente marginalizadas para desafiar os discursos dominantes, bem como para desenvolver criativamente redes sociais alternativas e gerar formas novas e importantes do capital social e emocional. (...) Ao Contrário das tradições elitistas das debutantes britânicas e americanas, as estreias australianas costumam ser organizadas por escolas secundárias ou por clubes comunitários para arrecadar fundos, uma adaptação local que pode ter se desenvolvido a partir da tendência colonial australiana de organizar eventos como bazares e concursos para encorajar doações de caridade (GASSIN, 2021, p. 4, tradução própria).

Cabe a este trabalho ressaltar que não há uniformidade, quando se trata desses eventos. A dinamicidade da cultura e das relações culturais vêm se resignificando com o tempo. Um bom exemplo é a tradição mexicana da “Quinceañera”, ritual de passagem em que se mesclam as culturas espanhola e indígena, cujo objetivo também figura em apresentar as jovens moças ao grupo social quando completam seus 15 anos. Porém, essa tradição, segundo a historiadora Mayavel Saborío Carranza, não pode ser encarada como mera reprodutora do mesmo dispositivo de mercado matrimonial que os países europeus produziram ao longo do tempo.

entre os mexicas, havia um rito de passagem da infância para a idade adulta, conta Bernardino de Sahagún, em sua História Geral das Coisas da Nova Espanha, (2006, Livro VI, capítulos XVIII e XIX), conta-nos que quando uma menina "havia atingido os anos da discipulação", seu pai e sua mãe, em rito solene e familiar, explicaram-lhe que ela havia se tornado mulher e eles disse a ele o que seriam suas obrigações a partir de então. Se pensarmos em festas quinze anos dos anos atuais, tão públicos, têm pouco em comum com esse costume. (CARRANZA, 2010, p. 28, tradução própria).

No contexto brasileiro, os respectivos eventos ganharam força a partir da metade do século XX e seguem a herança dos salões ingleses e franceses. Diferentemente dos países em questão, no Brasil, essa prática foi mais acolhida pela elite social e cultural, que dispunha dos respectivos capitais, e, não necessariamente, pela elite econômica. O cenário era propício, dada a ascensão da classe média, e o desenvolvimentismo, enquanto tendência sociocultural, promovia não tão somente as questões relacionadas ao desenvolvimento industrial, mas também influenciava por meio das representações, provocando um anseio à modernidade e civilidade.

Após a Revolução Francesa de 1789, com a fuga das famílias nobres da guerra civil e a consequente migração para as colônias europeias, como Estados Unidos e Brasil, o baile de debutantes começou a se propagar com ainda mais força. No Brasil, os bailes de debutantes fizeram muito sucesso na década de 1950. (OLIVEIRA *et al*, 2017).

Por um lado, os bailes se assemelham ao que seriam ritos de passagem de jovens mulheres, fundados na idealização de transição entre a fase infantil e a fase adulta das participantes, ocupando seu lugar como marco da adolescência. Por outro lado, podemos considerar a reprodução e a propagação de valores morais atribuídos às mulheres o elemento mais importante que funda a preocupação dessas celebrações.

Visto que o Grêmio Flores da Primavera construiu uma tradição de bailes de debutantes, em Irati, ele contribuiu para a consolidação de um ritual. Nas palavras de Rook (2007):

O termo ritual refere-se a um tipo de atividade expressiva e simbólica construída de múltiplos comportamentos que se dão numa sequência fixa e episódica e tendem a se repetir com o passar do tempo. O comportamento ritual roteirizado é representado dramaticamente e realizado com formalidade, seriedade e intensidade interna. (p. 83).

Os tópicos, a seguir, trazem reflexões acerca da repercussão dos rituais para os agentes que o promoviam e participavam, compreendendo que os eventos, por si só, já se configuram dispositivos simbólicos ao promoverem a moralidade na passagem para a vida adulta.

Stephanie Duarte Ésteban, quando analisou o consumo ritualístico presente nos bailes de debutante, entendeu que o evento só pode ser caracterizado como uma experiência ritualística se verificar-se a presença de “artefatos simbólicos, roteiro, papéis dos agentes, audiência (plateia) e repetição” (ÉSTEBAN, 2014, p. 27).

As feminilidades estimuladas às jovens também são discursos, fazem parte dos esquemas emblemáticos, compreendidos no campo simbólico. Porém, as fontes históricas podem apresentar vestígios das configurações que ocorriam no meio prático, material, os espaços de práticas. Sendo assim, evidenciam símbolos construídos da, para e a partir da debutante, pela forma com que eram noticiadas pela mídia local, pelos sorrisos que elas esboçavam, na tentativa de auto representação e do grupo, pelos poemas que foram escritos e dedicados para elas, pela missa que era encomendada em função da sua passagem para a vida adulta, pela constituição do próprio evento no qual bailavam-se os corpos, ostentavam-se os vestidos e oportunizavam contatos, relações, e mais pelos traços de personalidade que eram produções das próprias debutantes.

Aqui, considera-se a feminilidade uma atribuição sociocultural relacionada à coerção de determinados comportamentos, *habitus*, estilos de vida e condutas para mulheres, o que evidencia que os bailes, por mais que venham a aparentar ingenuidade ou despretensiosidade (por constituírem-se de um espaço lúdico de sociabilidade), estão envoltos em interesses de sujeitos nas relações de poder daquele grupo.

As feminilidades são ainda atributos das classificações sociais que as diferenciam das masculinidades, isto é, diferenças artificialmente criadas para os homens, que corroboram em mais diferenças e organizam o pensamento ocidental. Representações de feminilidades estão atreladas ao processo de indústria cultural, e da apropriação de formas e elementos, como sugere Michel de Certeau (1990) como ‘maneiras de utilizar a ordem imposta’.

Os esquemas sociais, como acontece nas sociedades consideradas arcaicas, que operam sobretudo pelas oposições dualistas — masculino/feminino, alto/baixo, forte/fraco, etc. —, organizam a percepção do mundo social e, em determinadas condições, podem realmente organizar o próprio mundo. (BOURDIEU, 2004, p. 165).

A construção da feminilidade, neste caso, parte de uma iniciativa de quem detém o poderio simbólico e relaciona-se com os indivíduos por meio dos jogos de apropriação e reinvenção. A indústria cultural, por exemplo, é responsável por disseminar valores e cabe aos indivíduos refletir acerca das informações, de uma forma nada passiva, mas pensante.

Nos anos 1950, os bailes de debutantes foram fortes tendências da indústria cultural. As formas dominantes de se construir uma imagem e representação para as debutantes eram disseminadas por meio de produtos midiáticos como as músicas, o cinema, as revistas, e eram vistas por iratienses e sintetizadas com saberes locais, especificidades. Cibeli Grochoski (2020) cita alguns exemplos de produtos culturais que chegavam a Irati naquela época, por meio das músicas e das revistas ‘Querida’, que visavam mostrar às leitoras um modelo de mulher.

No cinema, outro exemplo de debutante era retratado: o filme ‘The Reluctant Debutante’, lançado em 1958, chegava aos telões do extinto ‘Cine Theatro Central’. Foi exibido, em Irati, no ano de 1960. Nesse filme, uma versão dublada, cujo título é ‘Brotinho Indócil’, uma jovem rebelde recusa-se a debutar nos salões. A madrasta dela é a encarregada de encontrar um homem de classe alta para ser o pretendente da enteada e, quando finalmente o encontra nos salões, a jovem se apaixona por um rapaz nada convencional para aquele grupo social que desfrutava dos laços de sociabilidades formais.

FIGURA 06: Brotinho Indócil. Jornal Correio do Sul, 03/07/1960



Fonte: CEDOC/I

Mesmo que o próprio filme apresente uma digressão, quando se vê uma jovem entediada diante dos pretendentes nos bailes de debutantes e da iniciativa da família em “empurrá-la” para a vida social, a resposta do público é diferente do que a trama e os autores propõem. Assim também é com o baile de debutantes, fruto das inspirações que a grande indústria cultural disseminava: ser apresentada como “feminina, delicada” está longe de afirmar que elas de fato seguiam esses modelos. O que as meninas pensavam sobre essas práticas?

parece possível considerar esses bens não apenas como dados a partir dos quais se pode estabelecer os quadros estatísticos de sua circulação ou constatar os funcionamentos econômicos de sua difusão, mas também como o repertório com o qual os usuários procedem a operações próprias. (...) Assim, uma vez analisadas as imagens distribuídas pela TV e os tempos que se passa assistindo aos programas televisivos, resta ainda perguntar o que é que o consumidor fabrica com essas imagens e durante essas horas. (CERTEAU, 1994, p. 93).

Evidenciados, nas próximas páginas, os símbolos ou “signos distintivos”, conforme os próprios termos sugerem, fazem parte das dimensões do espaço simbólico na medida em que se constituem como instrumentos de ressignificação da realidade.

3.2 Símbolos das e para as debutantes

3.2.1 A mídia e a debutante

A busca pela verdade dos fatos, alimentada pela história tradicional dos séculos XIX e XX, negligenciou a utilização de periódicos para análises historiográficas. Tânia Regina de Luca (2005, p. 111) disserta a respeito da maneira com que esses materiais foram ganhando espaço na ciência histórica. Segundo a historiadora, por mais que houvesse iniciativas que objetivavam a escrita da história da imprensa, de maneira geral, durante muito tempo não se cogitava constituí-la sob a luz da análise de periódicos.

Superando a busca pela verdade, sob a qual havia uma pretensão do discurso de neutralidade,³⁰ surgem novas formas de se interpretar a construção do conhecimento histórico. A Terceira Geração *Annales*, na concepção de Peter Burke (1992, p. 82), traz problemáticas (por meio da nova história política, das mentalidades e da nova narrativa histórica) e materiais (como os periódicos e muitos outros) “do porão ao sótão”, ou seja, assume as importâncias destes e carrega o mérito, ora influenciada pelas demais concepções³¹ que rompiam com a busca, no meio do século XX, ora influenciando-as.

Isto tornou possível compreender que, por meio da difusão de informações, os periódicos demonstram representações simbólicas em realidades diversas. Ana Maria de Almeida Camargo (1969) em seu artigo “a Imprensa Periódica Como Fonte Para A História Do Brasil” afirma que os jornais, subcategoria dos periódicos, podem ser alvo de análises historiográficas para muitos fins, constituindo-se importantes fontes históricas.

Caricaturas, notícias, anúncios, notas de leitura, de esporte, colunas sociais, dentre tantos outros elementos, dispostos no periódico, se não estiverem isolados do contexto de produção, poderiam identificar com precisão a existência de ideologias políticas, discursos, costumes e práticas, além disso, é possível estabelecer contato com representações que digam respeito a grupos e personalidades que, em outras fontes históricas, não se fazem notadas com abundância, como é o caso das debutantes em Irati - PR.

Dentre as contribuições de Camargo, há a percepção do jornal enquanto parte de uma complexa cadeia de relações sociais contemporâneas a este material, bem como, o teor convincente das “visões parciais da realidade”. Camargo alerta que, por mais que estes materiais apresentem uma proximidade maior com os contextos históricos estudados, é

³⁰ Foucault (1971) disserta a respeito dos componentes que estruturam / ordenam um discurso, dentre eles, estão a intenção de soá-lo como neutro e a vontade de verdade, a fim de atingir os sujeitos com enunciados forjados à intenção de produzir uma universalidade inexistente. O saber histórico, portanto, se fez por muito tempo um discurso.

³¹ Veyne (2014): A linguística, a filosofia e as ciências sociais, sobretudo.

preciso, no entanto, não se deixar levar pelas convicções do produto que, conforme ressaltado, havia comprometimentos diversificados em sua época.

O jornal, principalmente quando formativo, é um tipo de documento que dá aos historiadores a medida mais aproximada da consciência que os homens têm de sua época e de seus problemas; mesmo quando informativo, não está livre de manifestações críticas e opinativas, e omissões deliberadas [...] tomando como fonte êsse tipo de documento, teremos sempre uma visão parcial e subjetiva da realidade, distorção provocada não só pela proximidade dos homens com os fatos que, apareciam no dia a dia, mas também, e principalmente, por seu comprometimento com as coisas. É preciso não esquecer, porém, que a realidade inclui o que se pensa sôbre ela. (CAMARGO, 1969, p. 225).

Em Irati - PR, entre as décadas de 1950 e 1970, havia a produção de pelo menos dois periódicos pertencentes ao subgrupo ‘jornais’: ‘O Debate’ e ‘Correio do Sul’.

O jornal ‘O Debate’ foi fundado, em 1961, pelo empresário, professor e memorialista José Maria Orreda, possuía no seu ano de fundação uma circulação mensal de 2.000 exemplares, obtendo influência em Irati - PR e região, o que inclui correspondentes em Ponta Grossa - PR e Curitiba - PR. Nesse periódico, constituem-se espaços dedicados às questões políticas regionais, nacionais e mundiais, além de colunas esportivas, de astronomia e educação. No ano inicial, havia 12 colaboradores, dentre estes, apenas uma mulher fazia parte do corpo editorial. Lydia Kulczyecki foi responsável pela coordenação do ‘Departamento Feminino e Infantil’.

Entretanto, vamos nos deter mais ao Jornal Correio do Sul, pois os documentos que evidenciam a existência do Grêmio Flores da Primavera e noticiam suas ações são dispostos na sua grande maioria nesse jornal, cujos acervos encontram-se digitalizados e preservados no CEDOC da Unicentro *campus* Irati. A coleção data de 1954 até 1966.

Caracterizado pelo seu fluxo semanal, o JCS foi fundado, em 1935, pelo empresário Gumercindo Esculápio.

Fundador do Jornal de maior duração na imprensa de Irati. Fundado em 1935, o Correio do Sul circulou por mais de 30 anos sem interrupção, chegando a ter impressora própria e ser editado duas vezes por semana. Em 1919 fundou um dos primeiros jornais do município, A Luz dos Acontecimentos. Em 1923, com a instalação da primeira gráfica, fundou e dirigiu A Semana, até 1928. Em 1925 fundou o Iraty, em 1926, o Alerta e Espalha Braza, jornal crítico e humorístico. Prefeito interino em 1947, Secretário e Contador da Prefeitura, Promotor de Justiça logo após a instalação da Comarca, em 1927. O correio do Sul, de 1935 a 1967 registra as aspirações, as lutas, os anseios de Irati. (ORREDA, 1981, P. 45)

Por mais que não exista uma guia especificada para divulgar o corpo editorial do JCS em suas páginas (que habitualmente indicam no cabeçário da primeira página a descrição ‘colaboradores: diversos’), o que torna difícil identificar precisamente ‘quem escreveu o quê’. Orreda, em seu livro de memórias, trouxe um panorama a respeito do fundador do

jornal, que exerceu cargos políticos, sociais (fundou um clube desportivo) e já havia colaborado em outros periódicos. Percebe-se, ao longo das edições consultadas, que Gumercindo demonstrava seus interesses enquanto ator político e social, inúmeras vezes utilizando-se de propagandas políticas e colunas de opinião, o que leva à compreensão de que ele sabia o poder que detinha, tinha consciência da condição persuasiva que o discurso jornalístico pode possuir. Quanto aos outros editores, colaboradores e redatores, aparecem inúmeros nomes ao longo das edições. Afortunadamente, muitas vezes as colunas são assinadas pelos seus autores e autoras.

De acordo com as diretrizes que Roger Chartier (2002) toma, na sua abordagem a respeito da história da leitura, quando refletiu a leitura enquanto reflexos das práticas culturais ao longo do tempo, seria igualmente importante delimitar quem são os leitores, quem possuíam acesso à forma material, por mais que isto não dite necessariamente a recepção, ou seja, a maneira com que cada pessoa interpreta as informações que chegam até ela. Assim, a área geográfica de influência do JCS pode ser delimitada como o próprio município de Irati - PR, e a abrangência da informação inclui tanto os assinantes quanto o público geral, que poderia adquirir edições avulsas.

A respeito do formato do jornal, cada edição, entre 1954 e 1966, era estruturada da seguinte forma: normalmente composto por 6 páginas (exceto em ocasiões especiais), as cinco primeiras traziam artigos de opinião, anúncios, manchetes, notícias regionais e estaduais de ordem política, social, econômica e cultural. A sexta página geralmente trazia a coluna ‘‘vida social’’, sob a qual aparecem relatos de editores e editoras, anúncios e avisos a respeito das entidades sociais como os clubes desportivos, sócio recreativos e agremiações, além de noticiar aniversários, casamentos e falecimentos.

FIGURA 07: Convite ao Baile da Primavera no Jornal Correio do Sul (1958)



Fonte: CEDOC/I

Os convites aos bailes de Primavera aparecem no JCS, ano após ano, o que evidencia a duradoura parceria entre as duas instituições. A partir da análise de fontes constantes no convite acima, disposto na coluna “Vida Social”, é possível acompanhar o percurso histórico do GFP e dos bailes de *debut*, além de proporcionar, de forma mais precisa, análises a respeito do conjunto de símbolos e representações que as instituições forjavam.

As informações do respectivo fragmento dizem respeito ao baile de primavera do ano de 1958, quando foram apresentadas as debutantes daquela ocasião. Evidenciam-se atividades que ocorreriam no baile, como a coroação da rainha da primavera. O concurso foi uma prática recorrente do GFP, para arrecadar fundos à instituição, visto que a cada debutante concorrente seria delegada a função de vender números, objetivando a conquista do título de Rainha da Primavera, além dos títulos de 1ª e 2ª princesa. Algo comum nos concursos de beleza, como este, é exaltar o discurso de feminilidade das participantes, que aparenta ser inerente às debutantes, por meio da “graça, elegância, estilo”.

FIGURA 08: Fragmento da Coluna Social de 'Correio do Sul', outubro de 1961.

Baile Flôres da Primavera

Realizou-se no dia 6 próximo passado, o baile do Grêmio «Flôres da Primavera», comemorando seu 40.º aniversário de fundação. Vimos nesses 40 anos, a elegância, a simpatia, a distinção, desfilando pelos salões dessa tão tradicional sociedade.

Congratulamo-nos com o Grêmio «Flôres da Primavera», pela maravilhosa idéia de apresentar à sociedade iratiense, a beleza de nossas meninas-moças.

Nessa noite de gala apresentaram-se as debutantes Arcélia Teixeira, muito graciosa no modelo branco em tule — Céres Caron, princesa da primavera, num riquíssimo vestido em renda valenciana, bordado com lantejoulas nacaradas, arrematado por uma faixa amarela de setim de seda pura.

Cleide Gomes, rainha da primavera, muito meiga em seu vestido branco de tule bordado com canutilhos.

Estela Miranda, princesa da primavera, no modelo branco em organdi enfeitado com flôres rosa.

que vestia um modelo em nylon estampado. Srna. João Anciuti, elegantíssima no modelo em nylon branco, completado por flôres. Srna. Henrique Dyniewicz, no modelo em renda branca francesa, bordado em pérolas.

A família iratiense ficou extasiada com essa noite de elegância e beleza reinante no salão, também motivada pela maravilhosa orquestra King's.

Parabéns, Grêmio «Flôres da Primavera».

Lisa

RAINHA
Srta. Cleide Lisbôa Gomes



Baile Flores da Primavera. Jornal Correio do Sul, Ano XXVII, n. 1108, p. 8. Lisa (colunista). 15 de outubro de 1961. Fonte: CEDOC/ Unicentro Irati

O recorte é outro fragmento da Coluna Social do periódico que circulava na época, o Correio do Sul, traz relevantes evidências a respeito de uma maneira encontrada pelo grupo, pela imprensa e pela autoria de reforçar uma feminilidade construída no entorno das debutantes. A partir das seguintes informações “(...) apresentar à sociedade iratiense, a beleza de nossas meninas-moças”; “(...) muito graciosa no modelo branco em tule(...)” e “(...) rainha da primavera, muito meiga em seu vestido branco(...)”, percebe-se o anseio em construir uma imagem para as meninas. A beleza feminina, a graça e a meiguice, certamente reforçadas com frequência, no decorrer do baile, estavam aqui noticiadas para enfatizar construções atreladas às vestes e aos comportamentos mais almejados.

O excerto se refere ao baile de primavera do ano de 1961, quando foram apresentadas as debutantes daquela ocasião. Cabe ressaltar que a estrutura do periódico também é relevante para análise histórica. A coluna social, sob a qual foi disposto o fragmento da publicação original, é historicamente entendida como um espaço, nos periódicos, destinado à cobertura de eventos da elite social de determinadas localidades.

Assim, além do anseio em construir uma imagem de beleza, meiguice e graça às jovens que pertenciam às famílias do círculo da elite social, também está o desejo em reforçar

características aos próprios bailes: “vimos nesses 40 anos [de fundação da agremiação responsável pelo baile anual], a elegância, a simpatia, a distinção, desfilando pelos salões dessa tão tradicional sociedade”, sinalizando o que seriam atributos do próprio grupo que os frequentava, a elite social como um todo. No mesmo fragmento, percebe-se que havia, no evento, um concurso para eleger (da mesma forma que as debutantes), as 10 senhoras mais elegantes, deste modo, perpetuando a noção dos leitores de que os acontecimentos eram frequentados por quem detinha poder aquisitivo. Os materiais dos vestidos, por si próprios, já evidenciariam a ânsia por distinção social, atributo da manutenção de uma elegância.

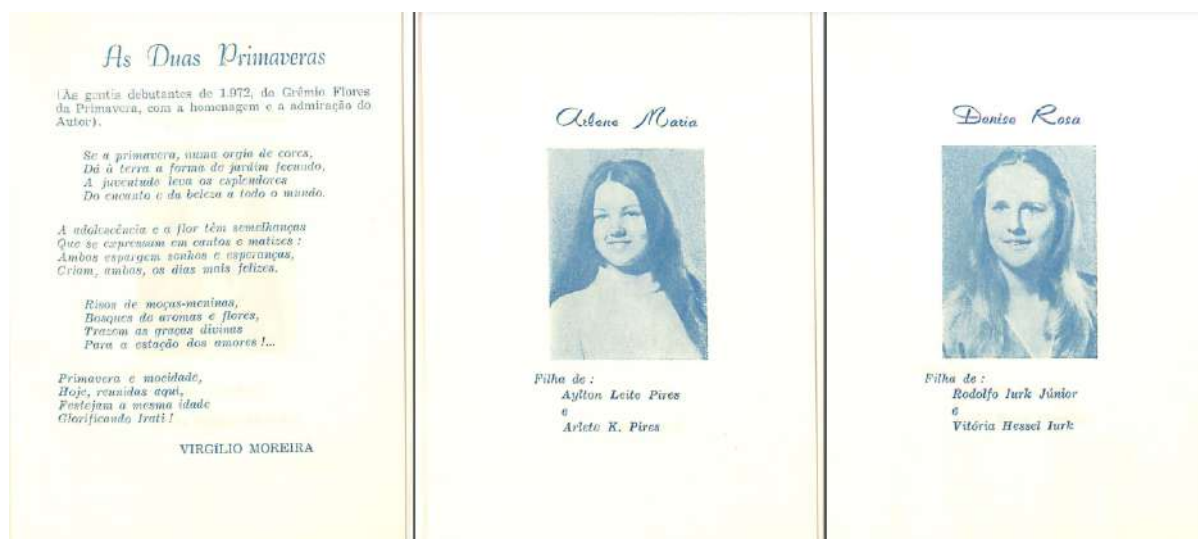
A coluna social é historicamente entendida como um espaço, nos periódicos, destinado à cobertura de eventos da elite social de determinadas localidades.

Considerado um gênero jornalístico de opinião, mas também de caráter informativo, já que registra, embora de maneira levemente persuasiva, o que está ocorrendo na sociedade (MELO, 1994), a coluna social foi fruto de uma nova forma de construir a informação, começou com as gossip columns americanas e foi trazida para os jornais brasileiros. Seus temas eram ligados às famílias da alta sociedade (MARIA, 2008), constituindo-se em relatos de festas, informações fúteis, curiosidades políticas, fofocas sobre milionários, artistas e celebridades. Para Sodré (2003), a coluna social ajudou a construir uma “mitologia pequeno-burguesa” sinalizando aqueles que tinham poder e oferecendo-lhes visibilidade. (MORAES, 2013, p. 109).

3.2.2 *Carnet* de baile e o “sorriso poema” da debutante

Categorizadas como fontes visuais, as próximas evidências que remontam às feminilidades construídas e exaltadas possuem tempo e lugar na historiografia. Segundo a historiadora Clarissa Ramos Gomes,

O uso de fontes visuais analisadas sob a compreensão da visualidade e da cultura visual é um perspectiva recente na historiografia, visto os demais campos de estudo da história. A visualidade é um aspecto dos processos sociais e da vida social. As imagens não falam, não possuem em si um sentido. Seus significados são construções sociais; é a vivência relacionada às imagens que engendram os seus sentidos. Os processos de produção de sentido são processos sociais, em que os significados são avaliados como resultado de uma construção cultural. Destaca-se o pressuposto que as imagens que carregam não são meramente decorativas. (GOMES, 2018, P. 4)

FIGURA 09: Páginas do carnet ‘Baile das Debutantes de 1972’

Baile das Debutantes de 1972. Acervo do Fundo Romeu e Linda Crissi. Fonte: CEDOC/ Unicentro Irati

Outra atribuição do Grêmio Flores da Primavera, que visava ressaltar a feminilidade das debutantes, era o *carnet* de baile, ou seja, um livreto que era distribuído durante o baile como forma de lembrança do evento e homenagem às “gentis debutantes”. O documento, normalmente, contava com as fotografias das debutantes, acompanhadas dos seus nomes, fotografias e versos de poemas que prestavam uma homenagem a elas, além de espaços para anotações nas laudas finais, “impressões do baile” e “Rainha da Primavera”. Foram encontrados 21 *carnets* de baile. Muitos deles foram disponibilizados pela equipe do CEDOC/I, outros pelo próprio Clube do Comércio e por entrevistadas.

Apesar da intencionalidade da autoria, sob o ponto de vista da recepção dessas informações, tais materiais podem ser configurados como lugares de memória, que, segundo Pierre Nora (1993), é o estado material capaz de despertar o trabalho imaterial por meio do exercício de afetividade.

Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento de que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, organizar celebrações, manter aniversários, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque estas operações não são naturais. (NORA, 1993, p. 13).

Observemos que os nomes das jovens aparecem sem sobrenome, o que era normalmente descrito na filiação, abaixo das fotos. Isso indica a ideia de adaptação do livreto a uma sociedade de certo modo limitada, entre conhecidos, em que as relações levavam a investigações, especulações e suposições: “esta é filha de fulano!”. A fim de facilitar as investigações, o documento já incorpora o pressuposto de lembrança (a lembrança do próprio

baile), um mecanismo facilitador na pesquisa de algum convidado/a por uma jovem. Para constituir tais lembranças, ressalta-se, nele, as feminilidades, pelos sorrisos e versos.

Quanto ao sorriso, trata-se de um elemento caracterizador da expressão de felicidade. O sorriso marca a satisfação da personagem em integrar aquela cena e ocupar aquele espaço. Ele contribui para que o status da colunável se torne desejável aos olhos de outros grupos. Neste sentido, a maior incidência de interações românticas e afetuosas (OLIVEIRA, 2019, p. 9).

“Sorria para a foto”! deve ter sido frequentemente dito pelos/as profissionais que forjavam as fotografias ao longo dos anos, pois a maioria das moças carrega sorrisos, o que indicava uma performatividade que visava alcançar a impressão de simpatia, de delicadeza e docilidade, que acompanham os atributos de feminilidades. Em sua dissertação referente aos sorrisos e às relações com o universo feminino, Tariane Franciele Bastos Pereira (2019) explica que o sorriso, em si, já pode indicar, no caso das mulheres, “um comportamento socialmente adequado ao gênero” (2019, p. 27).

Qualquer que seja a posição no elo entre as expressões faciais e as expressões, há consenso de que as expressões faciais são frequentemente modificadas pelo funcionamento das regras de exibição que são as normas que regulam como, quando e onde as emoções podem ou devem ser expressas. O resultado é que as diferenças observadas nas expressões faciais entre indivíduos ou grupos em resposta ao mesmo evento provocador podem ser em parte devido à aplicação de normas sociais que inibem ou amplificam as expressões faciais básicas (MCDUFF; KODRA; KALIOUBY; LAFRANCE, 2017, p.5 apud PEREIRA, 2019, p. 27).

FIGURA 10: Foto Mariano - Estúdio Fotográfico. Anos 1950.



Antônio Doniak à esquerda. Acervo particular de Thereza de Souza Doniak, já falecida. A utilização foi autorizada pelos filhos. Colorido artificialmente pelo autor.

O ritual de formação das debutantes incluía a captura de fotografias, fruto de uma parceria entre o GFP e creditada, muitas vezes, pelo estúdio fotográfico ‘Foto Mariano’, localizado na mesma rua que o Clube do Comércio, a XV de Julho, no centro de Irati. Após o momento do ensaio das garotas, as fotos eram reveladas e expostas de várias formas. O *carnet*, por exemplo, era uma dessas formas, quando disponibilizado somente no momento do baile. Mas havia o desejo de divulgar as debutantes antes mesmo do baile, a coluna social dos periódicos, conforme explanado no tópico anterior, e também a exposição em vitrines, nas ruas da cidade, como era o caso das vitrines do próprio estúdio fotográfico. Na figura acima, percebe-se uma vitrine com algumas fotografias. As do centro retratam mulheres de vestido branco, as demais, expõem mulheres sorrindo. Não se sabe a origem das fotografias na vitrine, nem se retratavam debutantes ou noivas, porém é um vestígio interessante sobre como se constituía o espaço de divulgação das jovens antes dos bailes propriamente ditos.

Acompanhando a tecnologia de cada época, os registros, nas vitrines e quadros, poderiam ser fotopinturas, se mais próximos aos anos 1950, fotos em preto e branco, se mais próximos dos anos 1960, imagens coloridas, e a partir d’áí.

Junto às fotografias do *carnet* estão os poemas, objetos literários que também podem ser alvo de análise de conteúdo para as mais novas correntes historiográficas. Afinal, além de terem ampliado suas fontes, não mais as aplicam sob a busca de uma verdade e sim como partes construtivas de verdades. Baliza Rosa Maria Alves Gomes:

Este movimento da historiografia dirigido às questões da cultura e dos seus múltiplos suportes e significados acaba com qualquer possibilidade de hierarquização das fontes históricas. Se até aqui as fontes literárias ocupavam um lugar secundário e ilustrativo na historiografia, passam a adquirir o estatuto de fontes primárias autônomas, que nada mais são do que representações do passado que devem ser consideradas e tratadas com todas as suas especificidades pelos historiadores. É neste contexto que Pesavento (2002: s/pág.) considera que «a literatura não pode ser entendida como uma ‘fonte a mais’, mas justamente como a fonte que pode dar aquele ‘algo mais’ que os documentos comumente usados pela História não fornecem». (GOMES, 2009, p. 19).

Tanto os textos literários como os poemas, identificam representações e testemunhos de grupos sociais para o qual se escreve em determinados períodos, pois por meio do trabalho do escritor, sujeito histórico, revelam-se “preocupações e valores que reflectem os da sociedade do seu tempo, e a sua obra criada (analisada) com determinada intenção/objectivos e a circular socialmente a partir de relações de poder historicamente demarcadas.”(GOMES, 2009, p. 20).

Igual às fotografias, os poemas, que compunham os materiais do *carnet* de baile, eram encomendados, também tinham esse papel de reforçar certas características. Normalmente, as jovens eram representadas em metáforas que as incorporavam em meio às flores e seus perfumes, à primavera e aos valores e características que o período simbolizava: beleza, gentileza e juventude e até mesmo fragilidade, em uma verdadeira “orgia de cores”. Esses poemas são composições de artistas locais e, na maioria das vezes, escritos por Virgílio Moreira.

Notável por sua atuação, em vários campos da sociedade iratiense, Virgílio “foi um cidadão de múltiplas atividades administrativas, econômicas, políticas e filantrópicas e foi escritor e poeta” (FILLUS, 2021, p.44). Nasceu em Campo Largo (PR), em 1900, mudou-se para Irati, em 1938, onde estabeleceu suas atividades como empresário, e faleceu em 1973 (FILLUS, 2021, p. 45).

A colaboração de Virgílio Moreira com o GFP, homenageando as debutantes, pode ser vista mesmo após o seu falecimento. Dos 21 *carnês* disponibilizados pelo CEDOC/I e acessados para tal trabalho, correspondentes ao período entre 1953 e 1980, 11 deles apresentam composições de Moreira, entre 1953 e 1976. Os poemas variam entre pórticos de estrofes livres, ou seja, ferramentas de apresentação, no início dos documentos, que não necessariamente seguem uma estrutura específica de estrofes (como os tercetos, sonetos, quadras), e trovas que acompanham foto a foto das debutantes. Apresentando, respectivamente, as debutantes Cleoni e Edelzina, no *carnet* de 1962, estão duas trovas que novamente utilizam da metáfora, designam elementos da natureza e sentimentos, tanto para

caracterizar a transição entre a infância e a adolescência quanto trazer às jovens um significado poético, voltado às suas atribuições.

Conduz o sonho mais lindo,
Nêste recanto de amores:
É uma flor que vem sorrindo
Abrir a estação das flôres

Ei-la que passa, entre ardôres,
Da infância rompendo o véu,
Parece até, pelas côres,
Que vem descendo do céu...

Carnet do Baile das Debutantes, 1962. FONTE: CEDOC/I

No caso da trova dedicada à primeira, que estaria abrindo o desfile, o recurso atribuído poeticamente traz uma alusão ao próprio espaço do baile. Aqui, o ato de “conduzir” a ação no baile, revela o mesmo como o “recanto de amores”. Tratando-se de amor, pode se referir tanto à relação familiar da jovem com os seus pais, parentes e amigos presentes, nesse “recanto”, quanto aos olhares de seus pretendentes, enfim, a justificativa principal do baile é a de que a jovem teria permissão para adentrar à vida noturna e, diante dessa novidade, poderia ser cortejada pelos rapazes.

Para a segunda, a alusão entre o fim da infância e o início da adolescência feminina se faz em meio a elementos da natureza, tradicionalmente associados à feminilidade. Henrique Marques Samyn (2017), que analisa produções literárias e culturais, sob o enfoque do feminino e das relações generificadas, explica que nesses casos, ocorre o “processo de subjetivação generificada, por intermédio do qual a subjetividade poética constitui sua feminilidade” (2017, p.1). Assim, a utilização de tais elementos na escrita, bem como a publicação desses na lembrança do baile, faz parte da constituição do modelo hegemônico de feminilidade vigente no âmbito das celebrações de debutante.

3.2.3 a missa da debutante

*“A beleza exterior é efêmera.
A beleza interior é eterna”³²*

Seguindo o raciocínio de Clastres (1982), a respeito da estrutura de rituais de passagem, cabe assumir que os espaços de práticas são eventos construídos no e a partir do campo simbólico, manifestando suas aspirações morais. É nesse sentido que a religião se integra ao cenário dos rituais de debutantes do GFP, simbolizando uma inter-relação entre os valores morais, disseminados na agremiação, nas famílias das moças e na Igreja Católica, em determinados períodos, o que indica uma congruência de qualidades.

É relevante apontar que as instituições religiosas são dotadas de múltiplas realidades, por mais que possam parecer providas de estruturas dogmáticas similares. Mesmo a forte tradição católica no contexto brasileiro passa por historicidades diferentes, em espaços distintos, e as instituições podem ser compreendidas com particularidades, que trazem à tona a inexistência de uniformidade³³.

Ainda assim, os discursos religiosos, de maneira geral, refletem nos processos emocionais, cognitivos e sociais (SILVA *et al*, 2008, p. 683) de cada fiel. Duarte (2006 *apud* SILVA *et al*, 2008, p. 684) aponta: “cada discurso religioso codifica as atitudes morais consideradas razoáveis para o seu rebanho, cabendo aos fiéis comparar as codificações disponíveis e se aproximar da congregação que dialoga com sua própria disposição moral”.

É neste sentido que a influência da religião contribui na construção da identidade religiosa, na formação de grupos, ou o *ethos*, em sua forma religiosa, que, para o antropólogo Clifford Geertz (1989, p. 67), seria “o tom, o caráter e a qualidade de sua vida, seu estilo moral e estético, e sua disposição é a atitude subjacente em relação a ele mesmo e ao seu mundo que a vida reflete”.

No entanto, por mais que se admita que a influência religiosa, no âmbito do Grêmio Flores da Primavera, é uma constante que objetiva delimitar possibilidades para corpos generificados, não cabe a suposição de que as mulheres aceitavam passivamente os valores que eram conferidos a elas, nem suas ações eram necessariamente limitadas de acordo com os valores cristãos. Assumir que as jovens seguiam o modelo de representação normatizadora da igreja é generalizar suas atuações tendo em vista uma percepção unilateral e superficial a

³² Panfleto “Missa das Debutantes 1977”. Acervo CEDOC/I

³³ A discussão fica ainda mais ampla e subjetiva quando trata da religiosidade brasileira enquanto prática cultural que não segue paralelamente a essência da prática católica. Ver Bittencourt Filho, 2003.

respeito de mulheres que seguem uma doutrina. Nadia Maria Guariza, em sua tese sobre o movimento leigo na Igreja Católica, nas décadas de 1960 e 1970, sugere

a superação da dicotomia vítima e opressor, evidenciando que, se por um lado havia a emissão de um discurso normatizador do comportamento feminino, por outro lado também existia a possibilidade de criação nas margens da norma. Deste modo, parte-se do pressuposto formulado por Natalie Zemon DAVIS de que as mulheres no decorrer de sua história muitas vezes ocuparam as margens das instituições e das sociedades, contudo isto não impediu que elas criassem experiências frutíferas e criativas neste espaços (GUARIZA, 2009, p. 16).

Nas relações culturais do GFP com o seu meio, está presente o fenômeno religioso. Entretanto, a presença desse grupo no campo religioso não acontecia de forma arbitrária e permanente, de acordo com as evidências levantadas, pois, geralmente, as iniciativas eram advindas das relações e das colaborações entre os interesses familiares, da Igreja Católica e dos demais grupos da sociedade iratiense, apenas em determinadas ocasiões. Essas relações reproduziram a forma religiosa de *ethos* na medida em que ofereciam e participavam na celebração de uma missa de ação de graças às vidas, trajetórias e conquistas das debutantes.

FIGURA 11: Frente do folheto “Missa das Debutantes”, 1977



Fonte: CEDOC/I

A fonte acima foi encontrada no acervo particular “Linda Crissi” do CEDOC/I, onde se encontram outros folhetos e convites para celebrações religiosas destinadas às debutantes. Alguns destes materiais não possuem data, nem local de produção, logo é precipitado afirmar que foram elaborados pelo mesmo grupo. Outros materiais, guardados por Linda Garzuze Crissi, evidenciam que as missas destinadas às debutantes também partiam da iniciativa de

outros grupos, como a Associação das Senhoras de Rotarianos, o que sugere que vinham sempre de uma mesma camada social em Irati - PR, porque, muitas vezes, as mulheres participavam de mais de uma associação, como é o caso de Linda.

A celebração religiosa que compunha a programação do período de “transição” à fase adulta das moças era um espaço apropriado justamente para refletir os valores morais mais estimulados pelo grupo, pelas famílias, pelos seus simpatizantes e pela sociedade iratiense. Para as debutantes tais valores são evidenciados, nos panfletos, pelos dizeres e orações.

Seguindo a diretriz de Martins (1997), é recomendável não tomar orações religiosas “ao pé da letra” na análise histórica, pois nos seus universos de escrita estão configuradas múltiplas formas, significados e apropriações.

Indubitavelmente, ao se trabalhar com fontes escritas carregadas de valores simbólicos, se fará uma história de produção de sentidos. A grande questão, quando se tem interesse pela história da produção dos significados/das representações, é compreender como as limitações são sempre transgredidas pela invenção ou, pelo contrário, como as liberdades de interpretação são sempre limitadas pela cultura do grupo/comunidade que a produz/representa (CHARTIER, 1999 *apud* MARTINS, 1997, p. 203)

A seguir, a oração professada pelos pais das jovens, presente no panfleto, cuja capa foi apresentada acima, traz à tona uma série de possibilidades de análise que dizem respeito ao jogo simbólico de palavras, podendo direcionar às múltiplas interpretações, de acordo com as perspectivas teóricas. Aqui, pretende-se superar uma simples análise de conteúdo, para refletirmos a criação de significados pelos sujeitos envolvidos naquele contexto.

7. ORAÇÃO DOS PAIS.

PAIS: Senhor, Vós nos concedestes a graça de educar nossa filha até este dia. Através da fragilidade e dos perigos dos seus primeiros anos, vossa mão tutelar a conduziu até aqui, e vimos, Senhor nosso Deus, com o coração reconhecido, como outrora os pais de Samuel, consagrá-la a Vós. No Batismo nós a apresentamos e Vós recebestes a Vossa Igreja. Doravante, é sobre seus próprios ombros que irá pesar a responsabilidade de sua conduta para convosco e ao seu próximo. Muito nos preocupamos ao pensar nos perigos que a esperam em seu caminho e, que surgirão diante dela, nos erros e faltas que poderá cometer. Em tal apreensão, é diante de Vós, Senhor, que vimos confiar nossas esperanças. Dignai-vos estender sobre nossa filha vossa mão protetora; velai sobre sua adolescência como velastes sobre seu berço. Se ela vier tropeçar em seu caminho, enviai-lhe o anjo que conduziu o jovem Tobias; aplainai diante dela a rudeza da vida, não a submetais à provas muito duras; fazei que ela encontre graças aos olhos dos homens, por qualidades estimáveis. Nunca permitais, Senhor, que ela esqueça os compromissos que hoje assume, mas que permaneça fiel a Vós, e atraia sobre si as bênçãos do Céu e o amor dos outros homens, seus irmãos.

Dessas passagens, algumas dizem respeito ao anseio dos pais pela proteção divina nos “erros e acertos”, que se tornam as vivências das jovens, ou ainda, prezam pela continuidade

da moça no âmbito religioso. Contudo, a composição do *ethos* religioso das moças não termina na pura profissão da fé católica, ela também passa pela avaliação moral de seus pais no discurso enunciado por eles: a partir do ritual de passagem da infância (quando a vigilância e o raio de influência de seus pais é maior) para a adolescência, o enunciado sugere que a moça se torna responsável pela sua conduta perante a divindade. Percebe-se a configuração de uma maioria moral, que não diz respeito somente à responsabilidade perante a divindade, mas “ao próximo”, aos seres humanos, seres sociais que carregam consigo juízo de valor.

Pelas análises de Gilles Deleuze (1992), podemos assimilar o anseio de uma postura de autocuidado em sociedade, em relação “ao próximo”. A contemporaneidade produziu mecanismos de autocontrole das pulsões, interiorizando o exercício da disciplina, sem a necessidade de dispositivos que vigiem constantemente os sujeitos, pois as ideologias são as grandes responsáveis por esta função. O filósofo identifica esse fenômeno como “Sociedade de Controle” e podemos integrá-lo aos julgamentos morais.

Em relação às análises de gênero, é possível encontrar pelo menos duas interpretações discursivas no mesmo ponto. Quando se enuncia “faça que ela encontre graças aos olhos dos homens, por qualidades estimáveis”, seguido de “atraia sobre si as bênçãos do Céu e o amor dos outros homens, seus irmãos”, as informações tangem em (1) referir-se ao anseio dos pais que a moça, agora adolescente, avaliasse com lucidez as características pessoais em homens, ali entendidos como o sexo oposto pela diferença física, a fim de encontrar um parceiro afetivo; (2) referir-se aos homens enquanto categoria universal, sem a distinção por gêneros, o que incluiria as mulheres no enunciado. Porém, nas menções às debutantes, sempre são utilizados os artigos referindo-se ao gênero feminino.

As definições para homens, mulheres, masculinidades e feminilidades, ao longo do tempo, são complexas e variáveis. A historiadora Joan Scott (1995) alerta para as distorções que podem ser originadas das pesquisas históricas que não buscam/negligenciam os sentidos de representação dos gêneros em determinados contextos, ou seja, importante atentar-se

às maneiras como as sociedades representam o gênero, o utilizam para articular regras de relações sociais ou para construir o sentido da experiência. Sem o sentido, não tem experiência; e sem processo de significação, não tem sentido. (SCOTT, 1995, p. 15).

De qualquer forma, em outros momentos, os panfletos evidenciam maneiras de representar o gênero feminino. Nesse âmbito identificamos discursos relacionados à beleza feminina. As debutantes teriam suas belezas relacionadas não somente às suas corporeidades

(“bela como me fizeste”), mas às suas virtudes, “feliz, porque me queres ver assim”. É certo que a beleza, entendida de qualquer uma destas duas maneiras pelos pais, não seria suficiente para adentrar ao grupo de debutantes que integravam estas celebrações. No entanto, pelo sentido moral que a celebração cristã agrega, aqui os discursos ressignificam-se. A verdade expressa é justamente a elevação de uma beleza interior como caráter essencial, em meio aos atributos que tornariam uma moça apta a debutar, relacionado à fé cristã: “A beleza exterior é efêmera. A beleza interior é eterna”.

Nesse sentido, as virtudes morais possuem ampla abrangência. O caminho da bondade, por exemplo, pode ser interpretado nos panfletos como uma série de escolhas, a jovem teria que se posicionar perante tudo e todos ao redor, a fim de seguir seu percurso compromissada com a verdade cristã. A bondade, como qualquer outra virtude, é ressignificada historicamente pelo gênero e seu percurso, aponta para atributos femininos tidos como naturais (MARTINS, 2013).

Falar sobre a bondade nos remete ao terreno da ética e da moral. A bondade foi definida como uma virtude moral, portanto, uma qualidade aprendida e cultivada pelos indivíduos dotados de razão, capazes de fazer boas escolhas, ou as mais corretas na forma de conduzir suas vidas. (MARTINS, 2013, p. 148).

Em relação à construção de uma debutante, a concepção de bondade é reforçada repetidas vezes no ritual religioso, porém não é uma característica exclusiva desse espaço. Mesmo fora das igrejas, percebe-se uma tendência, de forma geral, em estabelecer diretrizes para orientar atitudes, pensamentos e, por conseguinte, influenciar na personalidade da debutante. As instituições não criam estes valores, mas agem enquanto mecanismos de reprodução da dicotomia social entre masculino e feminino de maneira hierarquizada.

3.3 Os bastidores do meu baile de debutante

Debutar. Dependendo do ponto de vista de quem vivenciou o momento, talvez, este tivesse sido um verdadeiro sonho de infância, uma aspiração, um dia que demorava a chegar. Pode também ter sido um simples ritual clichê, obrigatório, que os pais insistiam em promover. Trataremos a respeito de um recorte da vida das entrevistadas, situado em uma época em que elas, de certo modo, sanaram muitas curiosidades no entorno da vida social adulta, já que antes da chegada desse dia, não eram autorizadas a participar.

Bem como os estudos de Michael Pollak (1989) sugerem, a memória está envolta em sentimentos. Saudosismos, saudades, conflitos, traumas, que influenciam na elucidação de (ou

na tentativa de driblar, evitar) acontecimentos do passado, que estiveram guardados por muitos anos e passaram pelo processo de ancoragem. O que resta desse processo?

Ter sido apresentada e reverenciada no grupo em que seus pais frequentavam, em uma cerimônia romântica, certamente é diferente de ter feito parte da diretoria de uma organização. Ter passado pelas cortinas do clube, que a revelavam para o grupo, é diferente de ter aplaudido esta passagem, ao assistir de frente. Com a garota, naquele instante, residiam as emoções mais diversas, à flor da pele, diante de uma grande e importante plateia. Essa intensidade, de uma maneira ou de outra, ainda sobrevive nas memórias das entrevistadas. Por essas e outras, o presente tópico evidencia momentos de muitas exclamações, exaltações, saudosismos, hipérboles. Como foi participar? Superou as expectativas? Como se sentia diante daquele universo de relações de poder pensado e construído especialmente para você? Como você enxerga aquele momento?

Adiante, conheceremos um pouco mais as 7 (sete) mulheres que, durante os anos 1960 e 1970, foram apresentadas em bailes de debutantes promovidos pelo Grêmio Flores da Primavera. Assim como as diretoras relacionadas no tópico 2.3, seus nomes são substituídos por satélites naturais de planetas do Sistema Solar para preservar suas identidades.

O/a leitor/a poderá perceber, nas entrevistas que envolveram as debutantes, que não se aprofundou sobre muitos aspectos de suas vidas, pois, procurou-se uma pontualidade maior com o tema: os bastidores da noite do baile, do coquetel, dos preparativos no processo de apresentação e, de maneira geral, suas percepções a respeito do Grêmio Flores da Primavera e suas atribuições.

No caso das diretoras, anteriormente apresentadas, Belinda e Miranda afirmaram ter debutado em Irati no período referido, o que pôde ser verificado nas demais fontes documentais, totalizando 7 depoimentos de debutantes. Apesar de já terem sido apresentadas como diretoras do Grêmio, é necessário retomar uma parte de suas trajetórias, a qual não foi trazida nos tópicos anteriores, as memórias relacionadas aos bailes de debutantes.

Caronte: Nascida em 1954, em Irati-PR, filha de dois comerciantes. Debutou em 1969, aos 15 anos. A partir do seu *debut*, começou a frequentar a “sociedade”, os bailes e diversos eventos sociais. Desde muito cedo contribuiu com o ofício dos pais. Hoje é empresária e, atualmente, administra uma loja familiar, que herdou dos pais, em Irati, local onde foi realizada a entrevista.

Calisto: A irmã mais nova de Caronte. Nascida em 1955, em Irati, também teve o seu *debut* aos 15 anos, em 1970, e frequentou os espaços de sociabilidades formais em Irati. Além disso, 3 anos depois de seu baile, foi candidata a Miss Irati. Coursou o magistério e ingressou no ensino superior, sendo formada em Letras, em uma universidade curitibana. Depois de formada, lecionou na educação básica até o casamento, quando se tornou uma cuidadora do lar. Atua, assim como a irmã, na empresa familiar que seus pais deixaram, local onde foi realizada a entrevista.

Titânia: Nasceu em Irati, no ano de 1949, e teve a sua apresentação como debutante em 1964, tendo sido coroada a Rainha da Primavera naquela noite. Concluiu o magistério e atuou na docência do ensino fundamental. Assim como Calisto, ao se casar, tornou-se uma cuidadora do lar. Atualmente viúva, está inserida em projetos sociais de grande impacto no município de Irati.

Nix: Nasceu em Irati, em 1959. Filha de uma das presidentes que o Grêmio Flores da Primavera teve, acompanhava a mãe, desde muito cedo, e esteve inserida nas atividades recreativas do Grêmio. O seu *debut* foi em 1974. Graduada em Direito, atuou em diversos cargos de importância jurídica no município. Atualmente, encarrega-se no âmbito da gestão pública iratiense, e respondeu à entrevista no ambiente de trabalho.

Europa: Nasceu em Irati, em 1954. Seu baile foi em 1970, quando completou 16 anos. Concluiu o magistério e chegou a lecionar na área de contabilidade, por pouco tempo, pois casou-se aos 20 anos, em 1974. Junto do esposo, fundou uma pequena empresa comercial que, hoje, tem 47 anos completos e tornou-se uma grande referência regional na área de construção civil. Desde então, atua como empresária nessa organização, local onde foi realizada a entrevista.

Belinda: Nascida em Ponta Grossa-PR, em 1949. Chegou em Irati ainda criança e foi debutante em 1964, no mesmo baile que Titânia. Completou os estudos em Irati, lecionou como professora e especializou-se em costura. Casou-se em Irati-PR aos 20 e, junto do esposo, fundou uma loja. Viúva, reside em Curitiba e em Irati, e a entrevista foi realizada na sua residência.

Miranda: Nascida em Irati-PR, em 1944, neta e sobrinha de empresários do ramo madeireiro. Teve seu *debut* aos 16 anos, no baile de 1960, onde foi coroada a Rainha da Primavera. Completou o Magistério, atuou como professora na educação básica e casou-se. Assim como toda a sua família, participou assiduamente nos eventos sociais. A partir do casamento, que originou uma filha, dedicou sua atenção ao lar. Reside no centro de Irati-PR. A entrevista foi realizada na sua residência.

Falar do baile de debutantes, um ritual de passagem, é também falar de fronteiras simbólicas construídas para interagir com a juventude. Referimo-nos à construção da passagem da infância para a adolescência, da inocência para a racionalidade, da entrega da boneca em troca de uma joia, da mudança do vestido curto para o longo, da introdução ao salto alto, dentre tantas outras maneiras que enfatizavam uma fronteira entre o antes e o agora.

Para dar início às análises a respeito dos bastidores do baile, retomamos o conceito de Rook (2007) de ritual, que é composto por artefatos simbólicos, roteiro, papéis dos agentes, audiência (plateia) e repetição, e vamos nos deter às lembranças de tais elementos.

No que diz respeito aos artefatos simbólicos, dentre os elementos mais lembrados pelas debutantes, está o vestido que foi escolhido para a ocasião. Ele simboliza um esforço dos pais, do grupo, da sociedade, em estabelecer características a essas moças. Sua importância em um ato performático como o baile, uma forma de consumo ritualístico da moda, é a de representar feminilidade, por meio dos estilos, bordados, artefatos, já para os homens, outras representações eram almejadas, conforme evidencia a entrevistada Calisto:

o baile era Black tie, os meninos era de gravata borboleta, as meninas pra dançar só de longo, né, no baile inteiro quem quisesse dançar era só de longo, as debutantes e os outros, só vestido longo, claro, era um baile chique. Então... e os homens era de smoking... depois começou vim o Summer e coisa assim, mas era black tie... (2022).

As formas de se vestir podem apresentar aos pesquisadores e pesquisadoras uma oportunidade de compreender como os grupos, em determinados tempos e espaços, constituem suas identidades culturais, bem como almejam representar-se, por serem objetos de consumo que refletem hábitos, características e comportamentos. Para Melissa Sabrina Tavares Pereira, por mais que, à primeira vista a moda pareça um fenômeno unilateral e universal, ou que aparente futilidade, frivolidade,

a moda funciona como um dispositivo social, estando o próprio comportamento das pessoas em nossas sociedades orientado pela moda; ou seja, trata-se de um fenômeno que afeta o comportamento humano e está inteiramente conectado com os acontecimentos, desejos e necessidades sociais de determinado tempo e espaço. (PEREIRA, 2018, p.22).

O vestido, habitualmente carregado da cor branca ou tons mais claros, tem historicamente como pressuposto, tanto em bailes de debutantes quanto em casamentos, simbolizar pureza, sabedoria e inocência (ESCALAS, 1993).

O artefato simbólico principal para o baile de debutantes é o vestido longo, normalmente branco ou de cor clara, simbolizando a pureza da menina entrando na vida adulta e a interação com o sexo oposto pela primeira vez. Pode-se mencionar vários outros artefatos, como a valsa, a joia, as quinze velas, entre outros que compõem este ritual, mas o vestido é o que recebe maior destaque. (ESTEBAN, 2015, p. 5).

Ao lembrarem da importância da indumentária, muitos outros detalhes do baile de debutantes puderam ser lembrados com ele, o que faz desses materiais verdadeiras “âncoras” de acontecimentos submersos, lugares de memória. A entrevistada Europa, por exemplo, relata sua experiência no baile.

meu vestido foi feito com uma costureira na frente do Colégio Nossa Sra. das Graças. Só tinha essa que fazia coisa mais fina, de alta costura. Como que era o nome dessa costureira... Ada.. Dada... Inclusive uma história muito interessante, porque nossos vestidos eram bordados né? E eu volta e meia me enroscava nas danças com o vestido da Telma Benato. Volta e meia os bordados se enroscavam, nós tinha que parar no meio do salão pra desenroscar o vestido, é uma história que eu não esqueço. Quando nós se via dizia “fique aí, fique aí” porque se nós dançava “tum”, grudava... (risos) E tudo vestido longo, rodado, nós com aquela cinturinha daquele tamanho do vestido sabe, é uma coisa muito linda, marcante... maravilhosa. Se desse pra voltar eu debutava denovo. (EUROPA, 2022).

Miranda acrescenta que seu vestido foi aproveitado em outras ocasiões, além do baile de debutantes, em desfiles, que também visam a representação de feminilidades:

eu nem tenho mais o vestido, mas ficou, um bom tempo, aí emprestei, teve gente que desfilou depois, sabe, quando tinha alguma coisa... os bordados ainda têm alguma coisa, que daí nós tiramos um pouco das coisas ainda... tinha pérola, tinha lantejola e tinha vidrilho. Imagine pra bordar tudo isso? E foi feito aqui em Irati... modista Mariquinha. Na época era a mais famosa. (MIRANDA, 2022).

O próprio vestido demonstra que, para debutar, a jovem dispunha de um grande investimento financeiro para a época, advindo do poder aquisitivo da família. Nas palavras de Europa, seu vestido foi confeccionado por quem entendia de “coisa mais fina, alta costura”, e Miranda relembra, “modista Mariquinha. Na época era a mais famosa”. Portanto, além de reforçar feminilidades e simbolizar pureza, sabedoria, inocência, o vestido também simboliza a vontade de demonstrar riqueza, exuberância, distinção social, fenômeno visto em praticamente todos os elementos envoltos no baile.

É, era uma coisa muito esperada, aí a menina ganhava o primeiro vestido longo, geralmente todas iam de branco né? E... O pai apresentava como eu já te falei, e o baile assim vinha muita, muita gente de fora, sabe? Era, era como dizia um, uma coisa social, *top* social de Irati, era... Era, era o baile das debutantes. Concorridíssimo como eu já te disse, distribuíam senha pra comprar mesa, era tudo

apertadinho assim sabe, ficava tudo apertadinho. Então vinha as meninas de fora, também, algumas da redondeza, de Guarapuava, de, de Rebouças, né, de Imbituva, as vezes tinha uma parente, alguma que debutava junto... (CALISTO, 2022).

Do depoimento de Calisto, podemos evidenciar que os bailes, onde as debutantes eram as principais “atrações”, possuíam elementos que os outros bailes não tinham, afinal, eram eventos muito esperados por uma parcela específica da população, a elite social, que buscava reproduzir os modelos familiares mais disseminados, em dois âmbitos: o daquele mesmo círculo, daquele mesmo grupo, entre conhecidos, sociáveis, e a integração entre dois círculos diferentes no caso de quem fosse de fora de Irati (Imbituva, Rebouças, Guarapuava etc.), mas que de alguma forma fosse igualmente sociável³⁴. Em alguns momentos dos depoimentos, essa elite social, que frequentava os bailes de debutantes, é fortemente associada à elite econômica, não apenas pelas demonstrações de distinção social perante os pares, mas também pelas condições financeiras. Como ilustra Miranda, pagar para terceiros a fim de obter lugares na fila, era uma prática frequente.

a gente pagava, por exemplo pro jardineiro, pra quem tinha assim alguém, pra ficar na fila, lá no clube quando ia abrir, pra pegar a senha, pra comprar mesa, pra pegar da frente, de tanto que era... cansamo sabe, de ter que pedir pra alguém pra ir, sabe? Você não ia ficar lá desde madrugada, né? Então ia alguém, sabe, ficava na fila... pra pegar, pra poder pegar mesa na frente do salão, não pegar pra trás, sabe. Era super concorrido! Se ficasse de fora teria que ir pra arquibancada. Mas era sabe, assim, o clube chique daqui... que o Polonês nunca foi tão chique... O comércio sempre foi o mais... pena que acabou né?

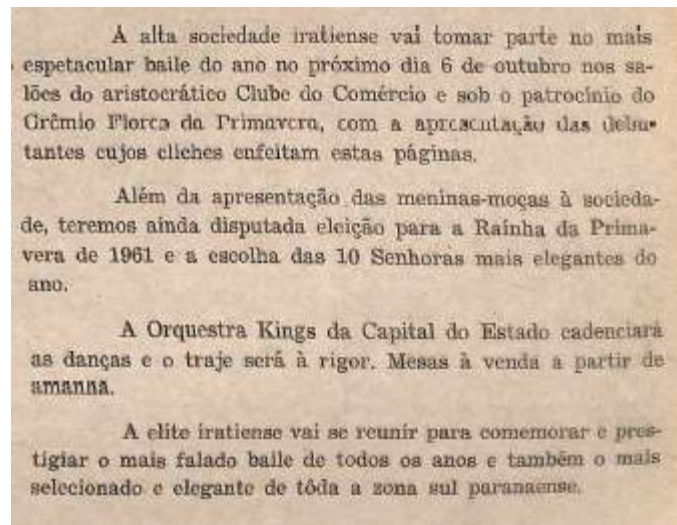
Tão importantes quanto os artefatos simbólicos (vestidos) citados, estão os roteiros dos bailes de debutantes, para configurá-los enquanto um ritual. Por anos a fio, seguiram uma estrutura tradicional, com pequenas variações.

Começando do início, literalmente, o baile era do início ao fim organizado pelo Grêmio Flores da Primavera, geralmente em julho, agosto, setembro, meses que antecederiam o baile. No pré evento, as mulheres da diretoria ficavam encarregadas de atividades que demandam tempo, habilidade, esforço e dedicação. Dentre os exemplos estão oficial o Clube do Comércio solicitando o espaço do salão, contratar as orquestras que “embalariam” o baile, os profissionais de motagem, audiovisual, promover o evento e a chamada de debutantes por meio dos periódicos, conversas informais e ofícios com outras entidades de outras cidades, pensar na decoração e contratar a empresa que estaria encarregada desta, convocar padrinho e madrinha das debutantes, estabelecer relações com a prefeitura municipal, a fim de patrocínio

³⁴ Aqui, sociável é também visto como “clubável”, nas palavras de Valerie Capdeville (2016), estar apto socialmente, financeiramente e possuir habilidades específicas para participar de atividades em um clube fechado/ exclusivo.

para coquetel às famílias, e, com a igreja, para a realização de uma missa em intenção às debutantes.

FIGURA 12: Trecho da Coluna Social do JCS, 24/09/1961



Fonte: CEDOC/I

As famílias que estavam aptas a apresentar suas jovens filhas/sobrinhas, por sua vez, também deveriam dispor de tempo e recursos financeiros. Uma taxa era destinada ao Grêmio pelo próprio ato de debutar. Igualmente importantes estavam os preparativos que envolviam a estética das jovens: cabelos, maquiagem, confecção do vestido de baile sob encomenda, sapatos, além do vestido da missa e do coquetel. Como relembra a entrevistada Caronte, esse processo poderia ser uma verdadeira corrida contra o tempo, já que a cidade não dispunha de tantas profissionais de “beleza” e a agenda destas, nos momentos anteriores aos bailes, encontravam-se lotadas. Na maioria das vezes, os depoimentos descrevem que eram meses de preparo: “pra vestido, pra salão, você já marcava hora assim com antecedência muito, muito tempo, sabe? Marcava hora pra fazer cabelo, e antigamente não tinha salão... não, vestido não tinha pronto em lugar nenhum né, tinha que mandar fazer...” (CARONTE, 2022).

Chegado o dia do baile, e nas palavras de Nix (2022), “- Os bailes eram restritos só para os adultos... Porque baile começava 11 horas da noite, era hora de criança estar na cama né? (Risos)”. A primeira vez que uma moça estaria autorizada a frequentar um baile deste porte, seria na sua apresentação, onde deixava de ser encarada como uma criança e já poderia encontrar-se inserida nas relações sociais, dançar e lidar com cantadas dos pretendentes. No entanto, Miranda (2022), percebeu, no seu próprio relato, uma digressão dessa ordem: “só que eu já... quando eu debutei eu já ia em baile! Foi a primeira vez que fui de vestido

comprido, mas já tinha ido né? Eu já tinha 16 anos, já... Carnaval... A partir dos momentos que os pais autorizavam”.

Logo após o início do evento, normalmente às 23h, abria-se a cerimônia com discursos iniciais e a performance das moças. Para ilustrar como eram feitas as entradas, utilizamo-nos das memórias das entrevistadas, onde há narrativas semelhantes quando se trata desse momento: “o pai entrando com a gente na mão assim, então é o momento que o pai apresenta a filha à sociedade” (EUROPA, 2022); “elas eram apresentadas, o pai vinha, recebia...” (MIRANDA, 2022); “depois quando a gente debutava aí ficava conhecida de todo mundo né? E os pais, o pai ia pegar a gente pra descer no, naquela, passarela assim, pegava na mão e entregava pro moço que fosse dançar valsa” (BELINDA, 2022). O pai cumpria o seu “papel do agente” como concebeu Rook (2007).

FIGURA 13: Apresentação da debutante Edilian Menon, 1975.



Acervo: Edilian Menon (*in memorian*), Mana.

Antes da dança propriamente dita, quando o pai a recepcionava, havia a entrega de uma joia, oferecida pelo Grêmio Flores da Primavera. Na foto acima, vemos Edilian Menon, a

debutante, recebendo essa joia das mãos de Edith Schimaleski, então presidente da instituição. A joia, como vimos anteriormente, é um artefato simbólico que representa a passagem para a vida adulta. “A gente como ia desfilar lá, a gente pagava uma taxa, e com essa taxa elas davam um presente pra gente. No meu ano foi um anel, tenho até hoje um anel de pérola, é... bem... um solitário assim de pérola” (CALISTO, 2022).

Quando todas as debutantes adentravam ao espaço do salão, iniciavam-se as danças. A primeira era com o pai, que havia recepcionado. Na segunda, o pai “entregava” sua função a um rapaz, representando, assim como em um casamento, o fim do predomínio da influência paterna na vida da mulher, e o início autorizado do predomínio da influência de outro homem. “Era muito interessante.. Era um romantismo diferente, não existe mais esse romantismo. Não existe. E um orgulho dos pais que você tinha que ver, uma felicidade deles em fazer isso com as filhas...” (BELINDA, 2022).

O evento das debutantes pode ser visto como um esboço da passagem pelo matrimônio, simbolizando que a moça agora poderia estar apta aos relacionamentos amorosos com homens, e que poderiam resultar, a longo prazo, nos matrimônios, na medida em que cada jovem fora contemplada com o benefício de poder participar dos bailes. “Meu marido foi meu primeiro namorado, foi ele que foi, que eu dancei a valsa de debutante” (EUROPA, 2022).

A historiadora Cibeli Grochoski (2020), ao analisar a respeito do cotidiano e das vivências de leitoras da revista *Querida em Irati - PR*, no mesmo contexto, deparou-se com narrativas a respeito dos bailes de debutantes, que eram frequentados por essas garotas. Nesse sentido, Grochoski concluiu que

As debutantes de Irati, em suas apresentações, durante o baile, procuravam valorizar sua beleza, e outros aspectos fúteis, não procuravam parecer cultas, pois isso poderia transmitir a ideia de que elas eram mais inteligentes do que os rapazes, até porque, no baile, as moças, antes meninas, eram exibidas à sociedade, podendo, logo, serem pedidas em casamento. Esse pensamento era produzido e reproduzido na sociedade e nos meios de comunicação da época. (2020, p. 114).

Conforme sabemos, mesmo um baile de debutantes, onde se aparenta despreziosidade, não está isento de configurações, relações de poder e suas demonstrações. Identificamos, no decorrer deste capítulo, várias formas de se fazer, dizer ou convencer as jovens sobre como deveriam se portar ou se estabelecer diante da sociedade iratiense. Portanto, as festas são espaços em que as relações de poder são postas em prática, e é perfeitamente compreensível que existam conflitos no âmbito desses espaços lúdicos, pois os conflitos nada mais são do que choques entre diferentes perspectivas, visões de mundo.

Nas memórias a respeito dos “bastidores” de seu baile que se deu em 1964, ano em que ocorreu o golpe militar, Titânia e Belinda citaram um acontecimento marcante, que certamente correu na cidade sob a forma de boatos, fofocas, e não foi noticiado formalmente, nos periódicos. Um conflito tão marcante para a memória coletiva de Irati que Calisto, mesmo não tendo autorização para participar desse baile (pois tinha 9 anos e debutou 6 anos depois, em 1970), também relatou o que soube na época.

Então no, no... no nosso baile, veio os cadetes de Curitiba, sabe, até deu uma polêmica que você não faz ideia, que os meninos vieram pra entrar com a gente, e entraram sabe, com aquelas, é... né, jaqueta branca, assim, cadetes, né. E... muito bonito, só que deu uma polêmica, que eu não tinha namorado, mas tinha umas meninas que tinham namoradinho já, e... até que aceitaram, mas um dos meninos não aceitou, dos moços, sabe, que já tinha uns 20 anos, mais velho que ela assim... Nossa, precisava ver que fervo que foi, sabe? E daí, na hora de entrar, ela entrou sozinha, daí o rapaz até me deu dó do moço, porque ele veio, ele foi convidado, ele não tem culpa né? E ela acabou ficando, é... ele acabou não entrando com ninguém, veja, os outros todos entraram, até o nome do cadete que veio, que ficou comigo né, era Jackson, o nome dele. Ficou comigo não, eles só entraram com a gente né, depois o baile continuou, daí teve valsa com o pai, quem tinha namoradinho com os namorado, com os amigo, sabe? Não teve nada assim de... era só entrar né, só pra ficar uma coisa diferente né, que as mulheres que trouxeram eles. E daí, mais dali uma eu lembro que uma não entrou sabe, fazer o que, mas tá bom né... (TITÂNIA, 2022).

Sob a estética dos cadetes que, certamente, constituíam uma tendência no estilo e demonstravam comportamento, disciplina, valores altamente disseminados por conservadores (visto o período pelo qual nos referimos, o ano do golpe militar) para justificar uma intervenção desta classe, o baile das debutantes de 1964 certamente deixou uma marca. Belinda relembra de uma forma diferente. Para ela, não fora um namorado que “não aceitou” a atuação dos cadetes, mas sim, um pai.

Bom o nosso baile foi um baile completamente diferente de todos os outros sabe? Pelo seguinte... Porque a D. Rachel teve a ideia de trazer os, os moços que estudavam no colégio militar de Curitiba, e eles vieram todos dançar a valsa conosco... E foi um rebuliço na cidade, os moços daqui não gostaram da ideia (risos) porque já estavam todos determinados pra dançar... e nós acabamos dançar com os moç...cadetes! Então foi um rebu... sabe, e todos vieram com uniforme, era bem bonito, branco e vermelho, com uma espada... e cada um dançou com uma a valsa... e depois ficaram no baile naturalmente... E eu tinha 16 anos, nós já tinha os namorado... até meu marido... bom, meu marido a gente tinha dado um tempo na época, e ele nem foi no baile, ele ficou sabendo que vinha os moços dançar, ficou brabo e nem foi no baile... Foi em 64, o nosso baile, o único que teve isso... outro baile não... Uma inovação, assim, mas que não deu tão certo, pra nós não, pras debutantes foi uma coisa diferente, bonita... Mas os moços também não ficaram nada felizes... Teve um pai de uma debutante que não deixou ela debutar, não deixou ela dançar com o cadete... que disse que era de fora e que não sabia quem era o moço... e ela não dançou... foi proibida pelo pai. As outras todas dançaram. Ficou muito bonito! Porque daí ficou uma coisa diferente né, eles todos com uniforme igual, bem legal aquele baile... E foi polêmico, bem polêmico... (BELINDA, 2022).

A relação conflituosa entre o semblante dos cadetes (convidados pelo Grêmio Flores da Primavera para conduzir as moças e posteriormente dançar com elas), e os pretendentes, namorados, e até mesmo os pais mais conservadores, constitui uma forma de conflito de interesses. Os interesses, nesses casos, são explícitos: mesmo onde há performatividade, como no baile, isto simboliza uma disputa sob o domínio do corpo de jovens mulheres naquela ocasião. Proibições se fazem presentes, diante dos “ciúmes” e dos impedimentos paternos, formas de controlar a atuação dessas jovens, constituindo uma demonstração de poder sob elas.

Seguindo o roteiro do baile, simultaneamente às entradas das debutantes e não obstante de uma tentativa de criar expectativas ao evento, bem como uma prática que evidencia a valorização de determinados comportamentos, estilos, padrões de beleza e estereótipos relacionados às feminilidades, estava o concurso cultural que elegia a Rainha da Primavera, ou seja, a debutante que, por alguma forma e sob alguma circunstância, fosse coroada. Segundo a historiadora Adriana Mello Cançado (2008), os concursos que elegem Rainhas agregam especificidades de cada localidade onde são realizados, porém, podem ser seguramente distinguidos de outros segmentos dos concursos de beleza, como os das *misses*.

A relação entre a rainha e as tramas que sustentam objetivamente o evento, assim como valores e normas que passam a representar, são mais específicos e vinculam-se a uma cidade, uma região, um Estado ou um produto. No entanto, a diferença fundamental entre os concursos de *misses* e de rainhas reside que nos últimos inexiste a competição de maiô, o que afere seriedade ao evento, destituindo-o de elementos eróticos e sensuais, conforme constatei na bibliografia e na análise das fontes usadas na construção do objeto deste estudo. A abordagem dos concursos de rainhas aponta para os múltiplos conceitos e colocam em xeque a noção de futilidade desses eventos ao reconstruir relações de poder, jogos identitários, tramas de preservação de status que se mesclam com a beleza feminina. (p. 34 - 35).

No Ocidente, segundo a historiadora, concursos de beleza que contemplam a titulação de “rainha” são muito comuns, ora gerais e ora específicos, por serem práticas com uma versátil aplicabilidade, já que podem perfeitamente se encaixar em vários contextos e, ainda assim, não perderem o sentido, mas incorporarem fundamentos diversificados:

concursos de beleza instituem espaços rituais amparados em relações sociais de poder e por onde circula o poder. (...) uma das características dos concursos de beleza é a replicação que, por sua vez, relaciona-se com dois princípios essenciais: uma forma que pode ser facilmente reproduzida, reconhecida e adaptada aos significados locais. Neste sentido, facilidade de replicação e capacidade de adaptação tornam possível a criação de um local público, no qual questões contemporâneas são simbolicamente aprovadas. Concursos de beleza alcançam seus propósitos mobilizando mecanismos de significação e competição e esses mecanismos combinados propiciam a dinâmica que liga a jovem candidata a unidades específicas da sociedade e à sociedade como um todo. (CANÇADO, 2008, p. 35).

A entrevistada Miranda (2022), que durante o seu baile de debutantes do Grêmio, foi coroada Rainha da Primavera, em 1960, relembra o acontecimento com certo desconforto, diante das circunstâncias que a fizeram ser a escolhida. Ela explica que à época, e até mesmo no momento do depoimento, sentiu-se chateada por não terem levado em conta seu mérito enquanto pessoa, para vencer a competição, pois o foco da disputa entre ela e as concorrentes, tomou uma proporção inusitada:

o meu foi de vender votos... Foi a maior sacanagem (risos). Eu não vendi nada, meu avô que comprou, na hora do baile... Sabe o que que eles fizeram? Então essa (debutante concorrente) era noiva de um primo meu. E daí, eles começaram dizer, "ai ela é candidata do Ney Braga", na época era o Ney Braga e o Lupion... E o meu avô era do Lupion, então se veja, começaram a fazer esse jogo, daí um comprava, o outro comprava do outro lado sabe, voto...ce veja? Daí compraram, eu nem sabia, né? Eu tava lá com as outras... Iam lá, discutiam, assim, fazendo onda né? E comprando, e comprando, mas o dinheiro era pra ajudar mesmo o Grêmio, né? Mas agora dos outros anos, é... era eleita, depois, já, vinha nas mesas, votos do povo, sabe... eu não sei se o meu teve mais algum que era voto comprado. Não me lembro... Daí meu avô achou por bem de não deixar se mixar sabe... Você já viu, que sempre o dinheiro manda, né? Aí foi o que queriam, mostrar poder, certo né... mas por causa de política. Porque achava que era bonito... Muita ignorância. Eu tinha até pouco tempo a faixa, esses dias eu peguei, joguei fora, chega!

A tradição da venda de votos era noticiada semanalmente nos jornais, para que os consumidores acompanhassem o ritmo das vendas e, sem que tivessem grandes surpresas, estipulassem a vencedora do concurso. Porém, entre os anos iniciais da década de 1960, a tradição da venda dos votos foi extinta. Mesmo assim, a competição entre jovens mulheres ainda era foco: no lugar da venda de votos, como Miranda explica, fora estabelecida a eleição durante o próprio momento do baile, provavelmente por critérios onde se considerava a jovem mais bela, bem vestida, "feminina", exatamente como no concurso cultural da Rainha da Soja (CANÇADO, 2008). Titânia (2022), que foi eleita Rainha da Primavera, por meio desse sistema de contagem de votos, em 1964, relembra com humor o momento da sua coroação.

E agora vou te falar uma coisa, só que o pessoal que todo ano, é... era eleita as pessoas que iam ao baile votavam n'alguma moça que queria que fosse, queriam que fosse a rainha da Primavera... sabe. Agora, você veja, no ano que eu debutei, em 64, ô pessoalzinho de mau gosto, sabe? Mal gosto mesmo!! Adivinha... eles votaram em mim, cara, eu quase desmaiei quando me chamaram pra... pra por a tal da coroa, antigamente era assim, tinha coroa, agora hoje em dia é cafona essas coisa né? Eu levei um susto tão grande, sabe, que não sabia o que fazer, então por isso que eu to brincando "pessoalzinho de mau gosto, votaram em mim" [risos].

Pela trajetória do evento ao longo do tempo, percebeu-se que junto ao aumento do número de debutantes nos bailes, esteve o fim do concurso que elegia a Rainha da Primavera. Nos anos 1970, quando os bailes tiveram mais debutantes, o Grêmio Flores da Primavera esteve no auge de sua procura. No baile de 1955, por exemplo, a organização apresentou 8

debutantes. Vinte anos depois, em 1975, o número de debutantes mais que quadruplicou, chegando a 33. Dois anos antes desse episódio, em 1973, com o grande aumento de jovens que eram apresentadas, optou-se por extinguir o concurso. A transcrição da ata a seguir evidencia os aparentes motivos:

ATA DA REUNIÃO ORDINÁRIA

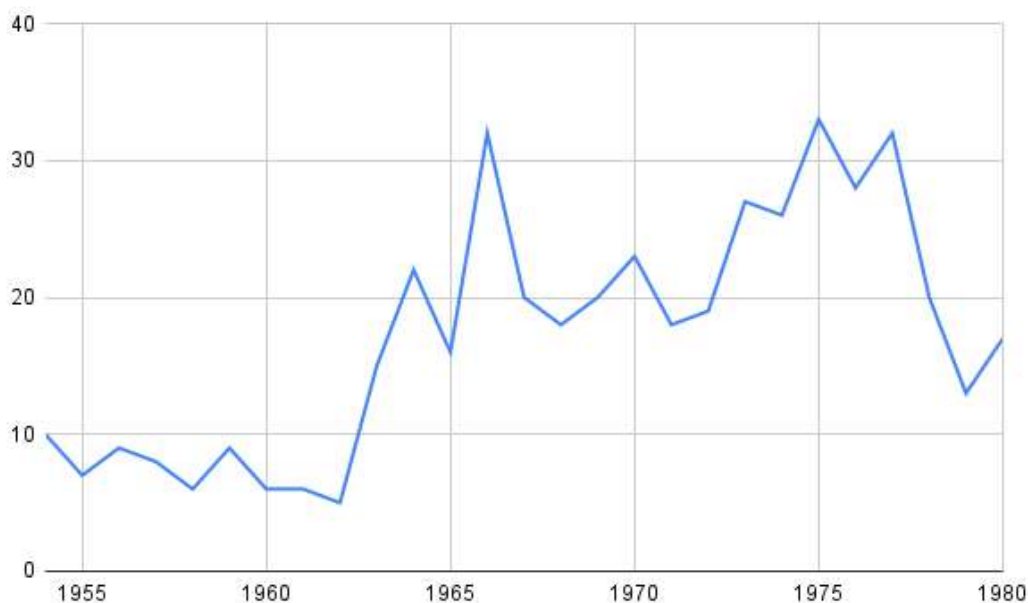
Aos nove dias do mês de agosto de 1973, na residência da Presidente Sra. Therezinha Caggiano Moreira, reuniram-se membros da diretoria para tratar de assuntos referentes ao Baile da Primavera. Ficou decidido pela Presidente, que não teria escolha para Rainha da Primavera, visto que, na noite do "Debi", todas são Rainhas e todas devem guardar a mais inesquecível recordação, e de maneira alguma deve-se empanar o brilho da festa. A Presidente levou também em consideração o desejo das garotas que fosse extinta a eleição de Rainha da Primavera, em baile de Debutante. Ficou decidido também que o Baile das Debutantes realizar-se-á no dia 13 de outubro. Nada mais havendo eu, Elza K. Rocha secretariei a reunião e lavrei a presente ata que vai por mim, e pela Presidente assinada.

A extinção do concurso foi uma decisão unilateral, mas influenciada pelo meio, segundo o que a ata evidencia. Por mais que a diretoria tenha reconhecido que a competição entre as jovens era um motivo em potencial para que houvesse desavenças pessoais, tristeza e decepção na noite do baile, entre as muitas debutantes, devido ao fato de que apenas três seriam as finalistas em um baile com mais de 25 inscritas, o principal motivo aparente foi a recusa das próprias garotas pela proposta.

Ainda, por ser um documento oficial, é provável que a secretária tenha evitado levantar nomes de jovens, nos bailes anteriores, que se entristeceram pela derrota no concurso, ou discussões, conflitos. Nem ao mesmo se sabe se tais "decepções" realmente aconteceram ao ponto de influenciar na extinção. Porém, o que se sabe, é que dentre as próprias jovens não havia mais esse anseio por levantar uma coroa e consagrar-se a rainha. Isto reflete na ausência pela demanda cultural do concurso e demonstra a dinamicidade da cultura, que não se deixou calar pelo simples fato de que "havia uma tradição". A sociedade na qual as jovens viviam, em 1973, ainda era repleta de concursos de beleza, porém como veremos adiante, a recusa pelo concurso em 1973 foi seguida, em alguma medida, pelo fim da tradição dos bailes de debutantes. 10 anos depois, o Grêmio nem ao menos existia mais. Isto pode demonstrar reflexos das mudanças nos hábitos, comportamentos e anseios das jovens iratienses que pertenciam a essa camada social.

Foram levantados, por meio das atas, periódicos e observações em carnet de bailes, os nomes de todas as jovens que debutaram entre 1954 e 1980. Ao todo, foram 466, divididas entre 27 bailes. No gráfico a seguir, percebemos os momentos em que as práticas de "debutar" eram mais procuradas ao longo dos anos que contemplam o recorte temporal.

GRÁFICO 01: A Prática do debutar em Irati ao longo dos anos (1954 - 1980)



Elaborado pelo autor

Como o gráfico evidencia, debutar foi uma forte tendência na elite social iratiense, embora os números indiquem anos em que a soma de debutantes foi maior, e anos em que o número foi mais modesto. Essa prática já existia nos anos 1950, mas era muito menos disseminada se comparada aos anos seguintes. Nos anos 1960, ocorreu um grande aumento na procura do Grêmio pelas famílias, e, nos anos 1970, a prática de debutar consolidou-se diante de tanta aceitação. Porém, em 1979 e 1980, anos em que se aproximava o fim do Grêmio, essa procura diminuiu. A entrevistada Miranda evidenciou “a minha filha não quis debutar (...) não se usava mais”. A filha de Miranda completou 15 anos na década de 1980. Diante das memórias, procura-se refletir sobre essas circunstâncias. Se o “debutar” era tão forte nos anos 1970, por que acabou nos anos 1980? Seria o fim do Grêmio o principal fator?

Na visão de Bianca, que foi presidente do Grêmio nos anos 1970, o fim da instituição e, principalmente, da sua razão de existir, os bailes de debutantes, não foi um fator, mas sim uma consequência, um reflexo da sociedade iratiense que já não era mais a mesma.

Eu acho que o que aconteceu foi uma revolução com as menina! Elas não queriam mais debutar, já achavam que era bobagem, então, terminou assim né, mas que era bonito, era. Pode ver, com quem você, fala, só elogiam né? Depois o clube, tava muito ruim o clube, tava sendo desmanchado, né, o clube tá muito velho. Mas eu acho que acabou porque as meninas não queriam mais sabe? Porque baile todo mundo gosta, né... Mas depois... ia perguntar elas diziam que não queriam debutar, daí foi que acabou... Sei lá, mudou a cabeça dos jovens né? (BIANCA, 2022).

Seguindo o fio condutor do depoimento de Bianca, em relação às mudanças na “cabeça” de jovens que, mesmo nos anos 1980, consideravam o *debut* uma futilidade diante de suas realidades tão complexas e novas, poderíamos estabelecer várias relações com os acontecimentos da realidade brasileira. De modo geral, os jovens dos anos 1980 eram filhos da ditadura militar, modelo presente no país desde a década de 1960. A democracia “respirava sob aparelhos” há alguns anos e uma demanda política se fazia presente. Nos espaços urbanos, jovens viram-se envoltos e presentes nas Diretas Já, estavam nas ruas, ocupavam mais as universidades comparando aos anos anteriores. Este é o tema da tese de doutorado de Bruno Viveiros Martins (2018). De modo algum nos referimos que em Irati tenha ocorrido algo similar, mas é importante considerar o reflexo da cada vez mais frequente atuação juvenil no espaço público nos anos finais da ditadura.

Em relação às jovens, as garotas, os espaços generificados mudam de uma forma mais específica: visto que mesmo as diretoras do Grêmio, no início dos anos 1980, tinham cada vez mais acesso ao espaço público, sob diversas formas, sobretudo a do trabalho, isto traz a dimensão de que o espaço “das mulheres” estava se alterando. Antigos costumes foram deixados de lado, não eram mais prioridade. Os estudos e a profissionalização, por sua vez, tornavam-se cada vez mais a realidade das jovens, além das influências culturais que, em alguma medida, evidenciariam mudanças na forma de se encarar o destino das mulheres da elite social. A já tradicional efervescência de movimentos feministas, no Brasil, também oferecia uma discussão na sociedade, à época, questionando os “papéis sociais” de homens e mulheres. Cynthia Andersen Sarti (2004, p. 35) exemplifica a repercussão desses movimentos, no Brasil pós anos 1970:

ressaltar a particularidade da articulação da experiência feminista brasileira com o momento histórico e político no qual se desenvolveu é uma das formas de pensar o legado desse movimento social, que marcou uma época, diferenciou gerações de mulheres e modificou formas de pensar e viver. Causou impacto tanto no plano das instituições sociais e políticas, como nos costumes e hábitos cotidianos, ao ampliar definitivamente o espaço de atuação pública da mulher, com repercussões em toda a sociedade brasileira.

A opção pela carreira, na vida das meninas que faziam parte de círculos da elite social, ao passo que poderia “conciliar-se” ao casamento ou ainda nem considerar um casamento, poderia também possibilitar “futuros diferentes” aos quais suas mães tiveram. Em relação ao mundo do trabalho, naquele período, a entrevistada Nix (2022), advogada, que foi debutante em 1974, exemplifica que pouco a pouco as mulheres vinham conquistando

cada vez mais espaço. Ela ainda sugere que essas mudanças são ótimas possibilidades de estudo.

Uma outra pesquisa que alguém pode fazer, é o começo da participação feminina na associação comercial. Fui uma das primeiras que trabalhou lá, fui assessora jurídica, daí eu criei o conselho da mulher executiva, fizemos a primeira feira, primeira feira de ponta de estoque, fizemos lá no parque aquático, isso 1980 e alguma coisa... a partir dali, as mulheres começaram a trabalhar mais em conjunto, chamadas pra associação, como comerciantes, como... então ali começou desenvolvimento financeiro da mulher também né?

Ainda, se a partir dos anos 1980 as mudanças comportamentais das jovens em relação aos bailes de debutantes podem ser reflexos da cultura e da sociedade de consumo que também mudava, nos dias atuais é contrastante que as formas de se pensar a questão feminina, os gêneros e o que é construído para estes, mudaram completamente. A discussão na esfera social é muito mais disseminada. Mesmo no depoimento das mulheres que debutaram nos anos 1970, é presente uma comparação com os dias atuais, já que a memória se ancora no passado porém é vívida, construção do presente. Nix (2022) compara sua experiência de debutar, nos anos 1970, com a sociabilidade das jovens de Irati nos dias de hoje.

como eu te disse, naquela época uma menina de 14, 15 anos não é como uma menina de hoje... A gente era muito mais, assim... bobona mesmo, recatada, né? (risos). Foi uma época ainda ingênua, uma época assim doce né, vamos dizer, porque eram meninas bem... bobonas como eu falei... Sem malícia, sem nada né? Então era uma época bem... as famílias todas iam nas festas juntas, isso mudou muito pra hoje né? Mudou demais... Não to criticando nem nada, mas é uma mudança de comportamento, né? Era assim uma época bem daqueles anos dourados. Não é como hoje que tem a Shiva, a Quintaneja, que as meninas hoje vão sozinhas, os meninos... Existe muita bebida, muita coisa também que, as vezes preocupa a gente, mas que é o modo deles se divertirem, a gente não pode tirar essa liberdade também... Naquela época o que que a gente tinha, tinha os grandes bailes, né?

No entanto, por mais que se reconheçam as mudanças que a sociedade iratiense agregou, no sentido mais amplo da palavra sociedade, e a maior liberdade, as memórias sobre o baile de debutantes são, de forma geral, constituídas de carinho, saudosismo e boas lembranças. Todas as entrevistadas que passaram pelo ritual do debutar avaliam a experiência como positiva e reconhecem que se trata de uma prática datada, dentro de seu tempo, espaço e circunstância.

Nesse sentido, há o que Joel Candau (2012) concebe como a memória geracional, nesse caso, uma memória em que o grupo se sente herdeiro geracional de uma narrativa. Aqui, quando identificamos a consciência, na narrativa de cada entrevistada, em pertencer a um jogo identitário e lugares sociais, aliando-se ao que Michael Pollak (1989) e Maurice

Halbwachs (2006) delimitam como enquadramentos, ferramentas para se constituir uma memória. A partir dessa seleção ou ainda enquadramento, é possível encontrar não apenas as nuances entre ações de mulheres em um mesmo grupo, mas quanto ao pensamento destas sobre si e sobre as/os outras/os.

Como a elite social iratiense já não promove eventos de debutantes, em virtude das muitas implicações na razão de ser destes, que, hoje, seriam vistas como “envelhecidas”, diante das mudanças socioculturais, ficam as experiências do passado, revestidas do verniz da memória, como verdadeiros reflexos da representação de vivências das jovens daquelas épocas.

Foi um marco... *Europa* antes de debutar e *Europa* depois que debutou... Já poderia frequentar os bailes, frequentar a sociedade, antes não ia a lugar nenhum, pai e mãe não levavam. Tem vários marcos... *Europa* sem sociedade, *Europa* com sociedade... *Europa* bobinha, *Europa* já nos bailes, paquerando, namorando... né? Então, muito bonito, muito bonito... Não me arrependo nada do que aconteceu na minha vida. Pode chamar de brega, mas na época não era brega, era maravilhoso, sabe? Respeito, respeito no namoro era outro... sabe? (EUROPA, 2022).

Além do mais, as relações familiares estão sempre representadas nos relatos, uma vez que as moças só poderiam participar dos espaços de sociabilidade formal e, noturna, acompanhada dos pais ou de alguém que as fiscalizasse. O Grêmio Flores da Primavera parece ter sido uma extensão das famílias que, no ato do *debut*, passavam da esfera privada para a pública. Constituiu-se uma ferramenta familiar, que tinha como pressuposto o de interligar todas as famílias. Por meio da ostentação de suas orquestras, seus salões, suas vestes e os laços de sociabilidade, os bailes de debutantes permanecem na memória coletiva como uma parte da história de cada mulher que, na ocasião de seus 15 ou 16 anos, teve olhares atraídos para si, bom comportamento estimulado, e, principalmente, seus traços elogiados.

“A beleza e a graciosidade das debutantes, as flôres que enfeitaram os salões, deixavam nos participantes da festa uma dúvida: quais as mais belas: as flores ou as debutantes?”³⁵

³⁵ “Ata do Baile da Primavera”, Diretoria do Grêmio Flores da Primavera, Outubro de 1971.

CONSIDERAÇÕES

A urbanização, em Irati, nos anos 1950, 1960 e 1970, não trazia reflexos para todas as pessoas de maneira uniforme. O dito “progresso” e o otimismo dos “anos dourados”, presente em relatos, catálogos, formas de representar o município, não refletiam a realidade de todos os iratienses. No entanto, com o crescente aumento do fenômeno urbano, surgem formas de sociabilidade formal e a criação de grupos, baseadas em círculos “invisíveis” de cooperação, socialização, e principalmente nas habilidades, meios de produção e organização que algumas pessoas tinham em comum.

Assim, para participar de grupos seletivos e exclusivos, não bastava ser “sociável”. Como vimos, esses grupos foram aqui apresentados como as elites sociais, que dispunham de capital social e capital simbólico, que os permitiam diferenciações, distinções. Os clubes, grêmios e demais formas de associativismo constituem-se formas de visualização dessas distinções.

No respectivo cenário esteve o Clube do Comércio e seu parceiro, o Grêmio Flores da Primavera. Este último, composto por mulheres e destinado para as mulheres da elite social, foi responsável por apropriar-se de símbolos presentes na sociedade como um todo e construir uma tradição de produtos culturais: o Baile da Primavera, prestigiado a nível regional, que anualmente visava comemorar o aniversário da organização e, principalmente, apresentar formalmente as jovens, filhas, sobrinhas, enteadas, primas, ao círculo social já consolidado.

No entanto, o clube de homens possui um grande lugar na memória coletiva de Irati, diferentemente do grêmio de mulheres, que parecia estar esquecido e não ter sobrevivido ao tempo e às avaliações do exercício da memória. Pelos esforços desta pesquisa, foi possível não somente perceber esses grupos, mas trazer para os dias atuais uma série de vestígios que retratam de que forma se faziam presentes no passado.

Nesse sentido, o material coletado, a partir das entrevistas com membros da diretoria do Grêmio Flores da Primavera, foi o que realmente trouxe contrastes entre a constituição de verdades, representações, memória histórica e a história propriamente dita. Ele não só apontou às épocas ‘douradas’, vestidas de nostalgia, como também remontou a sensação de pertencimento ou não pertencimento em relação às identidades culturais de um grupo. Preservar tal acervo e revisitar a memória das mulheres que viveram esse grêmio foi

relevante na busca das histórias locais e entendimento do que seriam os jogos de poder que envolvem os grupos.

Foi possível traçar uma estimativa a respeito de quais mulheres participaram como diretoras dessa teia social e um esboço sobre as suas vidas fora do Grêmio, as suas atividades no lar, no mundo do trabalho e nas outras associações, sobretudo “clubes de serviço”. Seus nomes estão disponibilizados nos anexos, de forma a otimizar pesquisas futuras que tenham por temas a sociabilidade formal, a história das mulheres de Irati, e do Paraná, no contexto dos associativismos.

A memória torna-se história para escapar ao perigo do seu esquecimento com o desaparecimento dos suportes primários, as pessoas. Manter a memória de mulheres iratienses é também um exercício político, considerando-a um campo de disputas. As recordações acentuaram o panorama e as percepções a respeito do grupo, partindo dos indivíduos, temos uma contribuição se pensarmos as suas próprias percepções sobre o coletivo. As representações que evidenciam os fatores mencionados, de maneira alguma têm como objetivo generalizar as agentes históricas que pertenciam ao grupo, mas ao contrário. Elas tornam possível uma compreensão mais vívida sobre a sociabilidade local na medida que apresentam pessoas dotadas de valores, lugares, profissões, interesses distintos e que, pelo entrelace de um ou mais interesses, acabam por estabelecer seus laços e construir, em sua volta, tradições, valores coletivos e, de forma mais acabada, uma forma de representação.

O ato de incentivar jovens garotas a debutar não era desprezioso, tampouco uma iniciativa unicamente inspirada na realidade local. As feminilidades estimuladas, no Brasil e no mundo, naquele contexto, constituem formas de representação. Bondade, meiguice, graça, elegância, simpatia, distinção, virtuosidade, delicadeza, docilidade, gentileza, juventude. Essas são apenas alguns dos muitos atributos que envolvem, no campo dos símbolos, as debutantes de Irati - PR, entre os anos de 1954 e 1978. De várias formas, os atributos eram estimulados, nas jovens, pelo grupo social ou então inseridos nas formas de representá-las: fosse por meio da coluna social dos periódicos, fosse pela missa encomendada especialmente para elas, pelo *carnet* oferecido na ocasião do baile, pelos vestidos na cerimônia e, de uma forma mais completa, pelo próprio ritual, o baile de debutantes, mecanismo maior que contemplava estas formas.

A iniciativa dos bailes de debutantes era empregada por uma elite social do município de Irati - PR, que desfrutava de espaços de sociabilidade formais, inspirada no percurso que os eventos possuem no ocidente e nas suas intencionalidades, especialmente atrair os olhares

da sociedade para valores, comportamentos e autorrepresentação. Isto foi possível graças à aliança entre a configuração de seus *habitus* e o seu capital social.

O agente social responsável pelos bailes (o Grêmio Flores da Primavera) criou uma tradição e utilizou-se das representações para disseminar símbolos de feminilidade e construir a imagem das debutantes, reforçando o comportamento das jovens por meio dessas próprias iniciativas. Junto à percepção de debutante, uma característica desse processo, associamos a utilização do conceito “dama” às “flores da primavera”, que carregam consigo certa exigência de civilidade e docilidade, essência do que era considerado atributo inerente de feminilidade. Desta forma, ocorreu o que Pierre Bourdieu (1998) compreende como uma forma de violência simbólica.

Isto não significa, de forma alguma, que as jovens acataram esses ideais, distanciando-as da ideia de submissão. As formas de apropriação dos elementos que constituíam as representações, transgridem os seus significados originais. De várias formas, em suas próprias mentes, as jovens ressignificavam as feminilidades coagidas a elas, pois tais feminilidades não são atributos naturais. Cada vez mais e por várias formas, as iniciativas que contemplam História das Mulheres e das Relações de Gênero demonstram que as diferenças entre os gêneros não são naturais, bem como nunca foram e nunca serão.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. **Manual de história oral**. Editora FGV, 2018.

ALVES, Ismael Gonçalves. Entre chás e salões: as organizações de mulheres de classe média e a assistência social no sul de Santa Catarina. **Gênero** (Niterói), v. 15, p. 71-90, 2015.

ASSMANN, Alice Beatriz; MAZO, Janice Zarpellon. As sociedades de damas atiradoras: pelos caminhos da prática do tiro ao alvo em Santa Cruz do Sul, Rio Grande do Sul. **Revista da Educação Física/UEM**, v. 24, p. 567-580, 2013.

BASSANEZI, Carla. Mulheres dos Anos Dourados. In: PRIORE, Mary Del (org.); BASSANEZI, Carla. **História das mulheres no Brasil**. 7. ed. – São Paulo: Contexto, 2004. 28 p.

BERNASKI, Joice. **Aldeamento São Jerônimo Da Serra: Uma Estratégia Para A Transformação Do Espaço Social do Kaingang**. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual do Centro-Oeste, Programa de Pós-Graduação em História, 2017.

BIELSCHOWSKY, Ricardo. O desenvolvimentismo: do pós-guerra até meados dos anos 1960. In: Ricardo Bielschowsky [et al.], **O desenvolvimento econômico brasileiro e a Caixa**. Rio de Janeiro: Centro Internacional Celso Furtado de Políticas para o Desenvolvimento/Caixa Econômica Federal, 2011. ISBN 978-85-64634-00-8

BITTENCOURT FILHO, José. **Matriz religiosa brasileira: religiosidade e mudança social**. Editora Vozes, 2003.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. 2. ed., Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002. 160 p.

_____. **A distinção**. São Paulo: Edusp, 2007.

_____. **A Economia das Trocas Linguísticas: O que Falar Quer Dizer** - 2. ed., 1ª reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

_____. **Coisas ditas**. Editora Brasiliense, 1990.

_____, et al. **O poder simbólico**. Trad. Fernando Tomaz. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

BRAGA, Julio Cesar. **O cotidiano dos moradores do bairro Alto da Lagoa (Morro da Formiga): Irati (PR) – 1988-2007**. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual do Centro-Oeste, Programa de Pós-Graduação em História. Linha de Pesquisa: Espaços de práticas e relações de poder, 2020]

BURKE, Peter. **A revolução francesa da historiografia: a Escola dos Annales (1929-1989)**. São Paulo: Ed. UNESP, 1992.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Editora José Olympio, 2018.

CANAL, Jordi. Maurice Agulhon e a categoria sociabilidade. **Ler História** [Online], 68 | 2015, Disponível em: <http://journals.openedition.org/lerhistoria/1780> acesso em novembro / 2021.

CANÇADO, Adriana Terezinha Mello. **Majestades da Cidade Princesa: Concurso Rainha da Soja de Ponta Grossa, Paraná; (1970-1980); Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal do Paraná, 2008.**

CANDAU, Joel. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2012.

CARRANZA, Mayavel Saborío. **La quinceañera, un fenómeno de transculturación e interculturalidad**. Revista del Centro de Enseñanza para Extranjeros, v. 12, n. 4, p. 25-40, 2010.

CAMARGO, Ana Maria de Almeida. **A imprensa periódica como fonte para a história do Brasil**. 1969. Disponível em: <http://anais.anpuh.org/wpcontent/uploads/mp/pdf/ANPUH.S05.44.pdf> Acesso em 10/2021

CAPDEVILLE, Valérie. ‘Clubbability’: A Revolution in London Sociability?. **Lumen: Selected Proceedings from the Canadian Society for Eighteenth-Century Studies/Lumen: travaux choisis de la Société canadienne d'étude du dix-huitième siècle**, v. 35, p. 63-80, 2016.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. Parte: 1, Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.

_____. **A Escrita da história**; tradução de Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural** – entre práticas e representações, Lisboa: DIFEL, 1990.

_____. O mundo como representação. In: _____. **A beira da Falésia: a história entre certezas e inquietudes**. Porto Alegre: Ed. Universidade (UFRG), 2002.

CLASTRES, P. **Arqueologia da violência**. Ensaios de antropologia política. São Paulo: Brasiliense, 1982.

CORRÊA, Maurício de Vargas et al. O impacto do trabalho "The forms of capital" de Pierre Bourdieu na literatura científica internacional. **Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação** (18.: 2017 out. 23-27: Marília, SP). Anais [recurso eletrônico]. Marília, SP: ANCIB 2017., 2017.

CRUZ, Matheus. **Clubes sociais negros: memória e esquecimento no Clube Recreativo e Cultural Braço é Braço** (Rio Grande, 1969-1992); Dissertação (mestrado) – Programa de Pós Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural, Instituto de Ciências Humanas, UFPEL. Pelotas, 2014.

DA CONCEIÇÃO PEREIRA, Juliana. " SEMPRE ELAS!". **Revista Canoa do Tempo**, v. 11, n. 2, p. 99-121, 2019.

DA CUNHA, Maria de Fátima. Homens e Mulheres nos anos 1960/70: Um modelo definido?. **História: questões & debates**, v. 34, n. 1, 2001

DAVIS, Natalie Zemon; FARGE, Arlette. Introdução. In: _____. **História das Mulheres no Ocidente**. Porto: Afrontamento; São Paulo: EBRADIL, 1990.

DELEUZE, G. Post scriptum sobre as sociedades de controle. In: _____. **Conversações**. São Paulo: Editora 34, 1992. p. 219-226.

DEMETRIO, Amanda L. **Admissão de Mulheres em um Clube de Homens: o Rotary Club**. Defesa de dissertação de Mestrado. Unicentro, PPGH Irati, 2020.

ESCALAS, Jennifer Edson. The Consumption of Insignificant Rituals: A Look At Debutante Balls. In: **Advances in Consumer Research**. Ed. 01, V.20, p. 709-716, 1993.

ESTÉBAN, Stephanie Duarte. **O Consumo ritualístico do baile de debutantes**. 2014. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual de Maringá.

FERNANDES, Sandro L. Clube Social Rio Branco: Retratos dos Negros em Guarapuava. In: **Anais da X Semana de História**, Unicentro. Irati - PR, 2015.

FILHO, Evaristo de Moraes; FERNANDES, Florestan. **Simmel: sociologia**. São Paulo, Ática, 1983.

FILLUS, Luiza; SPECHT, André Luis; BITTENCOURT, Bruno Pedro. **Trajatória das trovas em Irati**: suas memórias e suas ações. Ponta Grossa: Texto e Contexto, 2021.

FOUCAULT, Michel. **L'Ordre du discours**, Leçon inaugurale au Collège de France prononcée le 2 décembre 1970, Éditions Gallimard, Paris, 1971 Tradução de Edmundo Cordeiro.

GADAMER, H. **Verdade e método I**. Tradução Flávio Paulo Meurer Petrópolis: Editora Vozes, 1997, p. 416-464.

GASSIN, Grace. All Eyes on You: Debutantes' Explorations of Chinese Australian Womanhood at the Dragon Festival Ball. **Australian Historical Studies**, p. 1-16, 2021.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GOMES, Clarissa Ramos. Postais para ver: representação da mulher e do feminino no início do século XX na coleção Estella Bustamante. **Anais: Encontro Internacional e XVIII Encontro de História da Anpuh / Rio: História e Parcerias**. Rio de Janeiro, 2018.

GOMES, Rosa Maria Alves. **O texto poético como fonte histórica**: Um estudo com alunos do 11º ano de escolaridade. Tese de Doutorado. Universidade do Minho, Instituto de Educação e Psicologia, 2009.

GROCHOSKI, Cibeli. **As relações de gênero além das páginas de Querida**: A revista e suas leitoras iratienses entre o tradicional e o moderno durante a década de 1960. 2020. 165 f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em História - Mestrado) - Universidade Estadual do Centro-Oeste, Irati-PR.

GUARIZA, Nadia Maria. **Incorporação e (re)criação nas margens**: trajetórias femininas no catolicismo nas décadas de 1960 e 1970. 2009. 270 f. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em História, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba PR.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Ed. Centauro, 2006.

HARRISON, Lyn. It's a nice day for a white wedding': The Debutante ball and constructions of femininity. **Feminism & Psychology**, v. 7, n. 4, p. 495-516, 1997.

HEINZ, Flávio. M. O historiador e as elites. In: ____ (Org.). **Por outra história das elites**. 1 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

HOBBSAWM, Eric. Introdução: A invenção das tradições. In: _____. **A invenção das tradições**. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

KNACK, Eduardo Roberto Jordão. Cidades em álbuns comemorativos: história, memória e visualidade. **Revista Latino-Americana de História**, Vol. 2, nº. 7 – Setembro de 2013 – Edição Especial © PPGH-UNISINOS

KRUK, Fábio. Irati-PR, Terra da Batata: apogeu e declínio. O que dizem as fontes? In: **Anais do XVII Seminário de Pesquisa e XII Semana de Iniciação Científica**, realizado de 5 a 7 de outubro de 2005. ISSN 1807-3441

KOFES, Suely; PISCITELLI, Adriana. Memórias de " histórias femininas, memórias e experiências". **cadernos pagu**, n. 8/9, p. 343-354, 1997.

LIBLIK, Carmem Silvia da Fonseca Kummer. **Uma história toda sua: trajetórias de historiadoras brasileiras (1934-1990)**. Curitiba, 2017. Tese (Doutorado em História) – Setor de Ciências Humanas da Universidade Federal do Paraná.

LOPES ALVES, F.: A dinâmica da sociabilidade em Georg Simmel. In: **Contribuciones a las Ciencias Sociales**, julho de 2013. Disponível em www.eumed.net/rev/cccss/25/georg-simmel.html

LOPES, Taiane Naressi. Protagonismo feminino entre regras e padrões: uma história das mulheres negras do Clube Social 24 de Agosto. **Jaguarão**: Universidade Federal do Pampa, 2015.

LUCA, Tânia Regina. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2005.

MARINHO, Simone Ramos. A cultura política do associativismo: o Club Rio Contense. **Escritas: Revista do Curso de História de Araguaína**, v. 6, n. 1, 2014.

MARTINS, Ana Paula Vosne. Bondade, substantivo feminino: esboço para uma história da benevolência e da feminilização da bondade. **História: Questões & Debates**, v. 59, n. 2, 2013

_____. Itinerários do associativismo feminino no Brasil: uma história do silêncio. **Latin American Studies Program**, University of Delaware, Newark, DE. 2016, v. 17, n. 2. Acesso em 19 de maio de 2021. Disponível em <<https://udspace.udel.edu/handle/19716/19839>> .

_____. **Um lar em terra estranha** : a aventura da individualização feminina : a Casa da Estudante Universitaria de Curitiba nas décadas de 50 e 60. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Paraná. Setor de Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em História. 143 p. Curitiba: 1992.

MARTINS, Bruno Viveiros. **Pro dia nascer feliz**: A Nova República e o rock brasileiro na década de 1980. 2019. Tese de Doutorado. Tese de doutorado (História). Fafich-UFMG.

MARTINY, Carina. Das presenças e ausências: as Atas da Câmara Municipal de São Sebastião do Caí (1875 a 1892) como fonte de pesquisa. **ANPUH-RS. IX Encontro Estadual de História-RS**, 2008.

MATTOS, Júlia Silveira; SENNA, Adriana Kivanski de. História oral como fonte: problemas e métodos. 2011. **Historiæ**, Rio Grande, v. 2, n. 1. p. 95-108.

MELLO, João Manuel Cardoso de; NOVAIS, Fernando. Capitalismo Tardio e sociabilidade moderna. In: SCHWARCZ, Lilia M. (org.). **História da vida privada no Brasil**. São Paulo: Cia das Letras, 1998.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de história oral**. Edições Loyola, 2005.

MORAES, Ana Luiza Coiro; DA SILVA FERREIRA, Jucineide T. Visibilidade negra na coluna social do jornal APalavra: estruturas de sentimento dominantes, residuais e emergentes. **Eptic online**: revista electronica internacional de economia política da informação, da comunicação e da cultura, v. 15, n. 3, p. 101-116, 2013.

MORAES, Maria Lygia Quartim de. Cidadania no Feminino. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PINSKY, Jaime. **História da cidadania**. Editora Contexto, 2007.

MOTTA, Marly Silva da. O relato biográfico como fonte para a história. **Vidya**, Santa Maria (RS), nº 34, p.101-122, jul./dez. 2000

MÜLLER, Dalila. **Feliz a população que tantas diversões e comodidade goza: espaços de sociabilidade em Pelotas (1840–1870)**. Tese (doutorado). Universidade do Vale do Rio do Sinos, Escola de Humanidades, 2010.

NEVES, Fernando A. Freitas; NETO, José M. Bezerra. “Lá no fundo da segurança pública”: Usos e importância da documentação da Secretaria de Polícia da Província para a História. In: **Revista Histórica** – Revista Eletrônica do Arquivo Público do Estado de São Paulo, nº 48, 2011.

NORA, Pierre et al. **Entre memória e história: a problemática dos lugares**. Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História, v. 10, 1993.

OLIVEIRA, Cassia de; PASSE, Danielle Della; MUNHOZ, Lysiane; GÖELZER, Mariana; SOMARIVA, Mariana. **Debu**: quando uma garota faz 15. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/jordi/162-debu/historia/> acesso em novembro / 2021

OLIVEIRA, Nayara de Arêdes. Imagem e representação: a mulher na capa da coluna social. **Anais**. XXI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste – São Luís -MA, 2019.

ORTNER, Sherry B. Está a mulher para o homem assim como a natureza para a cultura? In: ROSALDO, Michelle; LAMPHERE, Louise. (Orgs.). **A mulher, a cultura e a sociedade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

ORTNER, Sherry. B. Subjetividade e crítica cultural. In: **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 13, n. 28, p. 375 405, jul./dez.

PELLISSARI, Marina K. Noites de sociabilidade: identidade e diferenciação social nos bailes da elite de Rio Grande–RS (década de 1950). **Simpósio Nacional de História**, v. 26, p. 1956-1960, 2011.

PEREIRA, Juliana da Conceição; ANPUH. A presença feminina nas associações recreativas cariocas (1900-1910). **Anais do XXIX Simpósio Nacional de História** Brasília: Anpuh, 2017.

PEREIRA, Melissa Sabrina Tavares. Uma análise das características de feminilidade presentes em coleções de Christian Dior. Trabalho de Conclusão de Curso– **Universidade Federal de Pernambuco**, CAA, Design, 2018.

PEREIRA, Tariane Franciele Bastos. **Falar sorrindo e as implicações relacionadas ao gênero**. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências, Bauru, 2019

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2007

_____. **Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros**. Editora Paz e Terra, 2017.

_____. Práticas da memória feminina. **Revista brasileira de história**, v. 9, n. 18, p. 9-18, 1989.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Revista estudos históricos**, v. 2, n. 3, 1989, p. 3-15,.

_____. Memória e Identidade Social. **Revista estudos históricos**, v. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.

PORTELLI, Alessandro. Tentando aprender um pouquinho. **Algumas reflexões sobre a Ética e História Oral**. Projeto História. São Paulo: PUC, n.15, p.13-33, 1997.

RIBEIRO, Paulo Silvino. "Transformações socioeconômicas no Brasil da década de 50"; **Brasil Escola**, c2016. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/sociologia/transformacoes-socioeconomicas-no-brasil-decada-50.htm> . Acesso em 20 de maio de 2021.

ROOK, Dennis W. Dimensão cultural do comportamento de consumo. **RAE**, jan./mar. 2007.

RUBIN, Gayle. **"O tráfico de mulheres."** Notas sobre a "Economia Política" do sexo. Tradução de Christine Rufino Dabat. Recife: SOS Corpo (1993).

SANTIAGO, Fernanda L. **Mulheres Negras: Trajetórias de (Re) Existências em Rede (Curitiba, 1922-1963)**. Dissertação de Mestrado, UESC, PPGH, Florianópolis, 2019.

SARTI, Cynthia Andersen. O feminismo brasileiro desde os anos 1970: revisitando uma anos 1970: revisitando uma trajetória. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 12(2): 264, maio-agosto/2004.

SAMYN, Henrique Marques. Subjetivação Generificada e singularização existencial no Livro De Mágoas (1919) De Florbela Espanca. **Anais: Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women's Worlds Congress**. Florianópolis, 2017.

SCALON, Celi; SALATA, André. Uma nova classe média no Brasil da última década?: o debate a partir da perspectiva sociológica. **Sociedade e estado**, v. 27, p. 387-407, 2012.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil para análise histórica. In: **Educação e realidade** (revista), v. 20, n. 2. Porto Alegre, 1995. P. 72-99.

SEIXAS, Larissa Selhorst. Associações femininas e a inserção das mulheres na esfera pública: o Centro Paranaense e Feminino de Cultura (Curitiba, 1933-1958). **SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA**, v. 25, 2009.

SETTON, Maria da Graça Jacintho. A teoria do habitus em Pierre Bourdieu: uma leitura contemporânea. **Revista brasileira de Educação**, p. 60-70, 2002.

_____. **Rotary Club: habitus, estilo de vida e sociabilidade**. 1. ed., São Paulo: Annablume, 2004.

SILVA, Adriana Oliveira da. **Damas da Sociedade: caridade, política e lazer entre mulheres de elite de Itabuna (1924-1962)**. 2012. 173 f. Dissertação (Mestrado Acadêmico em História) - Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2012.

SILVA, Cristiane Gonçalves da et al. Religiosidade, juventude e sexualidade: entre a autonomia e a rigidez. **Psicologia em estudo**, v. 13, p. 683-692, 2008.

SILVA, Marcos.Ruiz. Lazer nos clubes sociorrecreativos. **Editora Factach**, São Paulo, 2009.

SOIHET, Rachel; PEDRO, Joana Maria. A emergência da pesquisa da história das mulheres e das relações de gênero. **Revista Brasileira de História** [online]. 2007, v. 27, n. 54 [Acessado 21 maio 2021], pp. 281-300. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0102-01882007000200015>>.

SOIHET, Rachel. A pedagogia da conquista do espaço público pelas mulheres e a militância feminista de Bertha Lutz. **Revista Brasileira de Educação** (2000): 97-117.

TEDESCHI, Losandro Antônio. **Alguns apontamentos sobre história oral, gênero e história das mulheres**. Universidade Federal da Grande Dourados, 2014.

TELEGINSKI, Neli Maria. **Bodegas e bodegueiros de Irati-PR na primeira metade do século XX**. Dissertação (mestrado em História) Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2012.

THOMPSON, Edward. P. **Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

TORTELLI, Eliane; ORLANDO, Evelyn Almeida. A LIGA DAS SENHORAS CATÓLICAS DE CURITIBA. **Notandum**, n. 53, p. 129-151, 2020.

TRINDADE, Etelvina Maria de Castro. Espaço urbano e cidadania feminina no Paraná na virada do século. **História: Questões & Debates**, Curitiba, n. 30, p. 57-81, 1999. Editora da UFPR

VEYNE, P. História conceitual. In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre. **História: novos problemas**. RJ: Francisco Alves, 1976.

FONTES

Fontes Orais:

ARIEL. Entrevista concedida a Lucas Antoszczyszyn, Irati, 09/05/2022
BELINDA. Entrevista concedida a Lucas Antoszczyszyn, Irati, 08/05/2022
BIANCA. Entrevista concedida a Lucas Antoszczyszyn, Irati, 10/05/2022
CALISTO. Entrevista concedida a Lucas Antoszczyszyn, Irati, 20/04/2022
CARONTE. Entrevista concedida a Lucas Antoszczyszyn, Irati, 20/05/2022
EUROPA. Entrevista concedida a Lucas Antoszczyszyn, Irati, 03/05/2022
JULIETA. Entrevista concedida a Lucas Antoszczyszyn, Irati, 19/06/2018
MIRANDA. Entrevista concedida a Lucas Antoszczyszyn, Irati, 12/05/2022
NIX. Entrevista concedida a Lucas Antoszczyszyn, Irati, 27/04/2022
TITÂNIA. Entrevista concedida a Lucas Antoszczyszyn, Irati, 18/04/2022

Fontes Documentais:

Álbum de debutante de Edilian Maria Menon e debutantes de 1975. Acervo: Edilian Menon (in memorian), Mana.

“Ata do Baile da Primavera”, Diretoria do Grêmio Flores da Primavera, Outubro de 1957. Livro de Atas do GFP, p. 53. In: CEDOC/I, Unicentro.

“Ata do Baile da Primavera”, Diretoria do Grêmio Flores da Primavera, Outubro de 1958. Livro de Atas do GFP, p. 57-58. In: CEDOC/I, Unicentro.

“Ata do Baile da Primavera”, Diretoria do Grêmio Flores da Primavera, Setembro de 1962. Livro de Atas do GFP, p. 62. In: CEDOC/I, Unicentro.

“Ata do Baile da Primavera”, Diretoria do Grêmio Flores da Primavera, Outubro de 1971. Livro de Atas do GFP, p. 70. In: CEDOC/I, Unicentro.

Ata de Reunião da Diretoria do Grêmio Flores da Primavera, 20/09/1952. Livro de Atas do GFP, p. 38-39. In: CEDOC/I, Unicentro.

Ata de Reunião Ordinária da Diretoria do Grêmio Flores da Primavera, 09/08/1973. Livro de Atas do GFP, p. 72. In: CEDOC/I, Unicentro.

Ata de Reunião da Diretoria do Grêmio Flores da Primavera, 25/09/1982. Livro de Atas do GFP, p. 83. In: CEDOC/I, Unicentro.

Ata do Clube do Comércio. Reunião ordinária realizada pela diretoria em 05/06/1925. Livro de Atas do Clube do Comércio, v.1, p. 8-9.

Carnet de baile das Debutantes de 1962. Grêmio Flores da Primavera, 27/09/1962. Acervo do Fundo Romeu e Linda Crissi, CEDOC/I, Unicentro.

Carnet de baile das Debutantes de 1972. Grêmio Flores da Primavera, 1972. Acervo do Fundo Romeu e Linda Crissi, CEDOC/I, Unicentro.

Estatuto do Clube do Comércio. Irati, 1963. Acervo pessoal.

JORNAL O DEBATE. Irati, 31 de janeiro de 1961, n. 1, p. 1. In: CEDOC/I, Unicentro.

JORNAL CORREIO DO SUL. Irati, 21 de setembro de 1958. Ano XXIII, n. 1024, p. 7. In: CEDOC/I, Unicentro.

JORNAL CORREIO DO SUL. Irati, 03 de julho de 1960. Ano XXV, n. 1114, 7p. . In: CEDOC/I, Unicentro.

JORNAL CORREIO DO SUL. Irati, 24 de setembro de 1961. Ano XXVII, n. 1165, 8 p. In: CEDOC/ Unicentro Irati

JORNAL CORREIO DO SUL. Irati, 15 de outubro de 1961. Ano XXVII, n. 1168, p. 8. Lisa (colunista). In: CEDOC/ Unicentro Irati

Livreto “Missa das Debutantes”. 1977. Grêmio Flores da Primavera. Acervo Romeu e Linda Crissi, CEDOC/I, Unicentro.

Ofícios do Grêmio Flores da Primavera. Acervo Romeu e Linda Crissi, CEDOC/I, Unicentro.

ORREDA, José Maria. Irati. Irati-PR: EDIPAR, 1972

ORREDA, José Maria - História de Irati - volume III - EDIPAR - Editora Sul-Oeste do Paraná - 1981

Propostas de associação ao Grêmio Flores da Primavera. Acervo Romeu e Linda Crissi, CEDOC/I, Unicentro.

REVISTA DO CINQUENTENÁRIO DO MUNICÍPIO DE IRATI – 1907-1957. Comissão central dos festejos do cinquentenário (org.) Irati, 1957. Tipografia Irmãos Martins. In: Biblioteca Municipal de Irati - PR

Vista de “Foto Mariano” (Fotografia). Década de 1950. Acervo particular de Thereza de Souza Doniak. Colorido artificialmente pelo autor.

ZENI, Olga G. Clarões da Noite / Perfis. Curitiba: Gráfica Vicentina LTDA, 1982.

ANEXOS

1. Relação contendo os nomes das mulheres que fizeram parte da diretoria do Grêmio Flores da Primavera, em Irati - PR, entre 1921 - 1982.
2. Modelo de Termo de consentimento livre e esclarecido para pesquisa científica, utilizado para entrevistas.
3. Album digital da debutante Edilian Menon

DIRETORIAS DO GRÊMIO FLORES DA PRIMAVERA, IRATI – PR (1921, 1928 – 1980)

Período	Presidente	Vice – Presidente	1ª Secretária	2ª Secretária	1ª Tesoureira	2ª Tesoureira	Oradora	Outras atribuições
Fundação – 1921	Ismenia Schleder	Apolonia Hymovics	Julieta Calderari	Izabel Berlintes	Natalia Teixeira	Elvira Andrade	Palmira Ferreira	x
10/1928 – 09/1929	Eunice Gomes	Ernestina Thomaz	Carlita Messias	Nahir Araujo	Enedina Miranda	Darcy Veiga	Corinha Quadros	1ª Procuradora Noemia Berlintes 2ª Procuradora Hilda Araujo Suplentes Abla Garzuze Isaura Camargo Leonilda Ferreira
10/1929 – 09/1930	Eunice Gomes	Enedina Miranda	Carlita Messias	Edmyr Araujo	Dinah Vianna	Nelcy Veiga	Corinha Quadros	1ª Procuradora Isaura Camargo 2ª Procuradora Celmira Xisto Suplentes Carlita Messias Nair Araujo Ernestina Thomaz Isaura Camargo
10/1930 – 10/1931	D. Luiza Varella	Corinha Quadros	Colorinda Martins	Enedina Miranda	Abla Garzuze	Hilda Araujo	Esther Borges	Suplentes Carlita Messias Nair Araujo Ernestina Thomaz Isaura Camargo
11/1931 – 10/1932	Abla Garzuze (até 05/32) Mercedes Braga (05/32 a 10/32)	Nair Araujo	Branca Borges	Alice Passos	Colorinda Martins	Lygia Nigro (até 02/32) Chacerna Brustolin (02/32 a 10/32)	Esther Borges	x
11/1932 – 09/1933	D. Rosinha Hepe da Silva	Branca Borges	Isaura Camargo	Olga Slaviero	Luiza Marchiori	Hilda Araujo	Alcides P. Junior	1ª Procuradora Linda Garzuze 2ª Procuradora Hilda Araujo 2ª Oradora Carmen Braga
10/1933 - 10/1934	Branca Borges	Olga Slaviero	Nicota Cachenski	Julieta Crissi	Celmira Xisto	Nair Araujo	Olda Kaminski	2ª Oradora Maria Suarez
11/1934 - 10/1935	Nelcy Veiga	Malvina Barletta	Alcina Brustolin	Olga Slaviero	Luiza Marchiori	Santa Leite	Edy Gomes	x
11/1935 – 10/1936	Alice Lisboa	Enedina Miranda	Helena Biacchi	Isaura Camargo	Linda Garzuze	Euthalia Messias	José S. Rosas	x
10/1936 – 10/1937	Olindina Penido Monteiro	Carmem Braga	Nadyr Nepomuceno Andrade	Cirene Saboia	Helena Wassilevski	Grasiula Vecchioni	Heredia Lady Medeiros	2ª Oradora Adelina Goether
11/1937 – 10/1938	Cacilda Saber Pereira	Olga Slaviero	Luiza Marchiori	Nair Araujo	Linda Garzuze	Christina Abil Russ	Alberto de Carvalho Seixas	x
10/1938 – 10/1939	Ena Soares da Silva	Malvina Barletta	Alcina Brustolin	Doracy Castagnoli	Antonieta Zarpellon	Candida Lisboa	Kicanor Vasconcelos	Procuradora Dalcina Nogueira
11/1939 – 10/1940	Carmem Braga	Alcina Brustolin	Maria O. Araujo	Leonor Viana	Vitória Charbeu	Santa Leite	Kicanor Vasconcelos	x
10/1940 – 10/1941	Carmem Braga	Rosa Garzuze	Isabel Saboia	Laura Boese	Maria O. Araujo	Zilab Vasconcellos	Dr. Jorge Garzuze	2ª Oradora Jani Nunes
10/1941 – 10/1942	Carmem Braga	Luiza Marchiori	Elvira Marchiori	Jacy Varassin	Manira Abbud	Ban Fenianos	Aurora Leandro	2ª Oradora Maria Lucinda Varella
10/1942 – 10/1943	Francelisa Xavier da Silveira	Vitoria Chaibeu	Maria Varella	Doracy Castagnoli	Rosa Garzuze	Luiza Marchiori	Aurora Leandro	x
10/1943 – 10/1944	Luiza Marchiori	Rosa Garzuze	Maria Varella	x	x	x	x	x
10/1944 – 10/1945	Cecilia Fenianos	Nininha Gomes	Lilab Vasconcelos	Yvone Zeni	Rosa Garzuze	x	x	x
10/1947 – 10/1948	Juvita Slaviero	Luiza Marchiori	Doris Quadros da Silva	Margarida J Nogueira	Ruth Dallegrave	Joana Pedro	Anita Garzuze	x
10/1948 – 10/1949	Clio Petterle	Ruth Dallegrave	Dinah Calderari Araújo	Eunice Xisto	Margarida Jardim Nogueira	Clery Hansen	Luiza Marchiori	x
10/1949 – 10/1950	Luiza Marchiori	Linda Crissi	Clarice Novaes	Doracy Castagnoli	Maria Morais	Ariete Azevedo	Maria A. Pessoa	Suplentes Maria José Hilgemberg; Elvira Marchiori; Azili Xavier; Angelina Duszczak
10/1950 – 10/1951	Luiza Marchiori	Linda Crissi	Azili Xavier da Silveira	Leony Cordeiro	Eimar Ferreira	Odette Pedro	Clio Petterle	Conselho Fiscal Nair Murara Doracy Castagnoli Elvira Marchiori Maria A. Pessoa
10/1951 – 10/1952	Luiza Marchiori	Leoni Slaviero	Linda Crissi	Leatrice X. Silveira	Isolde Hartmann	Alice Kolçon	Odette Pedro	Conselho Fiscal Nelly G. Slaviero Joana Pereira
10/1952 – 10/1953	Luiza Marchiori	Ban Wescher	Maria Pessoa	Azili Xavier da Silveira	Aurora Zarpellon	Edvirges Wink	Ruth Hartman	Conselho Fiscal Linda Crissi Leatrice Xavier Kimi Michinski Odette Pedro Leoni Slaviero

10/1953 – 10/1954	Ban Wescher	Doris D. Correa Rosa	Joanita Gruber	Nelly Slaviero	Jasmin Mansur	Mirian Castagnoli	Gladys Benetti	Conselho Fiscal Luiza Marchiori Elvira Marchiori Arlete Azevedo Aurora Zarpellon Edwirges Wink Leatrice X. da Silveira Maria Luiza Gomes
10/1954 – 10/1955	Ban Wescher	Ednir Martins	Elvira Marchiori	Luiza Marchiori	Jasmin Mansur	Mirian Castagnoli	Marinice Biacchi	x
10/1955 – 10/1956	Luiza Marchiori	Ban Wescher	Maria José Hilgenberg	Mariza Anciutti	Cleys Gueiros David	Silvia Fontana	Ledi Leandro Clair	Conselho Fiscal Azili Xavier da Silveira Elvira Marchiori Luiza Dallegrave Altenirce Maschio Edwirges Wink Julieta Leandro Maria de Jesus Martins
10/1956 – 10/1957	Linda Crissi	Elvira Marchiori	Circe Rosa	Luiza Marchiori	Jasmin Mansur	Regina Xavier	Ledi L. Clair "Ledy Clair"	Azili Xavier da Silveira Luiza Dallegrave Altenirce Maschio Julieta Leandro Maria de Jesus Martins
10/1957 – 10/1959	Linda Crissi	Elvira Marchiori	Luiza Marchiori	x	Regina Xavier da Silveira	Jasmin Mansur	Altenirce Maschio	x
05/10/1959 – 11/10/1959	Olga G. Zeni	Altenirce Maschio	Luiza Marchiori	Nair Murara	Maria Teixeira	Deana Gontarski	Regina M. Xavier da Silveira	Conselho Fiscal Linda Crissi Elvira Marchiori Ban Wescher Léa X. da Silveira
11/10/1959 – 10/1962	Nair A. Murara	Altenirce Maschio	Luiza Marchiori	Jani Stoklos	Maria Teixeira	Deana Gontarski	Rachel Natividade	Conselho Fiscal Linda Crissi Elvira Marchiori Ban Wescher Léa X. da Silveira
10/1962 – 1964	Rachel Natividade	Luiza Marchiori	Velda Biacchi	Circe Rosa	Sarita Rosa	Maria da Graça Oliveira	Ednir Martins	Conselho Fiscal Nair Araujo Elvira Marchiori Linda Crissi Ban Wescher Alice Koppe
1964 – 1966	Jany M. Stoklos	x	Maria Luiza Hessel	x	x	x	x	x
1967 – 1969	Acely Pavia	Maria Luiza Gomes	Luiza Marchiori	Jurema Mosele	Adair Koch	Maria Michalak	Ida Pavia	2ª Oradora Pricila Marina Koch Fiscais de salão Leni Fomazari Jany M. Stoklos
1969 – 1971	Maria Luiza M. Gomes (Zita)	Adair Koch	Denize Carneiro	Eunice Bohn	Fasid Goki	Célia Caggiano	Pricila Koch	2ª Oradora Adair Koch Diretoria Social Terezinha Moreira Alice Kopp Diretoria de Programas Ester Bibas
1972 – 1973	Therezinha Caggiano Moreira	Linda Crissi	Elza Knoll Rocha	Marinice Silva	Iara D'Albuquerque Maron	Nair Araujo Murara	Ester F. Bibas	Conselho Fiscal Walquiria Wasilewski Tereza Malucelli Cloris Blagkic Dejair Gomes Adair Koch Edith Schimalesky Dulce M. Zanetti Diretoras Sociais Margarida N. Thomaz Célia Caggiano
1974 – 1975	Edith Schimaleski	Linda Crissi	Jany Stoklos	Nair Murara	Maria Ivone Ruva	Ana Chudek Branco	Maria Aparecida C. Batista	Conselho Fiscal Elizabeth Rebesco Nelma Bibas Therezinha Malucelli Adjair Gomes
1976 – 1977	Tania Regina Antunes Oliveira Gruber	Maria Inez Fadel Dallegrave	Solange Cheriegate	Maria da Glória De Oliveira Osinski	Dulce Maria Zanetti	Joanita Pereira Gruber	Arilda Alves	
1977 – 1978	Jany M. Stoklos	Dulce Maura Pereira Zanetti	Joanita Pereira Gruber	Ivete Dallegrave	Edith Schimaleski	Linda Crissi	Dione Fortes	2ª Oradora Rosely Leite

1978 – 1979	Adjair Tomaz Gomes	Edith Schimakeski	Enerecy L. Ramalho	Maria Luiza Gomes	Ing Ogrysko	Dinair Gotlieb	Roseli de Oliveira Leite	Conselho Fiscal Jany Stoklos Dulce Maria Zanetti Joanita Pereira Gruber Elza K. Rocha Amélia Gura Linda Garzuze Crissi Nair A. Murara Arlida Alves
1979 (Diretoria da APAE)	Leny Fornazari	Luiza Rosa Zarpellon Pinto	Beatriz Anchesky (em Ocasão extraordinária)	x	x	x	x	Conselho Linda Crissi Jany Stoklos Clari Gomes Pedro Stefania Hilgemberg Nair Murara Maria Helena Gomes Lélia Poiath Beatriz Anchesky
1980	Maria Antônia Geraldo Szpak	Regina Lucia Rocha Pintal	Jael Ivette Weber Ribeiro	Rejane Filipzak Hessel	Eliza Elmôr	Dinair Gotlieb	Roseli de Oliveira Leite	Conselho Deliberativo Sílvia Regina Prado Malucelli
1982	Maria Antônia Geraldo Szpak	x	x	x	x	x	x	Colaboradoras Eliza Beatriz Gomes Zarpellon Marta Hessel Luzia Benato Naiade Camargo



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CENTRO-OESTE

Reconhecida pelo Decreto Estadual nº 3.444, de 8 de agosto de 1997

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA PESQUISA CIENTÍFICA

V.S.^a _____

V.S.^a está sendo convidada a participar, como voluntário(a), da pesquisa de mestrado **‘DOS BAILES ÀS MEMÓRIAS: HISTÓRIA DAS MULHERES E O GRÊMIO FLORES DA PRIMAVERA EM IRATI PR (1954-1978)’**, conduzida pelo acadêmico Lucas Antoszczyszyn, mestrando no Programa de Pós Graduação em História da Unicentro (PPGH), e da Prof.^a Dr.^a Alexandra Lourenço, orientadora, no período de agosto de 2020 a maio de 2022.

JUSTIFICATIVA:

Esta dissertação analisa o percurso do Grêmio Flores da Primavera, das suas atividades e de mulheres que fizeram parte dessa história, em Irati - Paraná, a partir das perspectivas de Relações de Gênero e História das Mulheres. O recorte temporal é estabelecido durante os anos de 1954 - 1978, por apresentar-se enquanto um recorte viável para compreender a sociedade, as mulheres e as relações de gênero em suas dimensões regionais. Nesta etapa, os objetos centrais são as memórias. Para a pesquisa histórica, a utilização da memória como fonte, que foi abordada por Jacques Le Goff, que considera a memória como a propriedade de conservar certas informações. A lembrança do indivíduo inserido no contexto social que o clube, a escola, a igreja proporciona, constitui uma identidade. Portanto, almeja-se nesta pesquisa estes vestígios, as memórias (individuais, mas que ocorrem em um meio social dinâmico, como baliza Porteli) do Grêmio Flores da Primavera e, em determinados momentos, do Clube do Comércio. Analisar-se-ão os aspectos políticos, econômicos e culturais, de modo geral, da sociedade iratiense, bem como as transformações nestes aspectos com o passar dos anos.

OBSERVAÇÕES IMPORTANTES:

- A participação voluntária não é obrigatória. A qualquer momento, o(a) entrevistado(a) poderá desistir de participar e retirar seu consentimento. A recusa, desistência ou retirada de consentimento não acarretará prejuízo.
- A participação nesta pesquisa consistirá em uma entrevista, conduzida pelos pesquisadores, a respeito da experiência como associada/o, debutante, ou pessoa próxima do âmbito social do Grêmio Flores da Primavera e/ou do Clube do Comércio em determinado período.
- O registro dos dados será por meio de um gravador de áudio portátil. A mídia coletada após a entrevista será confidencial, não sendo permitida a sua divulgação total ou parcial pelos pesquisadores.
- A transcrição dos dados da entrevista oral será feita pelos próprios pesquisadores.
- Os pesquisadores responsáveis se comprometem a tornar públicos nos meios acadêmicos e científicos os resultados obtidos de forma consolidada sem qualquer identificação de indivíduos [ou instituições] participantes, se esta for a resolução tomada pelo (a) entrevistado (a).
- Caso concorde em participar desta pesquisa, o(a) entrevistado(a) deverá assinar ao final deste documento, que possui duas vias (sendo uma delas sua, e a outra, do pesquisador responsável e da orientadora da pesquisa).
- Seguem os telefones e o endereço institucional dos pesquisadores responsáveis e do Comitê de Ética em Pesquisa –COMEP/UNICENTRO, para esclarecimentos a respeito do projeto e da vossa participação nele, agora ou a qualquer momento.

CONTATOS:

Lucas Antoszczyszyn
 E-mail: antoszczyszyn98@outlook.com
 Telefone: (42) _____.

Alexandra Lourenço
 E-mail: _____
 Telefone: _____.

Caso tenha dificuldade em entrar em contato com os pesquisadores responsáveis, comunique o fato à Comissão de Ética em Pesquisa da UNICENTRO: Rua Simeão Camargo Varela de Sá, 03 . Vila Carli - CEP: 85040-080 – Guarapuava – PR. Bloco de Departamentos da Área da Saúde - Campus Cedeteg .Telefone: (42) 3629-8177. E-mails: comep_unicentro@yahoo.com.br e comep@unicentro.br

Eu, _____, tendo sido convidad(o,a) a participar como voluntári(o,a) do estudo ***DOS BAILES ÀS MEMÓRIAS: HISTÓRIA DAS MULHERES E O GRÊMIO FLORES DA PRIMAVERA EM IRATI PR (1954-1978)***, recebi d(o,a)s Sr(a)s Lucas Antoszczyszyn (acadêmico) e Alexandra Lourenço (DEHIS/I), responsáveis por sua execução, as informações que me fizeram entender os aspectos acima listados. Declaro que entendi os objetivos de minha participação na pesquisa e que concordo em participar.

Irati, ____ de _____ de _____.

Assinatura d(o,a) participante: _____

Assinatura d(o,a) pesquisador(a): _____

ÁLBUM DIGITAL
DEBUTANTE EDILIAN MENON



REPRODUÇÃO AUTORIZADA APENAS
PARA FINS DE PESQUISA CIENTÍFICA

- (X) Autorizo a divulgação integral deste trabalho no banco de dados do PPGH/UNICENTRO.
- () Autorizo apenas a divulgação do resumo e do *abstract* no banco de dados do PPGH/UNICENTRO.

Irati(PR), 18 de setembro de 2022 .



Lucas Antoszczyszyn